

MARIELLA SILVA DE OLIVEIRA

**Saúde da mulher em revistas semanais brasileiras:
conteúdo e qualidade científica**

Dissertação de Mestrado

ORIENTADOR: Prof. Dr. Aarão Mendes Pinto Neto

**Unicamp
2008**

MARIELLA SILVA DE OLIVEIRA

**Saúde da mulher em revistas semanais brasileiras:
conteúdo e qualidade científica**

Dissertação de Mestrado apresentada à
Pós-Graduação da Faculdade de Ciências
Médicas da Universidade Estadual de
Campinas para obtenção do Título de
Mestre em Tocoginecologia, área de
Tocoginecologia

ORIENTADOR: Prof. Dr. Aarão Mendes Pinto Neto

**Unicamp
2008**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DA FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS DA UNICAMP

Bibliotecário: Sandra Lúcia Pereira – CRB-8ª / 6044

OI4s	<p>Oliveira, Mariella Silva de Saúde da mulher em revistas semanais brasileiras: conteúdo e qualidade científica. / Mariella Silva de Oliveira. Campinas, SP : [s.n.], 2008.</p> <p style="text-align: center;">Orientador : Aarão Mendes Pinto Neto Dissertação (Mestrado) Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Ciências Médicas.</p> <p style="text-align: center;">1. Jornalismo científico. 2. Saúde da mulher. 3. Periódicos brasileiros. 4. Mulheres na comunicação de massa. 5. Saúde na comunicação de massa. 6. Qualidade de vida. 7. Saúde. I. Pinto Neto, Aarão Mendes. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Ciências Médicas. III. Título.</p>
------	--

Título em inglês : Women's health in weekly Brazilian news magazines: content and scientific quality

Keywords: • **Scientific journalism**
• **Women's health**
• **Brazilian journals**
. **Mass media and women**
. **Health in mass media**
. **Quality of life**
. **Health**

Titulação: Mestre em Tocoginecologia
Área de concentração: Tocoginecologia

Banca examinadora:
Profº. Drº. Aarão Mendes Pinto Neto
Profª. Drª. Vera Regina Toledo Camargo
Profº. Drº. Francisco Prota
Data da defesa: 20 - 08 - 2008

BANCA EXAMINADORA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Aluno: Mariella Silva de Oliveira

Orientador: Prof. Dr. Aarão Mendes Pinto Neto

Membros:

1.

2.

3.

Azeite
F. Edson de O. Neto
Paula Amaral

Curso de Pós-Graduação em Tocoginecologia da Faculdade
de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas

Data: 20/08/2008

200823439

Dedico este trabalho...

A minha família, celeiro dos meus sonhos:

Pai, Mãe e Pi, tudo que sou e ainda virei a ser, devo a vocês.

Agradecimentos

A Deus, por providenciar todos os momentos desta pesquisa e ser presença constante em meu coração e vida diária. Do início ao fim, obrigada pelo Teu cuidado e fidelidade ao colocar sempre bons anjos em meu caminho.

Ao meu orientador, Dr. Aarão Mendes Pinto Neto, pela disponibilidade para o desafio em orientar esta “estranha no ninho”, pelo exemplo de disciplina, profissionalismo e dedicação. Obrigada por sempre ouvir meu ponto de vista e apoiar todas as empreitadas.

À minha família querida, que sempre acreditou em minha capacidade, pelo carinho, colo, telefonemas, orações e visitas.

À pesquisadora do Labjor, Dra. Vera Regina Toledo, responsável pela minha aproximação com o jornalismo científico em saúde. Suas “cutucadas” fortes e decididas foram meu apoio e empolgação em cada conversa para o mestrado, para a Espanha, para tudo!

Aos amigos que estiveram perto, em especial às meninas da minha casa N-10, Bet, Lú, Ivy, Lari e Li pela acolhida, amizade, alegria. Aos queridos do Ministério Universidades Renovadas que me ensinaram a ser uma jornalista para a construção de um mundo melhor, conciliando fé e razão, em especial, ao Fabião, Robs, Chok, sempre com sábios conselhos e direcionamentos. Aos que estão longe (em Minas, Sampa, Brasília, Asunción, Madrid e Kaisersech), mas dentro do coração. Obrigada ainda pela leitura, tradução, apoio e comentários de partes deste trabalho à bióloga Maria Guimarães, ao vizinho Léo, ao Ernandes.

Aos colegas e professores das disciplinas do mestrado, e aos funcionários do Caism (em especial, Clarice, Vilton, Margarete, Klesio e as meninas da portaria) pela paciência com que me auxiliaram nesse ambiente médico e de pesquisa.

A Capes, pela concessão de um ano de bolsa para dedicação à pesquisa. Ao Banco Santander, pela concessão de seis meses de bolsa de mobilidade internacional.

A todos que me enviaram referência sobre a temática da pesquisa, e aos que trabalham para que através da ciência nosso país seja melhor, muito obrigada!

Sumário

Resumo.....	viii
Summary.....	x
1. Introdução.....	12
2. Objetivos.....	21
2.1. Objetivo geral.....	21
2.2. Objetivos específicos.....	21
3. Publicações.....	22
3.1. Artigo 1.....	23
3.2. Artigo 2.....	53
3.3. Artigo 3.....	74
4. Discussão.....	93
5. Conclusões.....	103
6. Referências Bibliográficas.....	104
7. Anexos.....	117
7.1. Anexo 1 Ficha manual para coleta de dados.....	118
7.2. Anexo 2 Planilha do excell para coleta de dados.....	119
7.3. Anexo 3. Relação dos textos e temas sobre saúde da mulher.....	120
7.4. Anexo 4. Tabelas descritivas da amostra, por revista.....	123
7.5. Anexo 5. Index of Scientific Quality.....	125
7.6. Anexo 6. Versão brasileira do Index of Scientific Quality.....	127
7.7. Anexo 7. Resposta do autor do questionário original à pesquisadora.....	129
7.8. Anexo 8. Exemplos de gêneros jornalísticos retirados da amostra.....	130

Lista de tabelas

		PÁG.
Artigo 1	Tabela 1. Textos sobre saúde da mulher na mídia impressa nacional agosto/2005-julho/2006	51
	Tabela 2. Conteúdos sobre saúde da mulher nas revistas Veja, Época e Isto É	52
Artigo 2	Tabela 1. Análise da consistência interna (alfa de Cronbach) dos itens, por avaliador	72
	Tabela 2. Análise de concordância.	73
Artigo 3	Tabela 1. Qualidade científica dos textos sobre saúde da mulher	92
Anexo 3	Relação dos textos e temas sobre saúde da mulher	120-122
Anexo 4	Tabelas descritivas da amostra, por revista	123-124

Resumo

Objetivos: avaliar o conteúdo e qualidade científica de textos informativos sobre saúde da mulher apresentados em revistas semanais brasileiras.

Métodos: pesquisa de corte transversal, a partir da coletânea de textos sobre saúde da mulher, difundidos pelas três revistas semanais do segmento atualidades (Veja, Época e IstoÉ), pelo período de um ano, entre agosto de 2005 e julho de 2006. Inicialmente, foi identificado o tema em saúde da mulher presente no texto jornalístico, como saúde reprodutiva, prevenção, riscos e cuidados, beleza e estética, sexualidade, saúde mental, violência, menopausa e saúde geral. Em seguida, outras variáveis foram identificadas, como o gênero informativo do texto, que poderia ser nota, notícia, reportagem ou entrevista; a presença de ilustração; o tipo de fonte que deu informações ao repórter, seja ela científica, empresarial, governamental e a região geográfica de origem da informação. Para avaliar a qualidade científica dos textos, 80 unidades foram analisadas de forma independente por dois médicos e dois jornalistas, através de questionário Index Of Scientific Quality, adaptado para o português e submetido à prova piloto e reteste. Após a análise dos textos, foi verificada a consistência interna dos itens do questionário (medida pelo alfa de Cronbach) e a concordância inter e intra-observador (através do índice Kappa) para cada um dos oito itens do questionário, que variam de um a cinco pontos e medem a

aplicabilidade, opinião versus fato, validade, alcance, precisão, coerência, conseqüência e um item global, que resume os outros itens e cuja mediana foi considerada para avaliação da qualidade. **Resultados:** Foram coletados 987 textos sobre saúde, sendo que 14,8% deles foram classificados como textos sobre saúde da mulher. Houve predomínio do assunto saúde reprodutiva (26,7%) e gênero informativo nota (45,2%). O tema menos referido foi a menopausa, com 4,8% do total do espaço. A maioria dos textos foi ilustrada (87,7%), com fontes científicas (41,1%) e informações de origem internacional (41,1%). Ao buscar a qualidade científica dos textos foram encontradas medianas que variaram de 2 a 4 em sete itens do questionário sendo que a referente ao item global foi igual a três. A consistência interna dos itens do questionário variou entre 0,81 e 0,96. A concordância inter-avaliadores foi de - 0,03 a 0,48 e a intraobservador variou entre 0,27 e 0,34. (IC 95%). **Conclusões:** A saúde da mulher ocupou pouco espaço nas revistas semanais brasileiras de generalidades e apareceu mais relacionada a aspectos reprodutivos. Os itens do questionário mensuraram a qualidade científica de forma adequada, porém a baixa concordância inter e intra-observadores indica a necessidade de novos estudos para avaliar a versão brasileira do ISQ. A qualidade científica dos textos foi moderada.

Palavras-chave: jornalismo científico, saúde da mulher, periódicos brasileiros, comunicação de massa e mulheres, saúde na comunicação de massa, saúde e qualidade de vida

Summary

Objectives: To evaluate the content and scientific quality of informative texts on women's health published in weekly Brazilian news magazines. **Methods:** A cross sectional study carried out by evaluating all the texts on women's health published in three weekly current affairs magazines (Veja, Época and Istoé) over a period of one year. Content was expressed as variables describing topics of women's health, e.g. reproductive health, prevention, risks and healthcare, beauty and esthetics, sexuality, mental health, menopause and general health; the format of the report, e.g. a brief note, headline, article or interview; whether it was illustrated; the source of information, e.g. whether scientific, commercial, governmental or other; and the geographical origin of the information. To evaluate the scientific quality of the texts, 80 units were independently analyzed by two physicians and two journalists using the Index of Scientific Quality (ISQ), adapted for use in Portuguese and submitted to a pilot test and retest. Following analysis of the texts, internal consistency was measured using Crombach's alpha, and inter- and intra-rater agreement using the Kappa index for each one of the eight items in the questionnaire. Items received from 1 to 5 points and measured applicability, opinion versus fact, validity, scope, precision, coherence and consequence, as well as providing an

overall median that summarized the other items and represented an evaluation of quality. **Results:** A total of 146 texts on the subject of women's health were found, comprising 14.8% of the total space devoted to health in general. The most commonly reported subject was reproductive health (26.7%) in the format of a brief note (45.2%). The least common subject was menopause, comprising only 4.8% of the total space. Most of the reports were illustrated (87.7%), originated from scientific sources (41.1%) and were of international origin (41.1%). The scientific quality of the texts received a median score that ranged from 2 to 4 in seven items of the questionnaire, while the overall median score was 3. Internal consistency of the items in the questionnaire ranged from 0.81 to 0.96. Inter-rater agreement varied between -0.03 and 0.48, while intra-rater agreement ranged from 0.27 to 0.34 (95%CI). **Conclusion:** Little space is allocated to women's health in weekly news magazines and reports appear to be related predominantly to subjects concerning reproduction. The items comprising the questionnaire provide an adequate measurement of scientific quality; however, low inter- and intra-rater agreement indicates a need for further studies to evaluate the Brazilian version of the ISQ. The scientific quality of the texts was evaluated as moderate.

Key words: scientific journalism; women's health; Brazilian journals; mass media and women; health in mass media; health and quality of life.

1. Introdução

A imprensa tem um papel fundamental na transmissão de informações em saúde uma vez que ela aproxima o discurso científico e o faz mais acessível e interessante, além de ser o principal meio pelo qual as novidades chegam até o cidadão. Logo, para se ter boa saúde é preciso estar bem informado (Hansen, 2004). Estudo recente, com 12 jornais de nove países da América Latina e Caribe (entre eles, o Brasil) encontrou que medicina e saúde são temas predominantes na maioria das colunas de ciência e tecnologia (Massarani e Boys, 2007)¹. Pesquisa nacional relatou que para mais de 80% de 162 entrevistados o cuidado com a saúde é a principal justificativa para que a população participe nas questões da ciência, sendo que 71% se consideram pouco informados (Vogt e Polino, 2003).

A informação médica e sanitária produz notícias e é um tema de evidência na mídia uma vez que grandes problemas mundiais são a ela relacionados, como a Aids, drogas e nutrição, etc (Parks,² 1962). Shuchman e

¹ <http://www.cientec.or.cr/pop/2007/BR-LuisaMassarani.pdf>

² Parks, GC. *apud* Calvo Hernando M. Manual de periodismo científico. Barcelona: Bosch Casa Editorial. 1997. 242p.

Wilkes (1997)³ discutiram a produção das notícias sobre saúde e destacaram o sensacionalismo, conflitos de interesse, falta de seguimento e falta de cobertura em determinadas áreas. Esses autores afirmam que jornalistas e cientistas são responsáveis por esses quatro problemas, pois como a informação jornalística em geral precisa ser difundida rapidamente, nem sempre há tempo – e espaço - para se contextualizar a história. Há superestimação de descobertas (muitas vezes por parte do próprio cientista), informações incompletas ou ambíguas e até divulgação de resultados apresentados em eventos científicos com estudos preliminares, sem deixar claras as limitações, vieses, credibilidade das fontes, métodos utilizados ou conflitos de interesse.

Isso pode ser considerado preocupante, pois as pessoas têm direito a receber informações sobre saúde objetivas, verdadeiras, válidas e contextualizadas de tal modo que possam ser compreendidas (Calvo Hernando, 1997). Uma vez na mídia, a informação antes restrita ao laboratório se amplifica, e pode se tornar o centro dos debates desde as camadas menos instruídas até a academia. Phillips et al. (1991)⁴ analisaram a quantidade de citações de artigos de um periódico médico inglês que foram alvo de cobertura do jornal *The New York Times*, por dez anos e os comparou com outros artigos da mesma publicação científica e que não foram transformados em notícia. Durante o primeiro ano, as pesquisas que viraram notícias receberam 72,8% mais citações em outros artigos científicos que os artigos do grupo controle, não noticiados.

³ <http://www.annals.org/cgi/content/full/126/12/976>

⁴ <http://content.nejm.org/cgi/content/abstract/325/16/1180>

A imprensa pode afetar inclusive a direção da pesquisa, já que os governantes se inteiram muito mais das descobertas e avanços através dos meios de comunicação que dos veículos especializados (Nelkin, 1995). Então, avaliar o que a mídia divulga em saúde possibilita que se avalie em que a sociedade baseia suas discussões e decisões em saúde. É preciso considerar e ponderar que os meios de comunicação de massa não dizem às pessoas o que pensarem, mas transmitem à sociedade sobre o que pensar (Wallack, 1990). Portanto, se a imprensa se torna o principal canal de informações em saúde para a população, é importante uma cobertura ampla e de qualidade, o que nem sempre acontece.

Na literatura científica há estudos que analisaram desde a coleta de informações pelos jornalistas até a recepção (como o público percebe e se apropria do conhecimento em saúde). Os autores geralmente localizam um tema dentro da saúde e procuram os vieses de cobertura jornalística de tal assunto, com amostras que dependem dos objetivos de cada estudo (Castro, 2005; Gonçalves e Varandas, 2005; Barata, 1990; França, Abreu e Siqueira, 2004; Serra e Santos, 2003⁵; Chauad e Marchioni, 2004).

O discurso da mídia em relação a Aids, por exemplo, foi tema de artigos científicos (Castro, 2005; Gonçalves e Varandas, 2005). No primeiro, foi analisado o discurso das duas principais revistas nacionais semanais do Brasil na década de 1980 e 1990. O segundo questionou o papel da mídia diante da doença e a representação da mulher nos textos. Foi a mídia quem anunciou o

⁵ http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232003000300004&lng=pt&nrm=iso

aparecimento dessa nova doença para o público e os jornalistas reconhecem-na por si só como notícia (Spink et al, 2001). Em relação a outras doenças, foram apontadas limitações a serem consideradas como o fato de a imprensa nem sempre recorrer a especialistas nacionais preferindo fontes internacionais para legitimação do assunto saúde ou cobrir somente a doença em si, em detrimento da prevenção (Barata, 1990. França, Abreu e Siqueira, 2004).

Outro aspecto da saúde pautado na mídia é o fator nutricional. Nesse caso, o que é informado nem sempre representa a verdade ou o texto jornalístico é conduzido somente por interesses econômicos (Serra e Santos, 2003; Chauad e Marchioni, 2004). Isso também é notado na cobertura da área de medicamentos. A maioria da população acaba se automedicando, influenciada pelos meios de comunicação e há um descompasso entre o que é publicado na mídia e o perfil epidemiológico do consumo de psicotrópicos no país (Noto et al, 2003). De acordo com Lefèvre (1999), a imprensa prepara o leitor para a “consumização da saúde”.

No que se refere a saúde da mulher, foram encontrados poucos estudos nacionais relacionando o tema aos meios de comunicação, ao contrário da literatura internacional(Weston e Ruggiero, 1986; Moyer et al, 2001; Revuelta et al, 2003). Nos Estados Unidos, por exemplo, um estudo que acompanhou dez anos de revistas femininas observou que a maior parte delas focava o tema saúde em dieta, exercícios e nutrição em detrimento de outros temas relevantes (Weston e Ruggiero, 1986). A cobertura nesse país em 1997, nem sempre coincidiu com os temas das principais revistas médicas nem com a

epidemiologia ou as preocupações femininas (Moyer et al, 2001). Na Europa, amostra dos principais jornais espanhóis entre 1997 e 2001 também traz um predomínio de textos sobre sexualidade, beleza, estética e *fitness* fazendo relação à mulher, e pouco debate de outros temas (Revuelta et al, 2003).

Quando a análise centra-se em temas específicos em saúde da mulher, o resultado mostra também disparidades entre o que é publicado e a realidade. Publicação norte-americana editada em 1996, intitulada *Evaluating Women's Health Messages: A Resource Book*, traz diversos artigos como o de Miller (1996) que observou o aborto na imprensa e concluiu que de 1986 a 1992, os meios de comunicação deixaram de lado o aspecto sanitário em saúde da mulher para focarem-se na legalidade do tema. Outro assunto analisado, a histerectomia, foi apresentado pelos meios de comunicação de forma ingênua, com linguagem entusiasta sem destaque aos riscos e efeitos colaterais, como apontou o trabalho de Sefcovic (1996). Esse autor analisou jornais e revistas de 1986 a 1992 e relatou que há desequilíbrio entre benefícios e riscos desse procedimento de retirada do útero.

O mesmo aconteceu com o tema relacionado às tecnologias reprodutivas, pois a imprensa americana no período, deixou os leitores pouco informados sobre procedimentos mais baratos e menos invasivos que a fertilização in vitro, sem trazer muita informação sobre riscos, além de mascarar o alto custo do processo (Condit, 1996) . Outros temas como menstruação e menopausa tiveram relevante cobertura na mídia americana no início dos anos 90, porém, a imprensa retratou o ciclo menstrual mais como um problema a ser

tratado com medicamentos que como um evento natural, apegando-se mais as más notícias (Kalbfleish, Bonnel e Harris, 1996).

No Brasil, o trabalho da Comissão de Cidadania e Reprodução trouxe análises dos principais jornais da imprensa brasileira, O Globo, Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo e Jornal do Brasil sobre biociências, Aids, cultura sexual, aborto e reprodução humana entre 1996 e 2000. A obra enfatizou a necessidade de se analisar a cobertura dos veículos em relação a saúde e que o jornalismo exerça o papel de formação da consciência do cidadão e forneça informações validadas pela comunidade científica (Oliveira et al., 2002).

A dissertação de Simões (2000) apresentou o tema mídia e saúde, em 28 dias de acompanhamento de seis veículos impressos (quatro jornais e duas revistas), no ano de 1997, encontrando 433 textos sobre saúde, dos quais 8% eram sobre saúde da mulher. Outro estudo analisou quatro meses de três revistas femininas publicadas no ano 2000, encontrando 188 textos sobre saúde da mulher e revelou que até mesmo nesse veículo específico para as mulheres permanecem lacunas em temas relevantes da epidemiologia e o espaço onde se fala em saúde é reduzido (Brito, 2001).

O trabalho de Amaral (2005) centrou-se num fato importante da vida da mulher, a menopausa, e concluiu que a imprensa dedicou pouco espaço a este tema e pode ser um dos responsáveis pela manutenção dos mitos que envolvem esse período de transição da fase reprodutiva para a não reprodutiva. Outro trabalho com mais de 2600 matérias jornalísticas sobre o tema reprodução, afirmou que a maioria dos textos (65,6%) apresentaram assuntos

como gravidez, contracepção, clonagem/tecnologia genética enquanto que a menopausa ocupou só 3,9% do noticiário (Citeli, 2002).

É sabido que a saúde da mulher é considerada muitas vezes apenas nos aspectos reprodutivos (Torrens, 2005). Dentro da própria academia o foco das pesquisas em saúde da mulher durante muito tempo centrou-se em temas como concepção, gravidez e parto (Gannon et al., 1997) e os programas de saúde para mulheres utilizavam-na como "um meio para alcançar fins sociais, respeitáveis, mas diferentes de um benefício direto à própria mulher" (Faúndes, 2000, p. 63). No Brasil, somente a partir da década de 80, com a implantação do Paism, o Programa de Atenção Integral à Saúde da Mulher, houve uma mudança na forma como a saúde da mulher era tratada, dando nova dimensão e ampliando o significado do corpo feminino na sociedade. "No contexto do Paism, as mulheres deixaram de ser vistas apenas como parideiras, e o cuidado de sua saúde não deveria mais restringir-se à atenção pré-natal, ao parto e puerpério"(Osis, 1998, p. 31). E de fato, após a implantação do Paism em São Paulo, por exemplo, de 1987 a 1990, houve melhora nas orientações recebidas na maternidade, na prática da prevenção do câncer de colo uterino, auto-exame das mamas, e também na qualidade do atendimento recebido nos postos de saúde (Bacha, 1997).

Segundo a Organização Mundial da Saúde, saúde da mulher é o principal determinante de saúde infantil, portanto, a qualidade da saúde no futuro depende dos investimentos em saúde da mulher e conhecimento das novidades na área por parte da população, que vai discernir sobre sua saúde.

Inclusive, uma das metas do milênio é melhorar a saúde materna o que pressupõe a promoção integral da saúde das mulheres (Nações Unidas, 2001)⁶. E sua saúde merece atenção não só pela possibilidade da maternidade, mas por sua representatividade e importância no cenário nacional. Atualmente, elas correspondem a mais da metade da nação (Brasil, 2000a)⁷ e sua expectativa de vida que na primeira década do século passado era de 34,6 anos (Barroso, 1985) atualmente chega a 75,93 anos (Brasil, 2006a)⁸. Além disso, com a crescente entrada da mulher no mercado de trabalho, elas correspondem hoje a 43,10% da população economicamente ativa (Brasil, 2000b)⁹ e demandam grande quantidade de informações sobre sua saúde, devido a sua exposição a fatores de risco antigamente restritos aos homens, atividade sexual precoce e livre, e manutenção de um estilo de vida muitas vezes inadequado (Godinho e Mameri, 2002)¹⁰, com a incorporação de hábitos e comportamentos de risco como excesso de peso, inatividade física, consumo de álcool e fumo (Brasil, 2007b).

Na década de 90, foi desenvolvido no Canadá um instrumento, *Index of Scientific Quality (ISQ)* (Oxman et al, 1993), validado na Argentina (Biondo e Khoury, 2005) e cujo questionário preliminar foi usado também na Espanha (Montane E, et al., 2005). Nos dois estudos, descobriu-se uma baixa

⁶ <http://www.portaldovoluntario.org.br/press/uploadArquivos/117250707519>

⁷ http://www.ibge.gov.br/brasil_em_sintese/tabelas/populacao_tabela01.htm

⁸ <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/idb2006/a11f.htm>

⁹ http://www.ibge.gov.br/brasil_em_sintese/tabelas/trabalho.htm

¹⁰ http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/GT_SAU_ST35_Godinho_texto.pdf

qualidade científica das informações em saúde. Entretanto não se tem conhecimento de questionário brasileiro que avalie essa qualidade.

O trabalho dos profissionais da saúde, quando adequadamente divulgado pela mídia, pode contribuir para conscientizar a população, prevenir doenças, e informar sobre o tratamento correto. Se feito de forma equivocada porém, a mídia pode alarmar a população sem necessidade ou gerar falsas expectativas em torno de descobertas sem validação científica. É importante pois, buscar novos instrumentos de avaliação da informação científica na mídia, já que ela deve ampliar a consciência sanitária da população.

Com eficiente divulgação de saúde e envolvimento de cientistas, jornalistas e legisladores, seria possível contribuir para melhorar a qualidade de vida das mulheres, além de diminuir os gastos do governo com ações curativas e alertar aos governantes e a comunidade científica sobre os temas que merecem espaço na agenda pública. Por isso é importante verificar como é a cobertura da imprensa em relação a saúde da mulher. Não se pretende aqui discutir a saúde da mulher nos aspectos teóricos do tema, mas conhecer como a imprensa apresenta-o à população. Este estudo possibilitará discutir a qualidade científica e os conteúdos dos textos jornalísticos e visa também estimular outros estudos sobre o que é veiculado pela imprensa, uma vez que há escassez de trabalhos nacionais nessa área, além de contribuir para a melhoria do jornalismo.

2. Objetivos

2.1. Objetivo geral

Analisar textos sobre saúde da mulher apresentados pelas principais revistas brasileiras semanais de generalidades quanto ao conteúdo e à qualidade científica através de questionário internacional adaptado para este fim.

2.2. Objetivos específicos

- ? Quantificar os textos sobre saúde da mulher presentes nas principais revistas brasileiras semanais de generalidades ao longo de um ano, em relação a saúde em geral, descrevendo os temas sobre saúde da mulher noticiados .
- ? Adaptar para o português o questionário *Index of Scientific Quality*
- ? Verificar a qualidade científica dos textos sobre saúde da mulher

3. Publicações

Artigo 1

Imprensa e saúde da mulher: a abordagem das revistas semanais brasileiras

Artigo enviado à Revista Brasileira de Ciências da Comunicação

Artigo 2

Scientific Journalism and Women's Health: An Adaptation of the Index of Scientific Quality for Use in Brazilian Portuguese

Artigo enviado à revista Journal of Clinical Epidemiology

Artigo 3

Saúde da mulher na imprensa brasileira: análise da qualidade científica nas revistas semanais

Artigo enviado à revista Interface-Comunicação, Saúde e Educação

3.1. Artigo 1

Revista Intercom] Agradecimento pela Submissão

mariella silva de oliveira,

Agradecemos a submissão do seu manuscrito "Imprensa e saúde da mulher: a abordagem das revistas semanais brasileiras" para Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. Através da interface de administração do sistema, utilizado para a submissão, será possível acompanhar o progresso do documento dentro do processo editorial, bastando logar no sistema localizado em:

URL do Manuscrito:

<http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/rbcc/author/submission/4979>

Login: mariella

Em caso de dúvidas, envie suas questões para este email. Agradecemos mais uma vez considerar nossa revista como meio de transmitir ao público seu trabalho.

Cicilia M. Krohling Peruzzo

Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação


Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação

<http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/rbcc>



Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação

Submissão

Autores	mariella silva de oliveira, Lucia Helena Costa Paiva, José Vilton Costa, Aarão Mendes Pinto-Neto		
Título	Imprensa e saúde da mulher: a abordagem das revistas semanais brasileiras		
Documento Original	4979-13284-1-SM.doc	2008-06-03	
Doc. Sup.	4979-13286-1-SP.xls	2008-06-03	Incluir Documento Suplementar
	4979-13287-1-SP.xls	2008-06-03	
Submetido por	mariella silva de oliveira 		
Data de submissão	June 3, 2008 - 03:31 PM		
Seção	Comunicações Científicas		
Editor	Nenhum(a) designado(a)		
Situação	Aguardando designação		
Iniciado	2008-07-01		
Última alteração	2008-06-03		

Imprensa e saúde da mulher: a abordagem das revistas semanais brasileiras

Mariella Silva de Oliveira, Lucia Helena Costa Paiva, José Vilton Costa, Aarão Mendes Pinto-Neto,

Departamento de Tocoginecologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, Brasil

Endereço para correspondência:

Aarão M. Pinto-Neto. Departamento de Tocoginecologia
Universidade Estadual de Campinas. Rua Alexander Fleming, 101, Cidade Universitária
"Zeferino Vaz", 13083-970, Campinas, SP, Brasil.
Telefone/Fax: +55-19-3521-93-06. E-mail: aa rao@unicamp.br

* Mariella Silva de Oliveira é jornalista, especialista em jornalismo científico (Labjor-Unicamp) e informação em saúde (Anis-Espanha) e estudante de mestrado da Unicamp. Este artigo faz parte da dissertação de mestrado em andamento desde 2005 sob orientação do médico professor da Unicamp e especialista em jornalismo científico Dr. Aarão Mendes Pinto Neto. Dra. Lúcia é professora associada da Unicamp e José Vilton é estatístico do departamento de tocoginecologia da Unicamp.

Resumo:

O trabalho descreve o conteúdo de textos informativos sobre saúde da mulher nas principais revistas semanais brasileiras Veja, Época e IstoÉ, entre agosto de 2005 e julho de 2006. A amostra conteve 146 textos sobre saúde da mulher. Estes foram descritos por variáveis como tema em saúde da mulher, gênero jornalístico, presença de ilustração, fonte e região geográfica da informação. A saúde da mulher apareceu mais relacionado a aspectos reprodutivos, com predomínio de notas, textos ilustrados, fontes científicas e informações de origem internacional.

Resumen:

La investigación describe el contenido de textos informativos sobre la salud de la mujer en las principales revistas semanales brasileñas: Veja, Época e IstoÉ, desde agosto de 2005 hasta julio de 2006. La investigación ha obtenido 146 textos sobre la salud de la mujer. Ellos han sido descritos por variables como el tema en la salud de la mujer, el género periodístico, la presencia de ilustración, fuente y región de la información. La salud de la mujer estuvo más relacionada con los aspectos reproductivos, con predominio de notas, textos ilustrados, fuentes científicas e informaciones de origen internacional.

Abstract: This article evaluates the content of informative texts on women's health published in weekly Brazilian news magazines: Veja, Época and IstoÉ, over a period of one year. A total of 146 texts on the subject of women's health were found and content was expressed as variables describing topics of women's health, the format of the report, whether it was illustrated; the source of information, and the geographical origin of the information. The most commonly reported subject was reproductive health in the format of a brief note. Most of the reports were illustrated originated from scientific sources and were of international origin.

Palavras chave: saúde da mulher, jornalismo científico, comunicação de massa e mulheres, saúde na comunicação de massa

Introdução

Para se ter boa saúde é preciso estar bem informado (HANSEN, 2004). A literatura consultada aponta que os meios de comunicação são a principal fonte de informações para a população (RADFORD, 1997; COE, 1998) e devem noticiar os feitos em saúde de forma objetiva e verdadeira, válida e contextualizada para que possam ser compreendidos (CALVO HERNANDO, 1997). Uma boa divulgação em saúde possibilita que os cidadãos intervenham no mundo de forma consciente e não alienada (BARATA, 1990) além de diminuir os gastos públicos com a rede hospitalar (MELO, 2001). A mídia pode inclusive afetar a direção da pesquisa e desenvolvimento do país (NELKIN, 1995) pois os governantes se inteiram muito mais dos avanços em saúde através da imprensa que dos veículos especializados. Ela provê os tomadores de decisão com informações para os debates e negociações (WEISS, 1974).

Ademais, a população também se interessa pelo tema, pois um estudo qualitativo sobre a percepção pública da ciência e tecnologia com 2004 pessoas, realizado em 2006, mostrou que 60% dos brasileiros entrevistados têm muito interesse por medicina e saúde, 40% se informa muito sobre esses temas e para 56% os principais benefícios dos avanços científicos estão na saúde e proteção contra doenças, sendo que os jornalistas (42%) e médicos (43%) foram apontados como confiáveis para informá-los (BRASIL, 2007).

Uma vez na mídia, a informação antes restrita ao laboratório se amplifica, e pode se tornar o centro dos debates desde as camadas menos instruídas, passando pelo governo até a própria academia. Analisando a quantidade de citações de artigos de um periódico médico inglês que foram alvo de cobertura do jornal *The New York Times*, por

dez anos, e os comparando com outros artigos da mesma publicação que não foram transformados em notícia, pesquisadores descobriram que no primeiro ano após a publicação, os artigos cuja pesquisa virou notícia, receberam 72,8% mais citações em outros artigos científicos que os artigos do grupo controle, que não foram noticiados (PHILLIPS et al., 1991). Porém, as informações em saúde nem sempre têm veiculação adequada ou o devido espaço nos periódicos.

Em se tratando de saúde da mulher, as informações apresentadas ao público pela mídia também são em geral insuficientes ou de baixa qualidade (REVUELTA et al, 2003; WESTON e RUGGIERO, 1986). As mulheres vivem mais que os homens, sofrem mais enfermidades e dores e utilizam a maioria dos serviços médicos com mais frequência (AQUINO, MENEZES e AMOEDO, 1992; TRAVASSOS et al., 2002; KRAMARAE e SPENDER, 2006). Apesar desse quadro, é notório que a saúde da mulher é muitas vezes vista ainda somente sob o ponto de vista reprodutivo (TORRENS, 2002).

No Brasil, elas correspondem a mais da metade da nação (BRASIL, 2000a) e sua expectativa de vida que na primeira década do século passado era de 34,6 anos (BARROSO, 1985) atualmente chega a 75,93 anos (BRASIL, 2006). Com sua crescente entrada no mercado de trabalho as mulheres correspondem hoje a 43,10% da população economicamente ativa (BRASIL, 2000b) e demandam grande quantidade de informações sobre sua saúde, devido a sua exposição a fatores de risco antigamente restritos aos homens, atividade sexual precoce e livre, e estilo de vida inadequado (GODINHO e MAMERI, 2002). Estudos internacionais já analisaram a saúde da mulher na imprensa sob a perspectiva de temas específicos como aborto (MILLER, 1996), histerectomia (SEFCOVIC, 1996), tecnologias reprodutivas (CONDIT, 1996),

mamografia (KAHL e LAWRENCE-BAUER, 1996), menopausa (KALBFLEISH, BONNELL e HARRIS, 1996) e menstruação (CHRISLER e LEVY, 1990), entre outros. Em todos, o que se percebe é que as informações divulgadas nem sempre contribuem para a boa formação sobre saúde.

Em 1997, em 28 dias de acompanhamento de seis veículos impressos brasileiros (quatro jornais e duas revistas), foram coletados 433 textos sobre saúde e encontrado que a mídia destina em média somente 8% do total dos textos para saúde da mulher. Os assuntos abordados no período foram consumo de bebidas alcoólicas, dieta, gravidez, câncer de mama, câncer de útero, fertilidade, AIDS, celulite, hormônios e cuidados estéticos com a pele em detrimento dos problemas mais cruciais da saúde feminina (SIMÕES, 2000).

Outro estudo analisou o conteúdo em quatro meses de três revistas femininas publicadas no ano 2000, encontrando 188 textos sobre o tema e revelou que até mesmo nesse veículo específico para as mulheres permanecem lacunas em temas relevantes da epidemiologia, enquanto textos sobre beleza e consumo, com pautas superficiais tem considerável espaço (BRITO, 2001).

A investigação da Comissão de Cidadania e Reprodução mostra análises de publicações dos principais jornais da grande imprensa brasileira, de 1996 a 2000 sobre biociências, AIDS, cultura sexual, aborto, reprodução humana com uma amostra de mais de 11 mil textos sendo 45,8% sobre cultura sexual, 20,1 % sobre reprodução, 21,9% sobre doenças sexualmente transmissíveis e AIDS, 6,3% sobre câncer e 5,9% referentes a aborto. A obra enfatiza a necessidade de se analisar a cobertura dos veículos em relação à saúde, e que o jornalismo exerça o papel de formação da consciência do cidadão e forneça informações consistentes e validadas pela

comunidade científica (OLIVEIRA et al., 2002). As mais de 2600 matérias jornalísticas coletadas sobre o tema reprodução trouxeram em 65,6% dos textos assuntos como gravidez, contracepção, clonagem/tecnologia genética enquanto que um tema relevante como a menopausa ocupou só 3,9% do noticiário (CITELI, 2002).

Essa baixa quantidade de textos referentes a esse período de vida da mulher é confirmada por outro trabalho, (realizado com três revistas de atualidades entre os anos de 2002 e 2003), no qual se encontrou 312 textos que abordavam a saúde em geral e 52 a saúde da mulher sendo a menopausa presente em 20 deles, com predomínio de notas e ressaltando-se o aspecto biológico do fenômeno e a terapia de reposição hormonal, construídos com marcas pejorativas para esse estágio de vida da mulher (AMARAL, 2005).

Se a imprensa nem sempre promove a saúde é preciso avaliar os textos produzidos para se melhorar o jornalismo. Com eficiente divulgação de saúde seria possível melhorar a qualidade de vida das mulheres além de diminuir os gastos do governo e alertar aos governantes e pesquisadores sobre os temas que merecem espaço na agenda pública.

Não se tem conhecimento de estudos que avaliem a mídia generalista brasileira em relação à saúde da mulher. Nesse sentido, este trabalho apresenta as informações veiculadas durante doze meses consecutivos nas três principais revistas semanais de circulação nacional- Veja, Época e IstoÉ - e analisa a frequência com que aparece a saúde da mulher, identificando-se os temas mais recorrentes. A validade desse trabalho se reafirma quando é sabido que 57% do público leitor de revistas é constituído por mulheres (GRUPO, 2007).

Material e métodos

O presente estudo é de corte transversal. A amostra se compõe de textos sobre saúde apresentados em três revistas semanais de alcance nacional publicadas entre agosto de 2005 e julho de 2006, coletados em duas bibliotecas públicas e fotocopiados. Ao todo, as revistas Veja, Época e IstoÉ alcançam tiragem total de mais de 1,8 milhões de exemplares (GRUPO, 2007). A escolha por este veículo se justifica pelo fato de que a revista traz o texto contextualizado, descompromissado com o factual e que possibilita a análise das conseqüências do fato, devendo ser rica em detalhes e informações diferenciadas (LUSTOSA, 1996) além de ser veículo que mais espaço (16%) dedica a textos de saúde (EPSTEIN, 1998).

A revista Veja é a maior revista semanal de atualidades, a mais lida no país e a quarta mais vendida no mundo. Editada pela Editora Abril, sua tiragem obteve no ano de 2006 a média de 1,1 milhão de exemplares por edição. O perfil de seu leitor é feminino em sua maioria (53%), grande parte tem entre 20 e 39 anos (41 %), e 70% pertencem às classes A e B (EDITORA ABRIL, 2006).

Sob a responsabilidade das organizações Globo, a revista Época, também possui maioria de mulheres no seu público leitor (51%); 24% têm entre 25-34 anos e 19% entre 18-24 anos e nível de instrução médio (40%). Em relação à classe social, os leitores classe A e B correspondem a 62% e sua tiragem semanal gira em torno dos 433,6 mil exemplares(EDITORA GLOBO, 2006).

A revista IstoÉ, da Editora Três, possui tiragem de 351, 2 mil exemplares por edição e 53% dos leitores são homens; 67% são da classe AB e 39% têm entre 30 e 49 anos (OLIVEIRA, 2007). Essas tiragens das revistas são mensuradas pelo Instituto Verificador de Circulação, IVC, empresa que desde a década de 60 faz auditoria na circulação das publicações nacionais a ela afiliadas.

Textos opinativos foram excluídos, uma vez que neles é explícita a opinião do autor que, com um fundo persuasivo busca convencer o leitor sobre sua posição em relação ao fato. Esse tipo de texto compõe um gênero do jornalismo que expressa os acontecimentos de acordo com a posição ideológica do veículo ou jornalista- gênero opinativo (MESA, 2004). Além disso, estudos anteriores já atestaram a pequena quantidade de textos opinativos sobre saúde na imprensa (BRITO, 2001; AMARAL, 2005; VOGT et al, 2001). Textos publicitários também foram excluídos, juntamente com os que tratavam do simples relato do estado de saúde de celebridades sem ampliar a questão para a população e os que continham palavras e expressões do campo semântico “saúde” (por exemplo, dor, cura), mas relatavam outros temas.

A coleta dos dados foi feita manualmente pela pesquisadora principal. Os textos classificados como de saúde em geral apresentavam conteúdo integrado sobre saúde feminina, masculina e infantil e os textos sobre saúde da mulher, aspectos relativos à doença, problemas de saúde e bem-estar das mulheres.

Em seguida, os textos referentes à saúde da mulher foram categorizados de acordo com o assunto a que se referiam, podendo ser:

✍ Política, legislação e direito à saúde – campanhas governamentais de combate a hábitos e/ou comportamentos de risco que afetem a saúde da mulher em larga escala, campanhas do governo para adoção de medidas preventivas e controle de epidemias femininas; reivindicações de mulheres por um atendimento de saúde de qualidade, questões legais envolvendo saúde da mulher;

✍ Prevenção, riscos e cuidados - medidas necessárias às mulheres para evitar doenças e problemas de saúde, descrição de sintomas, e tratamento de doenças que atingem as mulheres, (excluindo-se cuidados referentes à saúde reprodutiva,

classificada em outra categoria), dietas e nutrição com finalidade específica para mulheres em seus diferentes estágios de vida e necessidades, terapias alternativas em saúde da mulher;

✍ Saúde geral - problemas ou aspectos de saúde em geral, mas cujo texto traz a informação de prevalência maior em mulheres;

✍ Saúde reprodutiva – cuidados para manter o sistema genital feminino saudável, doenças que podem afetar esse sistema; gravidez, parto, pós-parto, planejamento familiar e fertilidade;

✍ Saúde mental – transtornos psicológicos e comportamentais em mulheres, textos sobre cérebro feminino, memória e aprendizado;

✍ Situações de violência, exploração e denúncia – agressão física, sexual e psicológica com a mulher, dentro ou fora de casa;

✍ Beleza e estética: terapias, intervenções e tratamentos relatados no texto, quando fizerem referência a melhoria do corpo feminino, problemas de saúde que afetam a aparência ou desencadeados pelo culto à beleza;

✍ Sexualidade – textos referentes a prazer e atividade sexual de mulheres;

✍ Menopausa e envelhecimento – textos que abordem os diversos aspectos desse período.

Na segunda etapa da pesquisa, os textos foram classificados segundo o gênero informativo sobre o qual foram construídos. Os gêneros jornalísticos são diferentes categorias da mensagem que apresentam estruturas e estilos distintos. Eles são a maneira com que o jornalista informa, entretém ou opina sobre determinado assunto, (CAMARGO, 1998). Neste estudo, os textos informativos foram classificados como:

- ✍ Nota – relato breve de acontecimentos em processo de configuração, sobre o qual o jornalista tem poucas informações (MELO, 1985);
- ✍ Notícia – relato de uma série de fatos, a partir do mais importante ou interessante e de cada fato por seu aspecto mais importante ou interessante (LAGE, 1985). A notícia reporta de forma mais ampla os fatos que acontecem na sociedade, de forma integral e mais explorada que a nota;
- ✍ Reportagem – ampliação da notícia (MELO, 1985) seja através da humanização, reconstituição histórica do fato ou contextualização (MEDINA, 1978). A reportagem descreve de forma mais completa algo que já repercutiu na sociedade e o jornalista busca diferentes ângulos para aumentar as possibilidades de entendimento e interpretação do leitor a respeito do fato;
- ✍ Entrevista – relato que privilegia um ou mais protagonistas do fato e possibilita um contato direto com a sociedade (MELO, 1985), através de perguntas e respostas ou redação discursiva do depoimento de um entrevistado (LAGE, 1985).

Foi medida ainda a presença de recurso icônico, como fotos, imagens ou desenhos, pois a fotografia não é só um complemento informativo, mas um instrumento direto para dar a conhecer aspectos distintos da informação (CALVO HERNANDO, 1997).

Em relação à fonte que forneceu informações ao repórter, foi utilizada a seguinte classificação:

- ✍ Científica: cientistas, sociedades científicas, profissionais da saúde ligados a universidades, estudos publicados em revistas científicas, congresso, etc;
- ✍ Governamental: membros, órgãos ou institutos do poder público e que não tem como função básica a atividade de pesquisa;

- ✍ Empresarial: empresários, laboratórios farmacêuticos, centros de pesquisa privados;
- ✍ Outros: cidadãos, profissionais da saúde sem explicitar no texto sua dedicação à pesquisa, entidades assistenciais, organizações não governamentais, etc;
- ✍ Mista: quando apresentava mais de uma das fontes acima citadas;
- ✍ Não identificada: quando o texto não transparecia a voz da fonte consultada.

A região geográfica de onde provinha a informação também foi descrita como sendo:

- ✍ Internacional – se proveniente de regiões além das fronteiras nacionais como América do Norte, Central, do Sul, Europa, Ásia, África e Oceania;
- ✍ Nacional – separadas de acordo com a região norte, nordeste, sul, sudeste, centro-oeste;
- ✍ Mista – quando constavam no texto informações de ambas origens;
- ✍ Não identificado – quando foi impossível distinguir a origem geográfica da informação.

Finalizando a coleta de dados, foram contabilizados os textos que faziam referência aos principais fatores de mortalidade feminina de acordo com os indicadores nacionais (2006c).

Para a análise estatística, foi criado um banco de dados no Excel com todas as variáveis do estudo. Após verificação da consistência dos dados e limpeza do arquivo, eles foram transportados para o software SAS versão 9.1.3 (*SAS Institute Inc., Cary, USA*) onde foi realizada a estatística utilizando-se freqüência das variáveis.

Resultados

Em 987 textos sobre saúde, a saúde da mulher foi referida em 146; 14,8% do total. A revista *Época* foi a que numericamente mais espaço deu ao tema, com 55 textos, enquanto *IstoÉ* forneceu 48 textos e *Veja*, 43. O gênero notas foi o mais

prevalente (45,2%), seguido de reportagem (29,5%); notícia (22,6%) e entrevista (2,7%). Os textos são em sua maioria ilustrados (87,7%) e a maior parte das fontes consultadas é científica (41,1%), ou mista (36,3%). O governo e as fontes empresariais são pouco consultados como fonte, obtendo 5,5% e 6,2% respectivamente. É impossível identificar a fonte consultada pelo jornalista em 2,7% dos textos e em 8,2% deles há voz de cidadãos comuns, organizações não governamentais ou profissionais da saúde não ligados à pesquisa científica, classificados como outras. Quanto à região geográfica da informação, tem-se que a maioria é internacional (41,1%), predominando textos da América do Norte (55%). Quanto aos de origem nacional (38,4%), a maioria não identifica de que parte do Brasil provém a informação, (42, 9%) e 41,1% deles faz referência a região sudeste (Tabela 1).

A tabela 2 apresenta os principais temas em saúde da mulher referidos pela mídia impressa brasileira, no período. A saúde reprodutiva ocupa a maior parte do noticiário com 26,7% e os textos vão desde a constatação sobre o comportamento do feto e conseqüências do estilo de vida materno para o bebê, dicas e dificuldades da gestação, novidades, tecnologias e literatura sobre reprodução ou anticoncepção, atendimento às gestantes no sistema público e privado, infertilidade, novas drogas, vacinas e pesquisas, até curiosidades como a comercialização de leite materno e o fato de a menstruação acontecer cada vez mais cedo. O cuidado com o prematuro e as dificuldades na gravidez também foram parte do noticiário.

Em seguida, estão textos sobre prevenção, riscos e cuidados, com 19,9%. A prevenção, não é o forte da mídia brasileira (BRITO, 2001), sendo tema de três notas, duas sobre câncer de mama e um sobre novidade na prevenção de queimaduras solares. Onze textos trazem à tona riscos, sintomas e tratamento de doenças que

atingem as mulheres, sendo que cinco fazem referência a câncer. Um texto proveniente de um caderno especial sobre a mulher, traz uma reportagem com as últimas novidades em tratamentos para mulheres. Calvície em mulheres, risco do uso de drogas, riscos de aplicação de injeções, predisposição a osteoporose e compulsão por compras são outros temas relatados. A imprensa brasileira mostrou em dois textos os impactos na saúde da mulher que trabalha fora de casa. Os exemplares analisados trouxeram ainda estudos que apresentam algum alimento ou dieta para as mais diferentes necessidades: amenizar a tensão pré-menstrual, aumentar a chance de ter gêmeos, prevenir câncer, doenças coronarianas e doenças cardiovasculares entre outros. Uma nota fala da constatação científica de que as mulheres comem mais ao verem os alimentos. Excetuando-se um texto, todos os outros são notas. Dois textos trazem dicas sobre atividade física para mulheres, um relata a necessidade de incentivar as mulheres na academia e outro sobre os benefícios da musculação para elas. As técnicas alternativas em saúde também são apresentadas através de um texto sobre a troca do aleitamento materno por chás e outro sobre uma técnica para minimizar os incômodos do câncer de mama.

O assunto estética foi o terceiro mais noticiado pelas revistas analisadas e apenas dois dos 17 textos relatam os perigos a que as mulheres se submetem em nome da beleza. O restante apresentou novos produtos ou intervenções e tratamentos para melhorar a aparência.

Na categoria saúde geral está 9,6% da amostra e os temas abordados são a infertilidade feminina como doença psicossomática mais comum, uso de remédios para emagrecer, aumento das doenças de tireóide, distúrbios alimentares, compulsão por compras, hipertensão pulmonar, problemas com a libido na velhice, maior procura por

estética dental, maior tendência a sentir dor e maior autonomia das mulheres na velhice.

Foram enquadrados na categoria sexualidade os textos que trouxeram pesquisas sobre o corpo feminino e a libido, descoberta de prazeres, homossexualidade e produtos que ativam o desejo feminino. Esse assunto foi alvo de 13 textos, 8,9% do total. Políticas, legislação e direito a saúde foram assunto de 7,5% da amostra, com cinco textos sobre campanhas do governo em saúde da mulher, mas destes, só uma nota refere-se ao governo brasileiro: o lançamento de uma cartilha sobre doenças sexualmente transmissíveis/AIDS. Seis textos tratam da polêmica do aborto e interrupção da gestação sob a perspectiva dos direitos da mulher.

Oito textos trazem os problemas mentais das mulheres, o que corresponde a 5,5% do total sendo que três tratam de depressão e dois, alcoolismo. Síndrome do marido aposentado, apoio emocional a mulheres com câncer e até a atenção das mulheres ao volante também são citados. O mesmo número de textos é encontrado para o tema violência contra a mulher, sendo que em uma das revistas o tema é capa.

O assunto menos noticiado foi referente à menopausa e envelhecimento, com 4,8% da amostra. A reposição hormonal é tema central de um texto, outro é dedicado a mudanças do climatério, um reflete as possibilidades de ser mãe após os quarenta anos (seja mãe biológica ou mãe - avó, que cuida dos netos). Os outros quatro textos falam de cuidados para se chegar bem a maturidade, enfocando produtos e atitudes para amenizar os efeitos do tempo na aparência e na saúde (Tabela 2).

Discussão

O objetivo do estudo foi analisar o conteúdo em saúde da mulher publicado nas revistas semanais brasileiras de generalidades. O número de textos sobre esse tema foi

maior do que o encontrado em outros estudos nacionais (SIMÕES, 2000; AMARAL, 2005) porém não significa um aumento da preocupação da mídia generalista com a saúde da mulher, pois quase a metade dos textos (45,2%) são notas, que tem como característica a superficialidade da informação. As reportagens, gênero mais adequado para se divulgar ciência (CALVO HERNANDO, 1990) por primar pela profundidade, interpretação e riqueza de detalhes vem em seguida, com 29,5%. De fato, as matérias jornalísticas têm se tornado cada vez mais curtas, comprometendo a divulgação de fatos mais complexos como a cobertura de saúde, que precisa de espaço para o seu entendimento (BUENO, 2005). Esse problema não é exclusivo das revistas de generalidades, pois nas próprias revistas femininas o espaço para a saúde da mulher é pequeno, com abordagem superficial e linguagem pouco acessível às classes populares (BRITO, 2001; AMARAL, 2005). Uma vez que o tema tem relevância social, esperava-se que fosse tratado com mais profundidade e freqüência pelas revistas que circulam semanalmente em todo o país.

No que se refere aos conteúdos, a maior parte dos textos traz a saúde mulher sob o ponto de vista da saúde reprodutiva. O próprio foco das pesquisas poderia ser uma das explicações para este fato já que os periódicos científicos em tocoginecologia trazem predomínio de temas como concepção, gravidez e parto (GANNON, STEVENS e STECKER, 1997). E uma vez que esse tema é uma das principais causas de internação no país (BRASIL, 2006b) é de se esperar que a imprensa lhe dedique mais atenção, assim como acontece na imprensa internacional. Nos Estados Unidos, uma análise de conteúdo envolvendo revistas femininas na década de 70 levantou 157 exemplares entre revistas tradicionais e novas da época obtendo que 30,2% dos textos

das publicações novas faziam referência a saúde reprodutiva, que ocupava 11,9% das publicações tradicionais (WESTON e RUGGIERO, 1986).

Na amostra deste estudo, a saúde da mulher também teve enfoque em saúde reprodutiva e pouco espaço para temas também relevantes, como a menopausa, na última colocação do ranking dos textos. Em outros estudos, o tema também ocupou pouco espaço (AMARAL, 2005; GANNON, STEVENS e STECKER, 1987). Apesar de ser um processo natural, o climatério é um período onde a mulher precisa repensar vários temas que afetam a sua saúde, como a saúde do coração, força dos ossos, dieta, quantidade de exercícios, sono e inclusive a qualidade dos relacionamentos. Atualmente as mulheres passam um terço da vida após a menopausa e demandam informações referentes aos cuidados com as mudanças no organismo feminino (WINGERT e KANTROWITZ, 2006). Nota-se que as revistas de generalidades no período analisado pouco difundiram esse tipo de informações. Cabe ressaltar ainda que, com o aumento da idade, as mulheres ficam mais propensas a doenças como as cardiovasculares, principal fator de mortalidade feminina (BRASIL, 2006c) que é citado somente em cinco textos e de forma superficial, pois três deles são notas. A única menção em reportagem faz parte de um especial sobre saúde da mulher que traz um parágrafo sobre uma pesquisa internacional que concluiu que ginástica duas vezes por semana mudam o metabolismo associado às doenças cardíacas. A notícia sobre essa temática fala de um estudo sobre a associação de fatores emocionais e infarto, com depoimentos de uma cardiologista que afirma que o homem se aposenta do trabalho e volta para casa e “a esposa passa a ser a paciente.”

As neoplasias são mostradas de forma consoante com a epidemiologia, pois as revistas focam o câncer mais prevalente (câncer de mama) (BRASIL, 2007). Todos os

textos coletados sobre o tema no período trazem informações sobre este ou outro câncer, o de colo de útero, citado associado ao lançamento da vacina contra HPV, o papilomavirus humano. O trabalho de JURBERG e MACCHIUTE (2006) trata especificamente sobre a cobertura das revistas em relação ao câncer, entre 1996 e 2004 e através de análise de conteúdo, concluem que a revista *Veja* trouxe predominantemente nos temas de saúde as doenças cardiovasculares, seguido das neoplasias malignas. Segundo os autores, que analisaram também a revista *Saúde! e a Pesquisa Fapesp*, há pouco detalhamento dos tipos de câncer com textos mais generalistas, detalhando apenas os mais prevalentes.

Outro importante fator de mortalidade feminina, as doenças do aparelho respiratório ocupam só uma nota sobre um documento que padroniza o diagnóstico e tratamento da hipertensão pulmonar arterial, mais freqüente em mulheres e se não tratada, pode levar à morte. A nota cita três possíveis causas, os sintomas comuns e que há tratamento específico, sem detalhes. Cabe citar que esses fatores de mortalidade não são exclusividade das mulheres, e aparecem nas publicações como textos de saúde em geral, sendo que nos doze meses de análise foram 52 textos sobre doenças cardiovasculares, 25 sobre neoplasias e 17 sobre doenças respiratórias.

É preciso considerar ainda que a mídia tenha critérios próprios para selecionar os fatos que virarão notícia, um deles é a novidade. Uma vez que as taxas de mortalidade são relativamente estáveis quanto à causa, não tiveram números ou percentagens novas no período analisado para que virassem notícia. Porém, a mídia tem uma responsabilidade social que deveria ir além da mudança nos números para que um fato vire notícia.

O assunto estética ocupa o terceiro lugar do ranking e isto pode ser devido ao fato de que a imagem da mulher na nossa cultura e sociedade se coloca ao lado de beleza, saúde e juventude. A estética está vinculada a sociabilidade e regula boa parte de contextos e formas sociais. Para as mulheres, a beleza é um dever cultural e atualmente, o discurso é que ela pode ser bela se quiser, basta se esforçar (comprar, consumir, imitar, malhar e até se mutilar) reproduzindo a beleza como uma questão de escolha e vontade. "De dever social (se conseguir, melhor), a beleza tornou-se um dever moral (se quiser eu consigo)" (NOVAES e VILHENA, 2003: 25). Claro que muitas mulheres fazem suas escolhas sem influências desse discurso porém ele poderia explicar a grande quantidade de referências ao tema afinal, as revistas trazem as notícias como produtos e oferta temas que são vendáveis já que, como partem de empresas de comunicação, objetivam também o lucro.

Merece destaque ainda que seis textos tratam de questões como legalização do aborto e interrupção da gestação sob a perspectiva dos direitos da mulher. Em nenhum deles se discute o aborto enquanto problema de saúde pública, os que o fazem apenas centram em aspectos de legislação, como no estudo de Millers (1996) e Melo (2001). A grande proporção de fotos denota preocupação das revistas em ajudar a compreensão do leitor além de possibilitar a explicação de questões complexas.

Outro aspecto relevante refere-se à origem dos fatos, pelo qual observou-se que nem todos os textos de saúde têm como base uma fonte só científica, encontrada em 41,1%. E de fato, as fontes em jornalismo científico não se limitam somente à ciência, já que toda história científica tem ângulos econômicos, políticos e sociais (CRESPO, 2003). A predominância de notícias internacionais pode ser fruto de um maior fluxo de produção e circulação de informação médica e sanitária nessas regiões –

internacionalmente, Estados Unidos e Europa (berço das principais revistas científicas médicas) . É a preferência do global em detrimento do local, deixando assuntos domésticos sem muito destaque (GREENHALGH, 2002). Outra explicação estaria no fato de as grandes revistas científicas internacionais possuírem seus próprios assessores de imprensa, que “facilitam” o trabalho dos jornalistas, pois enviam *releases* com textos já adaptados para a mídia em geral (DE SEMIR, 2001; WOLOSHIN e SHWARTZ, 2002). Nacionalmente se destaca a região sudeste, onde estão as principais universidades e centros de pesquisa e conseqüentemente tem maior produção científica, além da própria proximidade geográfica com as redações dessas revistas. Porém, uma vez que são publicações nacionais, esperava-se uma cobertura mais abrangente.

Essas observações sugerem tendências da cobertura da mídia impressa nacional e são base para outros estudos que tenham como foco a saúde nos meios de comunicação. Uma vez que este estudo centra-se somente em revistas, um próximo passo seria comparar a cobertura desse tipo de mídia com jornais impressos e também com as mídias eletrônicas, como rádio, tv e internet.

Referências

AMARAL, Isabel Cristina Gardenal Arruda. **Abordagem da menopausa em textos jornalísticos veiculados em revistas de atualidades**. [Dissertação]. Campinas (SP): Universidade Estadual de Campinas, 2005.

AQUINO Estela ML, MENEZES Greice MS, AMOEDO Marúcia B. Gênero e saúde no Brasil: considerações a partir da PNAD. **Revista de saúde pública**. São Paulo: USP, v 26, n. 3, jun 1992. Disponível em

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89101992000300011

.Acesso em 13 set. 2007.

BARATA Rita de Cássia B. Saúde e direito a informação. **Cadernos de saúde pública**. Rio de Janeiro: FioCruz, v. 6 n.4, p. 385-399, out/dez 1990.

BARROSO, Carmem. **A saúde da mulher no Brasil**. São Paulo: Nobel: Conselho Estadual da Condição Feminina, 1985. 94 p.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Brasil em síntese**, 2000a.

Disponível em

http://www.ibge.gov.br/brasil_em_sintese/tabelas/populacao_tabela01.htm . Acesso

em 19 ago. 2007.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Brasil em síntese**, 2000b.

Disponível em http://www.ibge.gov.br/brasil_em_sintese/tabelas/trabalho.htm .

Acesso em 19 ago. 2007.

BRASIL. Ministério da Ciência e Tecnologia. - **Percepção Pública da Ciência e Tecnologia no Brasil**, 2007. Disponível em

<http://www.mct.gov.br/index.php/content/view/50877.html> . Acesso em 17 nov. 2007.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Indicadores de morbidade e fatores de risco**.2006

b. Disponível em <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?idb2006/d13.def>

.Acesso em 19 out. 2007.

BRASIL. Ministério da saúde. IDB 2006. **Esperança de vida ao nascer**. 2006a

Disponível em <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/idb2006/a11f.htm> . Acesso em 13 set.

2007.

BRASIL. Ministério da Saúde. IDB Brasil 2006. **Mortalidade proporcional por grupos de causas**.2006c. Disponível em <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?idb2006/c04.def> . Acesso em 19 ago. 2007.

BRASIL. Ministerio da Saúde. Temático Saúde da Mulher/Brasil. Ministério da Saúde. **Painel de Indicadores do SUS 2**. Brasilia: OPAS, 2007

BRITO, Maria Fernanda Domingos. **Saúde da Mulher na Imprensa Feminina**. [Dissertação]. São Paulo (SP): Universidade de São Paulo, 2001.

BUENO, Wilson da Costa. Empurroterapia na imprensa: essa doença tem remédio? **Anais da VI Conferencia Brasileira de comunicação e saúde**: mídia, mediação e medicalização. Brasilia: Anvisa, 2005. p.89-104.

CALVO HERNANDO Manuel. **Ciencia y periodismo**. Barcelona: CEFI, 1990. 127p.

CALVO HERNANDO, Manuel. **Manual de Periodismo Científico**. Bosch, Barcelona, 1997. 242p.

CAMARGO, Vera Regina Toledo. O telejornalismo e o esporte espetáculo. [Tese-Doutorado]. São Bernardo do Campo (SP): UMESP, 1998

CHRISLER Joan C, LEVY Karen B. The media construct a menstrual monster: a content analysis in the popular press. **Women & health**. Philadelphia: The Haworth Press, v. 16, n.2, p.89 – 104, 1990.

CITELI, Maria Teresa. A reprodução humana na pauta dos jornais brasileiros (1996-2000). In: OLIVEIRA, Fátima de; GALVÃO, Jane; GREENHALGH, Laura; et al. **Olhar sobre a mídia**. BH: Mazza edições, 2002. p. 184-213.

COE, Gloria A. Comunicación y promoción de la salud. **Revista Chasqui**, n. 63, 1998. Disponível em <http://chasqui.comunica.org/coe.htm> . Acesso em 06 mar. 2007.

CONDIT, Celeste Michelle. Media bias for reproductive technologies. In: Parrot Roxanne L, Condit, Celeste Michelle (Ed). **Evaluating Women's Health Messages: A Resource Book**. Thousand Oaks, Calif: Sage Publications, Inc. 1996. p. 341 –355.

CRESPO, MA. Bases heurísticas en la comunicación científica. In: Vásquez AL, Ramirez FE. **El periodismo de fuente**. Salamanca: Servicio de Publicaciones de La Universidad Pontificia de Salamanca, 2003 p. 277- 289.

DE SEMIR, V. Noticia médica: ¿impacto científico o impacto mediático?**Revista Quark**, 2001. Disponível em <http://www.prbb.org/quark/20/020044.htm> . Acesso em 13 jun. 2007.

EDITORA ABRIL. Estudos Marplan / EGM – AS 10 + - 9 mercados – 2006. **VEJA Mídia Kit**. Disponível em http://veja.abril.com.br/idade/publiabril/midiakit/veja/perfil_leitor.shtml . Acesso em 03 dez. 2007.

EDITORA GLOBO. Estudos Marplan consolidado 2006 e IVC média 2006. **Mídia Kit Época**. Disponível em <http://editoraglobo.globo.com/publiedglobo.htm> . Acesso em 3 dez. 2007.

EPSTEIN I. Comunicación y salud pública. In: **Revista Chasqui**. Quito: CIESPAL, n. 63, p. 40-43, 1998.

GANNON Linda, STEVENS Jill, STECKER Tracy. A content analysis of obstetrics and gynecology scholarship: implications for womens` health. **Women & health**. Philadelphia: The Haworth Press, v. 26, n.2, p.41-55, 1997.

GODINHO Rute Eduviges, MAMERI Cecília Polidoro. De que morrem as mulheres brasileiras. In: **XIII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS**. Ouro Preto, MG, Brasil. 4-8 nov. 2002. Disponível em http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/GT_SAU_ST35_Godinho_texto.pdf . Acesso em 08 nov. 2007.

GREENHALGH Laura. Precusores ou retardatários. In: Oliveira F, Galvão J, Greenhalgh L, Rios LF, Pazello M, Citeli MT, Corrêa S. **Olhar sobre a mídia**. BH: Mazza edições, p. 27- 50, 2002.

GRUPO de Mídia São Paulo. **Mídia Dados 2007**. São Paulo: Editora Abril, 2007, 610 p.

HANSEN João Henrique. **Como entender a saúde na comunicação?** São Paulo: Summus, 2004. 75 p.

JURBERG Claudia, MACCHIUTE Bruno. Um olhar sobre as revistas: o caso da divulgação em câncer. **Intercom-Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. São Paulo: Intercom, v 29, n 2, 2006 p. 119-132.

KAHL Mary L, LAWRENCE-BAUER John. An analysis of discourse promoting mammography. Pain, promise and prevention. In: Parrot, Roxanne L; Condit, Celeste Michelle (Ed.). **Evaluating Women's Health Messages: A Resource Book**. Thousand Oaks, Calif: Sage Publications, Inc. 1996. p.307 – 321.

KALBFLEISH, Pamela J, BONNELL Karen H, HARRIS Tina M. Media Portrayals of womens menstrual healt issues. In: Parrot, Roxanne L; Condit, Celeste Michelle, (Ed.). **Evaluating Women's Health Messages: A Resource Book**. Thousand Oaks, Calif: Sage Publications, Inc. 1996. p. 341 – 355.

KRAMARAE, Cheri, SPENDER Dale. **Enciclopédia Internacional de las mujeres**. Edición especial para el ámbito hispanohablante. Madrid: Síntesis, v. 5, 2640 p.

LAGE, Nilson. **A estrutura da notícia**. São Paulo: Ática, 1985, 64 p.

LUSTOSA, Eduardo. **O texto da notícia**. Brasília: Editora UNB, 1996. 192 p.

MEDINA, Cremilda. **Notícia, um produto a venda**. 2 ed. São Paulo: Summus, 1988. 188p.

MELO, José Marques. Comunicação em saúde: requisitos para o desenvolvimento sustentável. **PCLA**. São Bernardo do Campo: UMESP, v.3, n. 1, nov-dez 2001. Disponível em <http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista9/artigos%209-2.htm> . Acesso em 25 set. 2007.

MELO, José Marques . **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985. 207 p.

MESA, Rafael Yanes. Géneros periodísticos y géneros anexos. Madrid: Fragua, 2004.

MILLERS, Diane Helene .A matter of consequence: abortion rhetoric and media messages. In: Parrot, Roxanne L; Condit, Celeste Michelle, ed. **Evaluating Women's Health Messages: A Resource Book**. Thousand Oaks, Calif: Sage Publications, Inc, 1996. p.33-48.

NAÇÕES UNIDAS. **Declaração do Milênio**, 2001. Disponível em <http://www.portaldovoluntario.org.br/press/uploadArquivos/117250707519.pdf> . Acesso em 10 set. 2007.

NELKIN, Dorothy. *Selling Science: How the Press Covers Science and Technology*. New York, W. H. Freeman and Company, 1995. 217p.

NOVAES, Joana; VILHENA, Junia. De cinderela a moura torta: sobre a relação mulher, beleza e feiúra. *Interações*. São Paulo:, v. 8, n.15, p. 9-36, jan-jun 2003

OLIVEIRA, Cintia. **Perfil Novo IstoÉ – IVC setembro07.ppt**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por mariellajornalista@gmail.com em 13 dez. 2007.

OLIVEIRA, Fátima de; GALVÃO, Jane; GREENHALGH, Laura; et al. **Olhar sobre a mídia**. BH: Mazza edições, 2002. 214p.

PHILLIPS David, KANTER Elliot J, BEDNARCZYK Bridget , TASTAD Patricia L. Importance of the lay press in the transmission of medical knowledge to the scientific community. **New England Journal of Medicine**. Massachusetts: Massachusetts Medical Society, v. 325, n. 16, p. 1180-1183, 1991.

RADFORD Tim. Influencia y poder de los medios de comunicación. In: Pini P, De Semir V, Turney J, Turow J, Wilkie T, Altman LK, et al. **Medicina y medios de comunicación**. Traducción al español de una serie publicada en la revista *The Lancet* Barcelona: Fundación Dr. Antonio Esteve, p. 97-101, 1997.

REVUELTA Gemma, ALONSO Inma, TOMAS Sonia, et al. Género y salud en la prensa diaria. **Revista Quark**. Barcelona: UPF, n.27, p. 14 – 23, 2003.

SEFCOVIC EMI. Hysterectomy. What the popular press said (1986-1992). In: Parrot, Roxanne L; CONDIT, Celeste Michelle, (Ed.). **Evaluating Women's Health Messages: A Resource Book**. Thousand Oaks, Calif: Sage Publications, Inc. 1996 p. 370-381.

SIMÕES, Luciana Miranda. **A saúde na imprensa brasileira**. [Dissertação]. São Paulo (SP): Universidade de São Paulo; 2000.

TORRENS, RMM. Impacto de las actividades de promoción de la salud en la mujer. Corrigiendo desigualdades. In: **La salud de las mujeres hacia la igualdad de genero en salud I Congreso Nacional**; Murcia, 9-10 mai; Madrid: Instituto de la mujer, 293 p. 2002.

TRAVASSOS Claudia, VIANCAVA Francisco, PINHEIRO Rejane, et al. Utilização dos serviços de saúde no Brasil; gênero, características familiares e condição social. **Rev Panam Salud Publica**. Washington: Opas v. 11, n.5-6, mai/jun, 2002. Disponível em http://www.scielosp.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1020-49892002000500011 . Acesso em 13set. 2007.

VOGT, Carlos A. ; MELO, José Marques ; CAMARGO, Vera Regina Toledo ; et al. C & T na mídia impressa brasileira: tendências evidenciadas na cobertura nacional do jornais diários sobre ciência & tecnologia (biênio 2000-2001). In: Guimarães E. (Org.). **Produção e Circulação do Conhecimento** (Política, Ciência, Divulgação). Campinas: Pontes Editores, v.2, 2001, p. 135-179.

WEISS, Carol H. "Whats America's leaders read". **Public Opinion Quarterly**. Oxford: Oxford University Press, n.38, p. 1-21, Spring 1974.

WESTON Louise C, Ruggiero Josephine A. The popular approach to women's health issues: a content analysis of women's magazines in the 1970's. **Women & health**. Philadelphia: The Haworth Press, v. 10, n. 4, p. 47-62, 1986.

WINGERT, Pat; KANTROWITZ, Barbara. **Is it Hot in Here? Or is it me?** The Complete Guide to Menopause. New York:Workman, 2006. 532 p.

WOLOSHIN, Steven; SCHWARTZ, Liza M. Press releases: translating research into news. **Jama**, v. 287, n. 21, 2002 Disponível em <http://jama.ama-assn.org/cgi/reprint/287/21/2856> . Acesso em 16 jan 2006.

Tabelas

Tabela 1. Textos sobre saúde da mulher na mídia impressa nacional agosto/2005-julho/2006 (n=146)

	n	%
Revista		
Época	55	37,7
IstoÉ	48	32,9
Veja	43	29,5
Gênero		
Nota	66	45,2
Reportagem	43	29,5
Notícia	33	22,6
Entrevista	4	2,7
Foto/Ilustração		
Presente	128	87,7
Ausente	18	12,3
Fonte		
Científica	60	41,1
Mista	53	36,3
Outras	12	8,2
Empresa Privada	9	6,2
Governo	8	5,5
Não identificada	4	2,7
Origem da informação		
Internacional	60	41,1
Nacional	56	38,4
Mista	26	17,8
Não identificado	4	2,7
Origem internacional		
América do norte	33	55
Europa	13	21,7
Ásia, África e Oceania	9	15
Não identificado	4	6,7
Mista	1	1,7
Origem nacional		
Não identificado	24	42,9
Sudeste	23	41,1
Mista	3	5,4
Norte e nordeste	2	3,6
Centro oeste	2	3,6
Sul	2	3,6

Tabela 2. Conteúdos sobre saúde da mulher nas revistas Veja, Época e Isto É

Temas	n	%
Saúde reprodutiva	39	26,7
Prevenção, riscos e cuidados	29	19,9
Beleza e estética	17	11,6
Saúde em geral	14	9,6
Sexualidade	13	8,9
Políticas e direito à saúde	11	7,5
Saúde mental	8	5,5
Situações de violência e denúncia	8	5,5
Menopausa	7	4,8

3.2. Artigo 2

Ms. Ref. No.: JCE-08-317

Title: Scientific Journalism and Women's Health: An Adaptation of the Index of Scientific Quality for Use in Brazilian Portuguese
Journal of Clinical Epidemiology

Dear Ms. Oliveira,

Thank you for submitting your manuscript entitled "Scientific Journalism and Women's Health: An Adaptation of the Index of Scientific Quality for Use in Brazilian Portuguese" to the Journal of Clinical Epidemiology. This manuscript is of interest although it will need to go for peer review. Before doing so we have a few comments:

1. It is difficult to assess this without details or examples of the types of articles being assessed. Please provide more details of the topics found in these magazines and as an appendix please show the scores for each article.

2. Is your thesis completed? If so please include it in the references.

3. Are you a member of INCLEN - the journal has a special relationship with INCLEN so we are keen to acknowledge any authors from the INCLEN network.

Please note that we would like you to keep this as a full length article and not a brief report as the subject line states. This is a system glitch and the only way we can send this letter to you.

In the assumption that you will want to accept this invitation, we are keeping the manuscript material on file in our editorial offices. To submit a revision, please go to <http://ees.elsevier.com/jce/> and login as an Author. On your Main Menu page is a folder entitled "Submissions Needing Revision". You will find your submission record there.

Your username is: mariella

I would appreciate receiving your revised manuscript by Oct 15, 2008. We do appreciate your interest in the Journal of Clinical Epidemiology,

Sincerely yours,

Peter Tugwell, Co-Editor

Laura Fitzpatrick
Editorial Assistant

Journal of Clinical Epidemiology
Ontario Editorial Office
TEL:
FAX:
E-mail: ltugwell@uottawa.ca

Scientific Journalism and Women's Health: An Adaptation of the Index of Scientific Quality for Use in Brazilian Portuguese.

Mariella Silva de Oliveira, Lúcia Helena Costa Paiva, José Vilton Costa
and Aarão Mendes Pinto Neto

Abstract

Objective: To adapt the Index of Scientific Quality (ISQ) for use in Brazilian Portuguese and to evaluate its applicability in women's health-related texts published in Brazilian magazines. **Design and Methodology:** A cross-sectional study was carried out using texts published between August 2005 and July 2006 in the country's principal weekly newsmagazines: *Veja*, *Época* and *IstoÉ*. The questionnaire used in the study contains 8 items, which are awarded scores ranging from 1 to 5 and address applicability, opinion versus fact, validity, magnitude, precision, consistency and consequences, as well as an overall item summarizing the others. The ISQ was translated, back-translated and submitted to pilot testing until reaching the definitive version, which was applied to 80 texts by two physicians and two journalists. Following analysis of the texts, the internal consistency of the items on the questionnaire was verified using Cronbach's alpha coefficient, and inter- and intraobserver agreement were calculated for each item using Kappa values. **Results:** Internal consistency of the items varied from 0.81 to 0.96. Interobserver agreement ranged from -0.03 to 0.48 and intraobserver agreement from 0.27 to 0.34 (95%CI). **Conclusion:** The items in the questionnaire were adequate for the evaluation of the scientific quality of the texts; however, the low inter- and intraobserver agreement indicates the need for new studies to evaluate this Brazilian version of the ISQ.

Key words: women's health; scientific journalism; Brazilian magazines; health and mass communication.

Running title: Adaptation of the Index of Scientific Quality to Brazilian Portuguese.

This study was carried out to develop and test a Brazilian version of the ISQ, which had not previously been used in this country. Good internal consistency was found for the items comprising the questionnaire; however, new studies are required to evaluate the Brazilian version of this index.

There is no conflict of interest related to this study.

Introduction

Publication of health-related articles in the press is important in view of their contribution in preventing disease and improving the quality of life of the general population. Hence, health is a subject that attracts audiences (1). The mass media is the principal source of information for the general population (2) and it is the duty of journalists to do their utmost to provide individuals with this type of information; however, not every message published by the press and directed at the general public meets acceptable standards of quality (3).

This situation is particularly notable in the coverage given to women's health, as previously evaluated using a variety of different methods. In a 10-year analysis of women's magazines in the United States, the majority was found to focus on subjects such as diet, exercise and nutrition in detriment to the relevant epidemiological issues of the country (4). The press is often found to allocate very limited space to important health issues such as those featured in the principal medical journals, and at times may focus on topics that do not even reflect the concerns of women themselves (5).

In Brazil, this situation does not differ greatly. The topic of women's health occupies an average of 8% of all health-related reports covered by the media and fails to deal with significant problems, the most notable shortcoming being the lack of commitment to providing more information to women with respect to their own body, thereby granting them greater access to their right to citizenship (6). Even in women's magazines, space dedicated to the subject is minimal and the topics superficial. In this type of publication, health is not a primary focus (7).

Women's health is an important issue, since women constitute more than half (50.78%) of the population of the country (8), 43.10% of the economically active population (9) and 57% of the magazine-purchasing public (10). According to the World Health Organization, women's health is the principal determining factor in child health; hence the future quality of health depends largely on investments in women's health and on informing the population of innovations in this area, which would lead to greater discernment with respect to the health of individuals in the future.

The most commonly used methods to evaluate texts in the press include content analysis (11) and discourse analysis (12), among others. However, to the best of our knowledge, no studies have yet been carried out in Brazil using a specific questionnaire to evaluate information on health, thereby justifying the present study. An instrument known as the Index of Scientific Quality (ISQ) has been developed in Canada to measure information on health provided in texts published in the media (13). A Spanish-language version of the ISQ has already been validated in Argentina (14) and was used to analyze topics relevant to information on general health. Since no Brazilian publications referring to this instrument have been identified, the ISQ was selected to be translated and adapted to Brazilian Portuguese. In addition to the significance of the topic and the paucity of related studies found in the Brazilian literature, it is important to emphasize the potential of making a tool available in Brazil that is already in use in other countries and that may complement current methodologies.

Material and Methods

A cross sectional study was carried out in which texts on women's health, published between August 2005 and July 2006 in the three principal weekly

newsmagazines published in Brazil (Veja, Época and IstoÉ), were collected. The style of these magazines is broadly textual, detailed, contextualized and contains differentiated information (15) that permits an evaluation of quality to be performed.

Veja is Brazil's leading weekly newsmagazine and in sales is the fourth largest worldwide. Distributed by the Editora Abril publishing house, circulation was approximately 1.1 million copies for each edition published in 2006. The majority of readers (53%) are female, 41% are between 20 and 39 years of age and 70% belong to socioeconomic classes A or B (16).

Edited by the Globo publishing group, the majority of the readers of Época magazine are also women (51%); 24% are between 25 and 34 years of age and 19% are between 18 and 24 years of age. With respect to socioeconomic class, 62% of readers belong to classes A or B. Around 433,600 copies of this newsmagazine are circulated weekly (17).

The IstoÉ magazine, published by the Editora Três publishing house, circulates an average of around 351,200 copies weekly. The majority of readers (53%) are male, 67% belong to socioeconomic classes A or B, and 39% are between 30 and 49 years of age (18).

Material was collected manually by the investigator at two public libraries and informative texts (news, articles and interviews) dealing with issues related to women's health, diseases affecting women and women's well-being were photocopied and included in the analysis. Opinion-based texts, advertising texts and brief notes were excluded from the study in order to guarantee the homogeneity of the sample (11).

The instrument used in this study, the Index of Scientific Quality (ISQ), consists of 8 items evaluated in a Likert-type scale that varies from 1 (poor quality) to 5 (excellent

quality). The characteristics measured by the items are: applicability, which refers to the degree of clarity of the information reported and the target public; opinion versus fact, which analyzes whether a clear distinction has been made between opinion and data; validity, which measures the level of evidence and credibility of the sources used in the text; magnitude, which evaluates whether the text adequately explains the significance of the discovery; precision, which shows whether there is a firm foundation to the estimates and probabilities cited in the text; consistency, which evaluates whether the text cites references to other studies; consequences, which indicates the benefits, risks and costs of the data reported in the text; and a final overall item that is based on the scores awarded to the other seven items, summarizes them and gives a general evaluation of the text as being of good, moderate or poor scientific quality. This Canadian questionnaire has already been validated for use in Spanish and the authors of the original version raised no objection to its adaptation for use in Brazil. The original version has already been used in a study carried out on drug-related articles in the Spanish press (19).

For the adaptation of the questionnaire to Brazilian Portuguese, two independent translations were initially made from the original English version into Portuguese by Brazilian translators. The differences between the two translations were evaluated by the principal investigators, thus obtaining an initial version in Portuguese. Next, a native English speaker carried out a back-translation of this version into English, which was then compared with the Canadian version. The differences in meaning were compared with the Spanish questionnaire and a consensus was reached among the principal investigators, thus obtaining a preliminary version of the index in Portuguese, which was submitted to a pilot study. At this stage, two research investigators in the health area,

both with experience in clinical research and questionnaires, independently evaluated six articles on women's health. Following conclusion of this pilot evaluation, the investigators analyzed the difficulties encountered in using the instrument, and the definitive version of the ISQ in Portuguese was thus established.

In the next step, this questionnaire was applied to a sample of 80 texts on women's health by two research physicians in women's health and two journalists with experience in the area of health, using individual evaluation tables. There was no communication among the evaluators. For the test-retest, one of the investigators repeated the evaluation using the same texts. More than one analyst was used to minimize subjectivity in the analysis (20).

A specific Excel database was used for consistency checking and data cleaning. Next, data were transferred to the Statistical Analysis System (SAS) software program, version 9.1.3 (SAS Institute Inc., Cary, USA) in which internal consistency of the items was measured using Cronbach's alpha coefficient (21) and inter- and intraobserver agreement (test-retest) using the Kappa index (22), both for the purpose of evaluating the applicability of the Brazilian version of the ISQ. Kappa values below zero were considered indicative of poor agreement, 0.00 - 0.20 slight agreement; 0.21 - 0.40 fair agreement, 0.41 - 0.60 moderate agreement, 0.61 - 0.80 good agreement and 0.81 - 1.00 almost perfect agreement (23).

No other questionnaire was identified that could have been compared to the version developed in the study. To evaluate the scientific quality of the texts, item 8 of the questionnaire, as well as its median, was taken into consideration, since this is a measurement that remains unaffected by outlier observations (24) and is used to summarize categorical variables (25). Human beings did not participate as subjects in

this study. The data were extracted from a source of journalistic documents containing information that had already been published, hence was in the public domain. The study protocol was approved by the internal review board of the Department of Obstetrics and Gynecology and by the review board of the School of Medical Sciences of the *Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)*.

Results

Over 12 consecutive months, 80 texts on women's health were collected, consisting of 33 headline news articles, 43 articles and 4 interviews. Table 1 shows the internal consistency of the items in the questionnaire, the overall Cronbach's alpha index varying from 0.81 to 0.96.

Table 2 shows inter- and intraobserver variability as measured by the Kappa index, together with the respective 95% confidence intervals. Retesting carried out by one of the evaluators resulted in Kappa values that represented fair agreement, the lowest score being for the item referring to the degree of opinion expressed in the text (0.27) and a highest score for the overall item (0.34). Interobserver agreement may be considered poor to moderate, with a Kappa value ranging from -0.03 for the item on validity to 0.48 for the item referring to opinion. Therefore, with respect to interobserver agreement, items 3 and 4 had values indicative of poor agreement, items 1 and 5 showed slight agreement, items 6 and 7 fair agreement and items 2 and 8 moderate agreement. Intraobserver agreement was fair.

Discussion

The objective of this study was to adapt the Index of Scientific Quality questionnaire to Brazilian Portuguese and to evaluate its applicability. The items contained in the questionnaire were homogeneous and satisfactorily measured the proposed intensity scale according to the internal consistency evaluated using Cronbach's alpha. Measurement varied from 0.81 to 0.96 and is compatible with the results of the validation of this index to Spanish, where internal consistency varied from 0.81 to 0.88 (14). Although the focus of the study carried out in Argentina was not women's health but health in general, the methodology and statistical analysis used in both studies were similar; therefore, the two studies may be considered comparable. Values above 0.9 are indicative of excellent consistency (21,26); therefore, the consistency of the Brazilian version of the ISQ was found to be good. On the other hand, interobserver agreement was found to be poor to moderate. The lowest value for interobserver agreement referred to the item regarding validity, which had a Kappa index of -0.03, while the highest value, 0.48, referred to the item regarding the degree of opinion contained in the text. In the validation process of the ISQ instrument to Spanish, higher reliability indexes were achieved; however, these indexes were also not ideal, since interobserver agreement ranged from 0.48 to 0.67 (14).

With respect to the intraobserver evaluation, agreement was fair for all the items, the highest value being the overall item with a Kappa value of 0.34, while the lowest referred to the item on opinion versus fact, which had a Kappa value of 0.27. In the Argentinian questionnaire, agreement was higher, ranging from 0.51 to 0.95. One explanation that may justify the low agreement in the present study is the time between the first evaluation and retesting, which in this case was nine months and may be considered one of the limitations of the study. In epidemiological studies, the

recommendation is that this period should not be so short that the individuals would remember how they answered the questions the first time or so long that the variables might undergo changes (27). However, since this study involves texts, a longer period would not result in any changes in the variables or objects of study as may occur in studies involving patients and their health. On the other hand, it would be sufficiently long to allow the evaluators to forget how they had rated the articles previously; therefore, they would not be influenced by their initial decisions in the second evaluation. Although the time of nine months between the first and second evaluation may indeed constitute a limitation of the study, intraobserver agreement was classified as fair.

In the study carried out by Oxman (13), agreement was reported as good in five items (including the overall item), moderate in two and fair in one. The Canadian investigators also evaluated the questionnaire through the use of another one completed by journalists and investigators, who concluded that the ISQ was also useful as a checklist for use in the preparation of articles. This stage was not included in our evaluation, since we considered that the interobserver analysis and test-retest would be sufficient to evaluate the applicability of the instrument.

To the best of our knowledge, no other instruments are available to evaluate the scientific quality of texts on health in the mass media. Moreover, we have been unable to find other validation studies involving questionnaires for use in communication, since, unlike areas such as medicine and other biological sciences, this practice is not common in this branch of science. For this reason, it was impossible to compare the validity of the instrument with others created for the same purpose. However, analyzing the literature available on scientific journalism, it may be inferred that the ISQ offers a set of characteristics that is useful for evaluating what should be present in a health-related

text published in the mass media. After all, it should be made clear in a text to whom the message is relevant, as evaluated by the item on applicability. Clear distinction between facts and opinions is also another important factor measured by the ISQ, since an informative text on health cannot be based solely on opinions, but must have a solid foundation of scientific evidence, whereas opinions should be used only for the purpose of reinforcing scientific data (28).

Journalists need to constantly question the information they receive and attempt to identify whether the sources of the articles may contain any degree of self-interest or personal compromise (29), since ambiguities and false interests may be found lurking behind a report on scientific research; hence the need to clearly define what in each text constitutes opinions and to characterize who is giving the opinion.

With respect to the validity of the discoveries, as measured by item 3 of the ISQ, the journalist must be critical and thoroughly investigate the subject of the health-related article, as well as the methodology used in conducting the study that led to the discovery. Often, limited editorial space obliges the reporter to suppress important information and data that he/she considers complex, since the observations that generated the hypothesis and the material and methods used in the study do not tend to interest journalists as much as the conclusions of the studies and the application of the results in the daily lives of individual citizens (30). However, even if the journalist fails to discuss the methodology of the study, the fact that he/she has critically evaluated the subject and determined whether it merits space in the publication already goes towards ensuring that only socially relevant data will reach divulgation.

The item referring to magnitude complements the previously mentioned item and is also relevant, since it is fundamental that the journalist checks not only the methodology used but also provides details of the costs and the origins of the resources used in the study in order to detect any conflicts of interest or business interests, for example, and to compare the results of that particular study with the current stage of ongoing research in other countries, while consulting other sources on the same subject that may contribute towards further comprehension of the study in question (31).

The precision of the data and the statistical significance of the study, as assessed by item 5 of the ISQ, should also be evaluated prior to any coverage, including the extent to which it is possible to compare the topic with other research and studies being carried out in the same field. What appears true to the investigator is related to the degree of certainty that he/she has in relation to that information, but this concept may have different interpretations when other views from the scientific community emerge through another investigator in the same field, for example (32); hence the pertinence of item 6 of the questionnaire.

Item 7 evaluates whether the important consequences have been mentioned. Since the press is the principal source of information for the general population on issues relating to health, it is essential to provide information on the benefits, risks and costs involved so that conscientious decisions may be taken by the population. In summary, the items of the questionnaire are pertinent and are related to the demands and concepts of scientific journalism. Journalism should invite the reader to reflect on the issue in question by providing information so that individuals may become acquainted with technological innovations and new discoveries in science (29).

This study represents a step forward in the search for an instrument to evaluate the quality of health-related information presented in the Brazilian media. The fact that the evaluators had received no training in the use of the instrument represents a limitation to this study that may have led to subjectivity in the interpretation of the questions as a consequence of their different perception in relation to the journalistic texts.

In view of the importance of evaluating health-related texts aimed at the general public, new studies are required to increase the reproducibility of this instrument in Brazilian Portuguese, and to identify other instruments capable of measuring scientific quality. If the press at times fails to fulfill its role in promoting health, this reflects the need to evaluate the texts produced to improve journalism in Brazil. Effective promotion of health-related issues would improve women's quality of life and prevent deteriorating health, as well as decreasing government spending on curative actions and alerting governments and the scientific community to issues that merit attention.

Conclusions

The items in the questionnaire adequately measure scientific quality; however, the finding of low inter- and intraobserver agreement indicates the need for new studies to increase the reproducibility of the Brazilian version of the ISQ. This index may be used as a support tool for studies based on other analyses. More objective support tools should be developed to improve the evaluation of the quality of health-related texts published in the media.

These results cannot be extrapolated to other communication vehicles or to other periods of analysis; however, they serve as a basis for other studies focussing on health in the mass media. The topic of women's health is a subject of one of the millennium goals and if the media is the most common way of transmitting health-related information to the public, then it is the responsibility of the press to provide the maximum amount of high-quality information to support women and the general population in making decisions with respect to their health. The Brazilian version of the ISQ is available from the investigators and may be requested by e-mail.

References

- 1-Coe GA. Comunicación y promoción de la salud. Revista Chasqui [Internet]. 1998 [accessed on 06 January, 2008]; 63. Available at: <http://chasqui.comunica.org/coe.htm>.
- 2- Radfort T. Influencia y poder de los medios de comunicación. In: Pini P, De Semir V, Turney J, Turow J, Wilkie T, Altman LK, et al. Medicina y medios de comunicación. Traducción al español de una serie publicada en la revista The Lancet. Barcelona: Fundación Dr. Antonio Esteve;1997: 97-101.
- 3-Wallack L. Improving Health promotion. In: Atkin C, Wallack L. Mass communication and public health. London: A Sage Focus Edition;1990: 147 – 163.
- 4-Weston LC, Ruggiero JA. The Popular approach to women's health issues: a content analysis of women's magazines in the 1970. Women & Health 1985/86; 10 (4) : 47- 62.
- 5- Moyer CA, Vishnu LO, Sonnad SS. Providing health information to women. The role of magazines. Int J of Tech Assess in Health Care 2001; 17: 137-145.
- 6-Simões LM. A saúde na imprensa brasileira. [Dissertação]. [São Paulo (SP)]: Universidade de São Paulo; 2000. 374 p.
- 7-Brito, MFD. Saúde da Mulher na Imprensa Feminina. [Dissertação]. [São Paulo (SP)]: Universidade de São Paulo, 2001. 240 p.
- 8-Brasil. IBGE. Brasil em síntese. [Internet]2000a . [Accessed on September 10, 2007]. Available at: http://www.ibge.gov.br/brasil_em_sintese/tabelas/populacao_tabela01.htm
- 9-Brasil.IBGE. Brasil em síntese. [Internet]2000b. [Accessed on September 10, 2007]. Available at: http://www.ibge.gov.br/brasil_em_sintese/tabelas/trabalho.htm .
- 10-Grupo de Mídia São Paulo. Mídia Dados 2007. São Paulo: Editora Abril; 2007.

- 11- Junior WCF. Análise de conteúdo. In: Duarte J, Barros A, orgs. Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo:Atlas; 2005: 280-304.
- 12-Manhães E. Análise do discurso. In: Duarte J, Barros A, orgs. Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo:Atlas; 2005: 305-315.
- 13-Oxman A, Guyatt GH, Cook DJ, Jaeschke R, Heddle N, Keller J, et al. An index of scientific quality for health reports in the lay press. J Clin Epidemiol 1993; 46: 987-1001.
- 14-Biondo E, Khoury MC. Información de salud en la prensa diaria argentina: adaptación al español y validación del cuestionario Index of Scientific Quality para medir su calidad. Biomédica 2005; 25: 366-76.
- 15-Lustosa E. O texto da notícia. Brasília: Editora UNB; 1996.
- 16-Editora Abril. Estudos Marplan 2006. VEJA Mídia Kit. [Internet] 2006 [Accessed on December 3, 2007]. Available at: http://veja.abril.com.br/idade/publiabril/midiakit/veja/perfil_leitor.shtml
- 17-Editora Globo. Estudos Marplan consolidado 2006 e IVC média 2006. Midia Kit Época. [Internet] 2006 [Accessed on December 3, 2007]. Available at: <http://editoraglobo.globo.com/publiedglobo.htm> .
- 18-Oliveira C. Perfil Novo IstoÉ – IVC setembro07.ppt. [Internet]. Message received by Mariella Oliveira, December 13, 2007. Attached: 1 Powerpoint presentation.
- 19-Montane E, Duran M, Capellà D, Figueras A. Scientific drug information in newspapers: sensationalism and low quality. The example of therapeutic use of cannabinoids. Eur J Clin Pharmacol 2005; 61: 475-477.
- 20-Perosanz JJI. Métodos cuantitativos de investigación en comunicación. Barcelona: Editorial Bosch; 2006.

- 21-Hulley SB; Cummings SR; Browner WS, Grady D, Hearst N, Newman TB. Delineando a pesquisa clinica: uma abordagem epidemiológica. Trad: Duncan MS; Peres AR. 2 ed. Porto Alegre: Artmed; 2003.
- 22-Fleiss JL.. The measurement of inter-rater agreement. In: Fleiss JL; Levin B; Cho Paik M. Statistical methods for rates and proportions. 3 ed. New York : John Wiley & Sons Inc.; 2000
- 23-Landis JR; Koch G. The measurement of observer agreement for categorical data. Biometrics 1977; 33: 159-174.
- 25-Pagano M. Princípios de bioestatística. Trad: Luiz Sérgio de Castro Paiva. São Paulo: Pioneira Thomson Learning; 2004.
- 24-Rius Diaz F, Lopèz FJB. Bioestatística. SP: Thomson Learning; 2007.
- 26-Fayers PM; Machin D. Quality of Life: assessment, analysis and interpretation. Chichester: John Wiley e Sons; 2000.
- 27-Sampieri RH, Collado CF, Lucio PB. Metodologia de la investigación. 2ed. México: Cia Ed. Ultra; 1991.
- 28-Barros AT. Poder, saber e discursos ecológicos no Brasil: ciência, estado e imprensa. In: Duarte J, Barros AT, eds. Comunicação para a ciência, ciência para a comunicação. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica; 2003: 67-93.
- 29-Bueno WC. Jornalismo científico, lobby e poder. In: Duarte J, Barros AT, eds. Comunicação para a ciência, ciência para a comunicação. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica; 2003: 115-159.
- 30-Gomes IMAM. Cientistas e jornalistas: um diálogo possível. In: Duarte J, Barros AT, eds. Comunicação para a ciência, ciência para a comunicação. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica; 2003: 187-215.

31-Caldas G. Jornalistas e cientistas: uma relação de parceria. In: Duarte J, Barros AT, eds. Comunicação para a ciência, ciência para a comunicação. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica; 2003: 217-230.

32-Monteiro MGMF. Duelo ou dueto? A controvertida relação entre cientista e jornalista. In: Duarte J, Barros AT, eds. Comunicação para a ciência, ciência para a comunicação. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica; 2003: 161-185.

Table 1. Analysis of internal consistency of the items (Cronbach's alpha coefficient), according to evaluator.

Items	Evaluator 1	Evaluator 2	Evaluator 3	Evaluator 4
Applicability	0.97	0.84	0.96	0.95
Opinion versus fact	0.96	0.79	0.92	0.92
Validity	0.95	0.78	0.93	0.92
Magnitude	0.95	0.77	0.92	0.92
Precision	0.95	0.79	0.93	0.92
Consistency	0.95	0.79	0.93	0.92
Consequences	0.96	0.79	0.93	0.92
Overall Cronbach's alpha	0.95	0.73	0.92	0.93
Standardized Global	0.96	0.81	0.94	0.93

Table 2. Analysis of Agreement *

Item	Interobserver		Intraobserver	
Applicability	0.18	(0.14 ; 0.22)	0.29	(0.17 ; 0.41)
Opinion versus fact	0.48	(0.42 ; 0.54)	0.27	(0.15 ; 0.40)
Validity	-0.03	(-0.09 ; 0.03)	0.31	(0.20 ; 0.43)
Magnitude	-0.02	(-0.06 ; 0.02)	0.28	(0.16 ; 0.40)
Precision	0.18	(0.12 ; 0.24)	0.3	(0.19 ; 0.41)
Consistency	0.38	(0.32 ; 0.44)	0.32	(0.20 ; 0.44)
Consequences	0.27	(0.21 ; 0.33)	0.28	(0.16 ; 0.40)
Overall scientific quality	0.44	(0.38 ; 0.50)	0.34	(0.23 ; 0.45)

* Weighted Kappa and 95%CI

3.3. Artigo 3

[ICSE] Agradecimento pela Submissão Inbox

mariella oliveira,

Agradecemos a submissão do seu manuscrito "Saúde da mulher na imprensa brasileira: análise da qualidade científica nas revistas semanais" para Interface: Comunicação, Saúde, Educação.

Por meio da interface de administração do sistema, utilizado para a submissão, será possível acompanhar o progresso do documento dentro do processo editorial, bastando logar no sistema localizado em: URL do Manuscrito: <http://submission.scielo.br/index.php/icse/author/submission/3224>

Em caso de dúvidas, envie suas questões para este email. Agradecemos mais uma vez considerar nossa revista como meio de transmitir ao público seu trabalho.

Antonio Pithon Cyrino

Interface: Comunicação, Saúde, Educação

Interface

<http://submission.scielo.br/index.php/icse>



#ICSE-221 : Saúde da mulher na imprensa brasileira: análise da qual...

Submissão

Autores	Mariella Silva de Oliveira, Lucia Helena Simões Costa Paiva, José vilton Costa, Aarão Mendes Pinto-Neto
Título	Saúde da mulher na imprensa brasileira: análise da qualidade científica nas revistas semanais
Documento Original	ICSE-221-3224-13132-1-SM.DOC 2008-06-09
Doc. Sup.	ICSE-221-3224-13134-2-SP.XLS 2008-06-13 INCLUIR DOCUMENTO SUPLEMENTAR
Submetido por	mariella oliveira
Data de submissão	June 9, 2008 - 11:37 AM
Seção	Artigos
Editor	Antonio Cyrino
Comentários do Autor	Prezado editor, segue em anexo artigo com parte dos resultados de pesquisa de mestrado desenvolvida no departamento de tocoginecologia da Unicamp sob a responsabilidade da aluna de mestrado e jornalista Mariella Silva de Oliveira, consultora do Ministério da Saúde na Política de Humanização e demais autores. O artigo explora a transversalidade da comunicação e saúde apartir de questionário canadense cuja utilização no Brasil ainda não se conhece. Gratos, esperamos retorno

Status

Status	Em fila para Avaliação
Iniciado	2008-07-01
Última alteração	2008-06-17

Saúde da mulher na imprensa brasileira: análise da qualidade científica nas revistas semanais

Women's health in the Brazilian press: an analysis of scientific quality in weekly magazines

Título corrente : Qualidade científica das informações sobre saúde da mulher em revistas

Mariella Silva de Oliveira, Lúcia Helena Costa Paiva, José Vilton Costa, Aarão Mendes Pinto-Neto

Departamento de Tocoginecologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil

Endereço para correspondência:

Aarão M. Pinto-Neto,. Departamento de tocoginecologia

Universidade Estadual de Campinas. Rua Alexander Fleming, 101, Cidade Universitária

"Zeferino Vaz", 13083-970, Campinas, SP, Brasil.

Telefone/Fax: +55-19-3521-93-06. E-mail: aa rao@unicamp.br

Resumo: Objetivo: Avaliar a qualidade científica de textos informativos sobre saúde da mulher apresentados em revistas semanais de circulação nacional. **Material e métodos:** Em pesquisa de corte transversal, foram coletados textos sobre saúde da mulher nas principais revistas semanais brasileiras de atualidades: Veja, Época e IstoÉ, por um ano. Os textos totalizaram 80 e foram analisados de forma independente por dois médicos e dois jornalistas, através de questionário *Index Of Scientific Quality*, adaptado para o português e submetido a prova piloto e reteste. O instrumento possui oito itens que variam de um a cinco pontos e medem a aplicabilidade, opinião versus fato, validade, alcance, precisão, coerência, consequência e um item denominado global, que resume os outros itens e cuja mediana foi considerada para avaliação. **Resultados:** A qualidade científica dos textos obteve medianas que variaram de dois a quatro em sete itens do questionário sendo que a referente ao item global foi igual a três. **Conclusão:** A qualidade científica dos textos foi moderada.

Palavras chave: saúde da mulher, jornalismo científico, periódicos brasileiros, saúde e meios de comunicação de massa

Abstract: Objective: To evaluate the scientific quality of informative texts on women's health published in weekly Brazilian news magazines. **Methods:** A cross sectional study carried out by evaluating all the texts on women's health published in three weekly current affairs magazines (Veja, Época and IstoÉ) over a period of one year. To evaluate the scientific quality of the texts, the units were independently analyzed by two physicians and two journalists using the Index of Scientific Quality (ISQ), adapted for use in Portuguese and submitted to a pilot test and retest. Items received from 1 to 5 points and measured applicability, opinion versus fact, validity, scope, precision,

coherence and consequence, as well as providing an overall median that summarized the other items and represented an evaluation of quality. **Results:** A total of 80 texts on the subject of women's health were found. The scientific quality of the texts received a median score that ranged from 2 to 4 in seven items of the questionnaire, while the overall median score was 3. **Conclusion:** The scientific quality of the texts was evaluated as moderate.

Introdução

A imprensa tem um papel fundamental na transmissão de informações em saúde uma vez que ela aproxima o discurso científico e o faz mais acessível e interessante, além de ser a principal fonte de informações de ciência e tecnologia (incluindo aí as informações de saúde) da população¹. Estudo com 12 jornais de nove países da América Latina e Caribe (entre eles, o Brasil) encontrou que medicina e saúde são temas predominantes na maioria das colunas de ciência e tecnologia². Pesquisa nacional mostra que mais de 80% de 162 entrevistados acreditam que o cuidado com a saúde é a principal justificativa para que a população participe nas questões da ciência, sendo que 71% se consideram pouco informados³. A mídia pode inclusive afetar a direção da pesquisa e desenvolvimento do país⁴, pois os governantes se inteiram muito mais dos avanços em saúde através da imprensa que dos veículos especializados.

A população também se interessa pelo tema, pois estudo qualitativo sobre a percepção pública da ciência e tecnologia realizada com 2004 pessoas no fim de 2006, mostrou que 60% dos brasileiros entrevistados têm muito interesse por medicina e saúde, 40% se informa muito sobre esses temas e para 56% os principais benefícios

dos avanços científicos estão na saúde e proteção contra doenças, sendo que os jornalistas (42%) e médicos (43%) foram apontados como confiáveis para informá-los⁵. Informação de qualidade nessa área é então, fundamental para a adoção de modos de vida sanos, em forma individual ou coletiva⁶. Porém isso nem sempre acontece. Há limitações a serem consideradas como o fato de a imprensa nem sempre recorrer a especialistas nacionais, preferindo fontes internacionais para legitimação do assunto saúde⁷ ou cobrir somente a epidemia em si, em detrimento da prevenção⁸.

O fator nutricional é um aspecto da saúde explorado na mídia. Nesse caso, o que é informado nem sempre é a "verdade" ou é conduzido somente por interesses econômicos⁹⁻¹⁰. Isso também é notado na cobertura da área de medicamentos. A maioria da população acaba se automedicando, influenciada pelos meios de comunicação e há um descompasso entre o que é publicado na mídia e o perfil epidemiológico do consumo de psicotrópicos no país¹¹. De acordo com Lefèvre¹² a imprensa prepara o leitor para a "consumização da saúde". O que é preocupante, pois as pessoas tem direito a receber informações sobre saúde objetivas, verdadeiras, válidas e contextualizadas de tal modo que possam ser compreendidas¹³.

No que se refere a saúde da mulher, foram encontrados poucos estudos nacionais relacionando o tema aos meios de comunicação, ao contrário da literatura internacional. Nos Estados Unidos, por exemplo, estudo com dez anos de revistas femininas descobriu que a maior parte delas focava o tema saúde em dieta, exercícios e nutrição em detrimento de outros temas relevantes¹⁴. A cobertura nesse país nem sempre coincide com os temas das principais revistas médicas nem com a epidemiologia ou as preocupações femininas¹⁵. Na Europa, amostra dos principais

jornais espanhóis entre 1997 e 2001 também traz um predomínio de textos sobre sexualidade, beleza, estética e *fitness* fazendo relação a mulher, e pouco debate de outros temas¹⁶.

Apesar das mulheres viverem mais que os homens em todo o mundo, elas sofrem mais enfermidades e utilizam a maioria dos serviços médicos com mais frequência¹⁷⁻¹⁹. No Brasil, correspondem a mais da metade da nação (50,78%)²⁰ e sua expectativa de vida que na primeira década do século passado era de 34,6 anos²¹ atualmente chega a 75,93 anos²². Com sua crescente entrada no mercado de trabalho as mulheres correspondem hoje a 43,10% da população economicamente ativa²³ e demandam grande quantidade de informações sobre sua saúde, devido a sua exposição a fatores de risco antigamente restritos aos homens, atividade sexual precoce e livre, e novo estilo de vida²⁴.

Mesmo diante desse quadro, os meios de comunicação nacionais nem sempre trazem as informações necessárias sobre a saúde da mulher. Em 1997, em 28 dias de acompanhamento de seis veículos impressos brasileiros (quatro jornais e duas revistas), foram coletados 433 textos sobre saúde e encontrado que a mídia destina em média 8% do total para saúde da mulher sem destaque para problemas da saúde feminina²⁵. Outro estudo analisou o conteúdo sobre saúde da mulher em quatro meses de três revistas femininas publicadas no ano 2000, encontrando 188 textos sobre o tema e revelou que até mesmo nesse veículo específico para as mulheres permanecem lacunas na epidemiologia, enquanto textos sobre beleza e consumo, com pautas superficiais têm considerável espaço²⁶. Há períodos em que o tema não é sequer abordado com regularidade por um dos principais jornais brasileiros, a Folha de São Paulo²⁷.

Se a imprensa nem sempre cumprem seu papel de promoção da saúde²⁸ é preciso avaliar os textos produzidos para melhorar o jornalismo. Com eficiente divulgação de saúde, é possível melhorar a qualidade de vida das mulheres e evitar que muitas sigam vivendo com sua saúde debilitada, além de diminuir os gastos do governo com ações curativas e alertar aos governantes e a comunidade científica sobre os temas que merecem espaço na agenda pública. Nesse sentido, este trabalho analisa a qualidade científica das informações veiculadas durante um período de doze meses consecutivos nas três principais revistas semanais de circulação nacional- Veja, Época e IstoÉ. Não se tem conhecimento de estudos com essa abordagem no país, e a validade desse trabalho se reafirma ainda quando é sabido que 57% do público leitor de revistas é constituído por mulheres²⁹.

Material e métodos

O presente estudo foi de corte transversal. A amostra se compõe de textos sobre saúde apresentados em três revistas semanais de alcance nacional publicadas entre agosto de 2005 e julho de 2006, coletados em duas bibliotecas públicas e fotocopiados. Ao todo, as revistas Veja, Época e IstoÉ alcançam tiragem total de mais de 1,8 milhões de exemplares²⁹. A escolha por este veículo se justifica pelo fato de que a revista traz o texto contextualizado, descompromissado com o factual e analisa as conseqüências do fato, devendo ser rica em detalhes e informações diferenciadas³⁰ além de ser veículo que mais espaço dedica a textos de saúde (16%)³¹.

A revista Veja é a maior revista semanal de atualidades, a mais lida no país e a quarta mais vendida no mundo. Editada pela Editora Abril, sua tiragem obteve no ano de 2006 a média de um 1,1 milhão de exemplares por edição. O perfil de seu leitor é

feminino em sua maioria (53%), grande parte tem entre 20 e 39 anos (41 %), 70% pertencem às classes A e B ³².

Editada pelas organizações Globo, a revista *Época*, também possui maioria de mulheres no seu público leitor (51%); 24% têm entre 25-34 anos e 19% entre 18-24 anos, nível de instrução médio (40%). Em relação à classe social, os leitores classe A e B correspondem a 62% e sua tiragem semanal gira em torno dos 433,6 mil exemplares³³.

A revista *IstoÉ*, da Editora Três, possui tiragem de 351, 2 mil exemplares por edição e 53% dos leitores são homens; 67% são da classe AB e 39% têm entre 30 e 49 anos³⁴.

Textos opinativos, publicitários e notas foram excluídos, juntamente com os que tratavam do simples relato do estado de saúde de celebridades sem ampliar a questão para a população, bem como os que continham palavras e expressões do campo semântico “saúde” (por exemplo, dor, cura), mas relatavam fatos de outra natureza.

A coleta dos dados foi feita pela pesquisadora principal. O instrumento utilizado foi o questionário *Index of Scientific Quality* adaptado para a língua portuguesa e criado para estudos descritivos sobre a saúde nas reportagens³⁵. Ele é composto por oito itens em formato Escala de Likert que vão de um (baixa qualidade) a cinco (alta qualidade), e está validado para o espanhol³⁶. Seus itens medem as seguintes características: aplicabilidade (mede o grau de clareza do texto em relação a seu público alvo), opinião versus fato (analisa a distinção clara de opiniões e informações), validade (mede o nível de evidencia e credibilidade das fontes utilizadas no texto), alcance (se o texto explicita o impacto da descoberta), precisão (se há bom fundamento em relação a estimativas e probabilidade); consistência dos dados (se há referência a outros estudos),

conseqüência (se apresenta os benefícios, riscos e custos em relação ao tema principal do texto) e um último item denominado global que, baseado nas pontuações anteriores, dá uma avaliação geral do texto como sendo de boa, moderada ou baixa qualidade científica.

O questionário foi aplicado por dois médicos pesquisadores e dois jornalistas com experiência na área de saúde, em tabelas individuais, sem consulta entre os avaliadores. Para a análise estatística, foi criado um banco de dados no Excel com as respostas de cada avaliador. Após verificação da consistência dos dados e limpeza do arquivo, eles foram transportados para o software SAS versão 9.1.3 (SAS Institute Inc., Cary, USA) onde foi calculada a mediana de cada item. Para a avaliação da qualidade somente a mediana do item global do questionário foi considerada, por representar um resumo dos outros sete itens.

Resultados

A amostra foi composta por 80 textos sendo que a revista Veja trouxe 37 unidades, Época 26 e IstoÉ, 17. A mediana dos itens da qualidade científica dos textos variou de dois a quatro em sete itens do questionário (Tabela). A mediana total do item global dos quatro avaliadores foi três, com pequena porcentagem tanto de mínima como máxima pontuação (7,2 e 11,6%, respectivamente).

O item referente a aplicabilidade obteve maior número de respostas com pontuação máxima (41,3%), e o menor número de respostas com pontuação mínima. Em contrapartida, o item com maior quantidade de respostas de menor pontuação foi o referente a coerência dos dados apresentados no texto (38,8%). O item validade obteve a menor porcentagem de textos com pontuação máxima (3, 4%).

Discussão

O objetivo do estudo foi analisar a qualidade científica em saúde da mulher publicada nas revistas semanais brasileiras de generalidades. O item que maior pontuação obteve foi o referente à aplicabilidade e demonstra que os textos mostram com clareza a que público se destinam, de acordo com os avaliadores. A pequena porcentagem de pontuação mínima referente a esse item (% piso= 2, 5) confirma essa afirmação.

Os itens precisão e coerência tiveram as menores pontuações. De fato, detalhes como a significância estatística dos dados e o tamanho da amostra ou o fato de ser ainda estudos experimentais não impedem que a mídia divulgue os eventos, pois o que importa é a novidade, a descoberta, mesmo que se tenha sido testado em poucos pacientes ou seja ainda estudo em andamento apresentado em congressos, por exemplo, o que é preocupante, pois pode alarmar a população sem necessidade³⁷.

Em relação à coerência, também se percebe que boa parte dos textos se concentra em só um estudo, sem que o jornalista se preocupe em avaliar estudos anteriores sobre o mesmo tema ou mesmo, discutir o estudo. Isso é justificável pela própria autoridade do discurso científico que faz com que o jornalista acredite e aceite o que o pesquisador afirma, sem buscar outras fontes ou o contraditório³⁸. O que é um tanto errôneo, uma vez que o jornalista pode se posicionar de forma crítica perante a área médica³⁹.

A mediana do item global, que representa um resumo dos outros sete itens obteve valor três, levando a considerar como moderada a qualidade científica para a amostra. No estudo de validação do instrumento para o idioma espanhol as medianas foram calculadas entre dois avaliadores e os valores obtidos foram mais baixos (um e

dois)³⁶. O artigo original³⁵ do questionário não traz um score, mas indica que o item global assume esse papel, por ser um resumo dos outros itens.

O item dois, referente à distinção entre os fatos e opiniões também obteve mediana três e indica que na amostra os textos apresentam certa ambigüidade na apresentação das informações. Uma vez que as opiniões devem somente reforçar uma informação⁴⁰ este resultado não era esperado, principalmente porque os textos do gênero opinativo foram excluídos da análise.

O item três, correspondente a validade do fato ou descoberta relatado no texto foi o que obteve menor percentagem de textos com pontuação máxima. Muitas vezes o pouco espaço editorial obriga o repórter a suprimir informações importantes e dados que ele talvez considere complexos pois os jornalistas se centram mais nas conclusões das pesquisas e aplicação dos resultados no cotidiano das pessoas e não nas observações que geraram hipóteses ou os materiais e métodos utilizados no trabalho⁴¹.

Porém mesmo que ele não cite os métodos, o fato de avaliar criticamente a pauta e por si só, definir se ela merece espaço no jornal já faria com que sejam veiculadas evidências socialmente relevantes. Considera-se fundamental que o jornalista tenha espírito crítico e pesquise sobre o tema da reportagem em saúde e também sobre os métodos empregados na descoberta, sendo que na amostra o item teve mediana três, configurando certa dificuldade do jornalista em avaliar a credibilidade do estudo.

O item referente ao alcance, complementa o anterior e sua pontuação três indica que o leitor pode estar recebendo informações de forma ambígua ou incompleta. Porém, é fundamental que o jornalista verifique não só a metodologia utilizada, mas também explicita a origem dos recursos da pesquisa para detectar conflitos de

interesse e vínculos empresariais, além de contextualizar o estágio da pesquisa em outros países, bem como consultar outras fontes sobre o mesmo tema que podem auxiliar no entendimento da pesquisa⁴².

A precisão dos dados e coerência das evidências, (item cinco e seis, respectivamente), ambos com mediana dois pode estar revelando certa dificuldade do jornalista em expressar em seu texto tanto a significância estatística como as comparações do tema com outras pesquisas e estudos na mesma área. O que é verdade para o pesquisador é relacionado ao grau de certeza que ele tem em relação a aquela informação, mas esse conceito pode ter interpretações diferentes quando se ouve um “outro lado” da ciência, sob a voz de outro pesquisador da área, por exemplo⁴³. No que se refere às conseqüências da informação, o resultado do item sete, com mediana três, oferece-nos a possibilidade de inferir que nem todas as conseqüências importantes são reveladas. Porém esses dados (benefícios, riscos e custos) são essenciais para que a população tome atitudes em saúde de forma consciente e não alienada.

Uma vez que os itens do questionário são detalhistas em relação a informações para se mensurar a qualidade científica, o resultado com a amostra brasileira mostra necessidade de melhorar os textos sobre saúde na imprensa brasileira, uma vez que a mídia não deve se limitar a ser somente ferramenta para lazer, mas atuar também como porta voz para reivindicar esta preocupação social pelos temas de saúde⁴⁴ e deve fazê-lo da melhor forma possível.

Referências

- 1- Radford T. Influencia y poder de los medios de comunicación. In: Pini P, De Semir V, Turney J, Turow J, Wilkie T, Altman LK, et al. Medicina y medios de comunicación. Traducción al español de una serie publicada en la revista The Lancet. Barcelona: Fundación Dr. Antonio Esteve, 1997. p. 97-101.
- 2- Massarani L, Boys B. La ciencia en la prensa de América Latina: Un estudio en 9 países. In: X Reunión de la Red de Popularización de la Ciencia y la Tecnología en América Latina y el Caribe y IV Taller “Ciencia, Comunicación y Sociedad. San José, Costa Rica, 2007 mai 9-11. <http://www.cientec.or.cr/pop/2007/BR-LuisaMassarani.pdf> (acessado em 30/Nov/2007).
- 3- Vogt CA, Polino C, organizadores. Percepção pública da ciência: Resultados da pesquisa na Argentina, Brasil, Espanha e Uruguai. Campinas: Editora da Unicamp; 2003.
- 4- Nelkin D. Selling Science: How the Press Covers Science and Technology . New York: W. H. Freeman and Company; 1995. 217p.
- 5- Brasil. Ministério da Ciência e Tecnologia. 2007 - Percepção Pública da Ciência e Tecnologia no Brasil. <http://www.mct.gov.br/index.php/content/view/50877.html> (acessado em 17/Jan/ 2007).
- 6- Coe GA. Comunicación y promoción de la salud. Revista latinoamericana de comunicación Chasqui 1998; 63: 26-29.
- 7- Barata RCB. Saúde e direito a informação. Cad Saúde Pública 1990; 6 (4): 385-399.
- 8- França E, Abreu D, Siqueira M. Epidemias de dengue e divulgação de informações pela imprensa. Cad Saúde Pública 2004; 20(5):1334-1341.

- 9-** Serra GMA, Santos EM. Saúde e mídia na construção da obesidade e do corpo perfeito. Cienc Saúde Coletiva 2003; 8 (3): 691-701.
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232003000300004&lng=pt&nrm=iso (acessado em 02/Abr/ 2006).
- 10-**Chaud DMA, Marchioni DML. Nutrição e mídia: uma combinação às vezes indigesta. Hig. Aliment 2004; 18 (116/117): 18-22.
- 11-**Noto AR, Baptista MC, Faria ST, Nappo AS, Galduróz JCF, Carlini, EA . Drogas e saúde na imprensa brasileira: uma análise de artigos publicados em jornais e revistas. Cad Saúde Pública 2003; 19 (1): 69-79.
- 12-**Lefèvre F. Jornal, saúde, doença, consumo Viagra e Saia Justa. Interface - Comunic Saúde Educ 1999; 3 (4) 63-72.
- 13-**Calvo Hernando M. Manual de Periodismo Científico. Barcelona: Bosch; 1997.
- 14-**Weston LC, Ruggiero JA. The popular approach to women's health issues: a content analysis of women's magazines in the 1970`s. Women & health 1986;10 (4 winter): 47-62.
- 15-**Moyer CA, Vishnu LO, Sonnad SS. Providing health information to women. The role of magazines. Int J of Tech Assessment in Health Care 2001; 17: 137-145.
- 16-** Revuelta G, Alonso I, Tomas S, Guerrero M, Rohlfs I. Género y salud en la prensa diaria. Revista Quark 2003; 27 (jan-mar): 14 – 23.
- 17-**Aquino EML, Menezes GMS, Acoedo MB. Género e saúde no Brasil: considerações a partir da PNAD. Rev Saúde Públ 1992; 26 (3).
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89101992000300011&lng=in&nrm=iso&tlng=in (acessado em 13/Set/2007).

- 18-** Travassos C, Viancava F, Pinheiro R, Brito A. Utilização dos serviços de saúde no Brasil; gênero, características familiares e condição social. Rev Panam Salud Publica 2002; 11 (5-6).
http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1020-49892002000500011 (acessado em 13/Set/2007).
- 19-**Kramarae C, Spender D. Enciclopedia Internacional de las mujeres. Edición especial para el ámbito hispanohablante. Madrid: Síntesis; 2006.
- 20-**Brasil. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE. Brasil em síntese. 2000a.
http://www.ibge.gov.br/brasil_em_sintese/tabelas/populacao_tabela01.htm
(acessado em 19/Ago/2007).
- 21-** Barroso C. A saúde da mulher no Brasil. Sao Paulo: Nobel: Conselho Estadual da Condição Feminina; 1985.
- 22-**Brasil. Ministério da saúde. Indicadores de Dados Básicos. Esperança de vida ao nascer. 2006a. <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/idb2006/a11f.htm>. (acessado em 13 de set 2007).
- 23-**Brasil. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE. Brasil em síntese. 2000b. http://www.ibge.gov.br/brasil_em_sintese/tabelas/trabalho.htm (acessado em 19/Ago/2007 .
- 24-**Godinho RE, Mameri CP.De que morrem as mulheres brasileiras.In:XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais. Ouro Preto, Minas Gerais,Brasil.2002 nov 4-8.
http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/GT_SAU_ST35_Godinho_texto.pdf (acessado em 08/Nov/2007).

- 25-Simões, LM. A saúde na imprensa brasileira. [Dissertação de mestrado]. São Paulo (SP): Universidade de São Paulo; 2000.
- 26-Brito MFD. Saúde da Mulher na Imprensa Feminina. [Dissertação de mestrado]. São Paulo (SP) Universidade de São Paulo, 2001.
- 27-Mendonza BAP, Santos LCN. Saúde, ciência e tecnologia no jornal Folha de Sao Paulo. In: Melo JM, Epstein I, Sanches C, Barbosa S, organizadores. Mídia e saúde. Adamantina: Co-edição Umesp, Unesp e Fai; 2001. p. 733- 745.
- 28-Penteado RZ, Gianinni SPP, Costa BCG. A campanha de voz em dois jornais brasileiros de grande circulação. Saúde e sociedade 2002;11(2): 49-64.
- 29-Grupo de Mídia São Paulo. Mídia Dados 2007. São Paulo: Editora Abril; 2007.
- 30-Lustosa E. O texto da notícia. Brasília: Editora UNB; 1996.
- 31-Epstein I. Comunicación y salud pública. Revista latinoamericana de comunicación Chasqui 1998; 63: 40-43.
- 32-Editora Abril. Estudos Marplan / EGM – AS 10 + - 9 mercados – 2006. VEJA Mídia Kit. http://veja.abril.com.br/idade/publiabril/midiakit/veja/perfil_leitor.shtml (acessado em 3/Dez /2007).
- 33-Editora Globo. Estudos Marplan consolidado 2006 e IVC média 2006. Midia Kit Época. <http://editoraglobo.globo.com/publiedglobo.htm> (acessado em 3 dez 2007)
- 34-Oliveira C. Perfil Novo IstoÉ – IVC setembro07.ppt. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por mariellajornalista@gmail.com em 13/dez /2007.
- 35-Oxman AD, Guyatt GH, Cook DJ, Jaeschke R, Heddle N, Keller J. An index of scientific quality for health reports in the lay press. J Clin Epidemiol 1993; 46: 987-1001.

- 36-Biondo E, Khoury M. Informação de saúde em la prensa diaria argentina: adaptación al español y validación del cuestionario Index of Scientific Quality para medir su calidad. *Biomédica* 2005; 25:366-76.
- 37-Woloshin S, Schwartz LM. Media reporting on research presented at scientific meetings: more caution needed. *MJA* 2006; 184 (11): 576-580.
http://www.mja.com.au/public/issues/184_11_050606/wol10024_fm.html
(Acessado em 10 set 2007).
- 38-Fog L. De las fuentes al público. *Interciencia* 2002; 27(2):84-87.
- 39-Kuscinsky B. Jornalismo, saúde e cidadania. *Interface - Comunic Saude Educ.* 2000; fev: 181-186.
- 40-Barros, Antonio Teixeira de. Poder, saber e discursos ecológicos no Brasil: ciência, estado e imprensa. In: Duarte J, Barros AT (editores técnicos). *Comunicação para a ciência, ciência para a comunicação*. Brasília:Embrapa Informação Tecnológica; 2003. p.67-93.
- 41-Gomes, Isaltina Maria de Azevedo Mello. Cientistas e jornalistas: um diálogo possível. In: Duarte J, Barros AT (editores técnicos). *Comunicação para a ciência, ciência para a comunicação*. Brasília:Embrapa Informação Tecnológica; 2003. p.187-215.
- 42-Caldas, Graça. Jornalistas e cientistas: uma relação de parceria. In: Duarte J, Barros AT (editores técnicos). *Comunicação para a ciência, ciência para a comunicação*. Brasília:Embrapa Informação Tecnológica; 2003. p.217-230.
- 43-Monteiro, Maria da Graça Miranda de França. Duelo ou dueto? A controvertida relação entre cientista e jornalista. In: Duarte J, Barros AT (editores técnicos).

Comunicação para a ciência, ciência para a comunicação. Brasília:Embrapa Informação Tecnológica; 2003. p.161-185.

44-De Semir V. Noticia médica: ¿impacto científico o impacto mediático?. Revista Quark 1999. <http://www.prbb.org/quark/20/020044.htm> (acessado em 13/ jun/ 2007).

Tabela 1. Qualidade científica dos textos sobre saúde da mulher (n=80)

Item	Avaliador1			Avaliador2			Avaliador3			Avaliador4		
		%	%		%	%		%	%		%	%
	Mediana	teto	piso	Mediana	teto	piso	Mediana	teto	piso	Mediana	teto	piso
Aplicabilidade	4 (1 - 5)	31,3	2,5	5 (1 - 5)	83,8	3,8	3 (1 - 5)	2,5	3,8	4 (2 - 5)	47,5	.
Opinião X fato	2 (1 - 5)	2,5	22,5	3 (1 - 5)	32,5	10	3 (1 - 5)	5	6,3	4 (2 - 5)	7,5	.
Validade	2 (1 - 5)	1,3	38,8	1 (1 - 5)	5	63,8	2 (1 - 5)	1,3	15	3 (2 - 5)	6,3	.
Alcance	2 (1 - 5)	2,5	35	3 (1 - 5)	28,8	12,5	3 (1 - 5)	5	18,8	3 (2 - 5)	6,3	.
Precisão	2 (1 - 5)	2,5	37,5	1 (1 - 5)	1,3	67,5	2 (1 - 5)	3,8	45	3 (2 - 5)	7,5	.
Coerência	2 (1 - 4)	.	43,8	1 (1 - 5)	7,5	70	2 (1 - 5)	3,8	40	3 (1 - 5)	3,8	1,3
Conseqüência	2 (1 - 4)	.	35	4 (1 - 5)	30	6,3	2 (1 - 5)	3,8	16,3	3 (1 - 5)	5	1,3
Global	3 (1 - 5)	7,5	27,5	3 (1 - 5)	5	6,3	3 (1 - 5)	5	11,3	3,5 (1 - 5)	11,3	1,3

4. Discussão

Esta dissertação teve como objetivos avaliar os textos sobre saúde da mulher presentes nas principais revistas semanais brasileiras do segmento atualidades, seus conteúdos e qualidade científica. Não foram encontrados muitos estudos referentes ao tema no país, apesar da saúde da mulher na imprensa ser assunto em publicações internacionais tanto em comunicação como em medicina. Assim, para analisar como as revistas noticiaram a saúde da mulher na mídia, buscou-se aliar as informações obtidas através da análise de conteúdo com os resultados encontrados sobre a qualidade científica a partir da adaptação e utilização de questionário internacional. Sua importância reside no fato da imprensa ser veículo transmissor de informações em saúde para a população.

Os resultados apresentados no primeiro artigo mostraram que a saúde da mulher ocupou espaço considerável nas publicações. O tema é apresentado predominantemente em textos que fazem menção a aspectos reprodutivos, o que condiz de certa forma com estudos científicos em saúde da mulher e estatísticas nacionais de uso dos serviços de saúde (Gannon et al., 1997;

Brasil, 2006b¹¹). Em contrapartida, o climatério, período ao qual cada dia mais mulheres chegam e no qual transformações no corpo e na vida acontecem, é pouco tratado, conforme já verificado por Amaral (2005).

Temas relevantes como os principais fatores de mortalidade associados à mulher também receberam pouco espaço. É fato que esses fatores, como as doenças cardiovasculares por exemplo, não são exclusividade das mulheres e aparecem nas publicações como textos de saúde em geral, sendo que nos doze meses de análise foram 52 textos sobre doenças cardiovasculares, 25 sobre neoplasias malignas e 17 sobre doenças respiratórias. Isto pode ser considerado uma limitação na interpretação dos resultados, uma vez que as mulheres poderiam ter obtido informações sobre essas enfermidades nos textos de saúde em geral.

Além disso, um dos critérios para que um fato ganhe as páginas da imprensa é a novidade e como as causas de morbi-mortalidade são relativamente estáveis, não tiveram números ou percentagens significativas no período analisado para que virassem notícia. Porém, consideramos que a mídia tem uma responsabilidade social que deveria ir além da mudança nos números para que um fato seja noticiado e deveria atuar visando a informação e a prevenção das doenças mais prevalentes, além da novidade em si.

O assunto estética ocupa grande número dos textos, o que pode ser devido ao fato de que a imagem da mulher na nossa cultura se coloca ao lado de beleza, saúde e juventude. A estética está vinculada a sociabilidade e

¹¹ <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?idb2006/d13.def>

regula um número cada vez maior de contextos e formas sociais. Para as mulheres, a beleza é um dever cultural e atualmente, o discurso é que ela pode ser bela se quiser, basta se esforçar (comprar, consumir, imitar, malhar e até se mutilar) reproduzindo a beleza como uma questão de escolha e vontade. "De dever social (se conseguir, melhor), a beleza tornou-se um dever moral (se quiser eu consigo)" (Novaes e Vilhena, 2003, p. 25). Claro que muitas mulheres fazem suas escolhas sem influências desse discurso, porém ele poderia explicar a grande quantidade de referências a beleza. A final, as revistas trazem as notícias como produtos e ofertam temas que são vendáveis já que como fazem parte de empresas de comunicação, objetivam também o lucro.

A predominância do gênero jornalístico nota revelou certa superficialidade no tratamento do tema saúde da mulher. De fato, as matérias jornalísticas têm se tornado cada vez mais curtas e comprometendo a divulgação de fatos mais complexos como a cobertura de saúde, que precisa de espaço para o seu entendimento (Bueno, 2005). As notas são superficiais justamente porque o jornalista geralmente detém poucas informações sobre o fato, que pode não estar totalmente definido. Esse problema não é exclusivo das revistas de generalidades, pois nas próprias revistas femininas o espaço para a saúde da mulher é pequeno, com abordagem superficial e linguagem pouco acessível às classes populares (Mendonza e Santos, 2001 ;Oliveira et al, 2002). Uma vez que o tema tem relevância social, esperava-se que fosse tratado com mais profundidade e freqüência pelas revistas que circulam semanalmente em todo o país.

Quanto à origem dos fatos, nem todos os textos de saúde têm como base uma fonte só científica observada em 41,1% dos textos. E de fato, as fontes em jornalismo científico não se limitam somente à ciência, já que toda história científica tem ângulos econômicos, políticos e sociais (Crespo, 2003). Afinal é preciso financiamento da pesquisa, e os recursos acabam muitas vezes definindo as prioridades de investigação, possibilitando pautas sobre economia em saúde. A angulação econômica também perpassa as pesquisas que tem como financiador determinado laboratório, que pode determinar o tom do texto – mesmo que não se explicita esse financiamento. Os pesquisadores muitas vezes acreditam que os fundos privados são um substituto bem vindo à iniciativa pública mas nem sempre consideram que esse financiamento seja importante de ser divulgado, ao passo que isso chama a atenção da imprensa que pode investigar os benefícios e conflitos de interesse (Nelkin, 1997). As discussões em torno da saúde dependem também de vontade política e variam de acordo com as políticas públicas da área, podendo o jornalista fazer deste o foco de uma notícia. Quanto aos ângulos sociais, estes se dão a cada personagem que é introduzido no fato, que teve ou terá sua qualidade de vida diretamente influenciada pela descoberta.

A predominância de notícias internacionais (41,1%) pode ser fruto de um maior fluxo de produção e circulação de informação médica e sanitária nessas regiões – internacionalmente, Estados Unidos e Europa (berço das principais revistas científicas médicas) . É a preferência do global em detrimento do local (Greenhalgh, 2002). Outra explicação estaria no fato de as grandes revistas científicas internacionais possuírem seus próprios assessores de imprensa, que

“facilitam” o trabalho dos jornalistas pois enviam *releases* com textos já adaptados para a mídia em geral(De Semir, 2001¹²; Woloshin e Shwartz, 2002¹³). Nacionalmente se destacou a região sudeste, onde estão as principais universidades e centros de pesquisa e conseqüentemente têm maior produção científica, além da própria proximidade geográfica com as redações dessas revistas. Porém, se são publicações nacionais, esperava-se uma cobertura mais abrangente. Cabe destacar também que a grande maioria da amostra foi ilustrada, o que revela preocupação com a atratividade e melhor entendimento do assunto.

Os objetivos da pesquisa não contemplam a comparação entre revistas porém cabem aqui algumas considerações, sistematizadas em tabelas no Anexo 4. A revista *Época* apresentou maior número de textos, porém em sua maioria são notas. Ela traz também maioria de textos sobre prevenção, riscos e cuidados, com origem internacional e ilustrados, priorizando as fontes científicas. Enquanto *Veja* traz um número menor de textos, mais da metade deles é reportagem ilustrada e com fonte mista. Esta publicação prioriza dados de origem nacional ao contrário das outras revistas e o tema predominante é a saúde reprodutiva. A Revista *IstoÉ* apresenta mais temas de saúde reprodutiva e prevenção, riscos e cuidados. O gênero que mais aparece é a nota com maioria de textos ilustrados, origem internacional e fontes científicas.

Uma vez que desconhece-se a utilização do *Index of Scientific Quality* (Oxman et al, 1993) no Brasil, também foi feita uma adaptação desse

¹² <http://www.prbb.org/quark/20/020044.htm>

¹³ <http://jama.ama-assn.org/cgi/reprint/287/21/2856>

instrumento de pesquisa à língua portuguesa. Seus itens apresentaram homogeneidade e mensuraram de forma satisfatória a escala proposta, de acordo com a consistência interna apresentada pelo alfa de Cronbach. Por outro lado, as concordâncias inter e intra-observadores não foram significativas. Mesmo assim, avaliando a literatura em jornalismo científico, pode-se inferir que o ISQ traz um bom apanhado de características que devem estar presentes num texto sobre saúde na mídia. Na avaliação de Oxman et al. (1993), a concordância foi boa em cinco itens (incluindo o item global), moderada em dois e razoável em um. A validação em espanhol criou um outro escore e as medianas foram calculadas entre dois avaliadores (Biondo e Khoury, 2005). Em resumo, a atual avaliação mostrou resultado melhor que o relatado por Biondo e Khoury (2005) no que se refere a qualidade científica das informações.

O artigo três faz referência à avaliação da qualidade científica dos textos informativos sobre saúde da mulher. Inferiu-se, a partir da mediana total dos quatro avaliadores no item global, com pontuação três, que a qualidade científica foi moderada. O fato de os avaliadores não terem recebido treinamento para utilização do instrumento é uma limitação do estudo que pode ter dado margem a subjetividade na interpretação das questões, por suas diferentes percepções em relação aos textos jornalísticos. Cabe ressaltar ainda que o item aplicabilidade obteve maior mediana, o que denota clareza em relação ao que está expresso no texto analisado e o público destinatário.

Os itens precisão e coerência obtiveram as menores medianas, de valor dois, e atentam para a dificuldade do jornalista em expressar em seu texto

informações técnicas como o tamanho amostral, a significância estatística ou mesmo as comparações do tema com outras pesquisas e estudos na mesma área. O esforço dos jornalistas em chamar a atenção do público pode violar as normas da ciência pois para criar um ponto de vista de interesse humano, buscam personagem, mesmo que isso altere a pesquisa que teria sentido somente em contexto estatístico. Ao mesmo tempo, os profissionais da notícia precisam convencer os editores sobre a singularidade da história e o fato de ter sido a primeira descoberta, o principal avanço, faz com que pesquisas incipientes ganhem as páginas dos jornais - já os cientistas se preocupam com a continuidade das investigações, não com os primeiros achados (Nelkin, 1997).

É preciso considerar que o leitor comum pouco entenderia a colocação simples de valores como a significância estatística do estudo, e isso denotaria um esforço maior do profissional em buscar algum recurso que aproxime esse dado ao universo do leitor. Isso já foi comentado por Burket (1990) pois os jornalistas escrevem sobre testes pelo valor aparente sem destaque aos métodos e técnicas. Muitas vezes a falta de precisão é fruto do esforço do jornalista em apresentar algo complexo de forma nova e que atraia a audiência em poucos segundos ou linhas (Nelkin, 1997). Porém, é preciso alertar sobre a necessidade de se ter certeza quanto a precisão dos dados e a significância estatística da pesquisa.

A comparação do tema com outras pesquisas e estudos na mesma área é também importante, pois o que é verdade para o pesquisador está relacionado ao grau de certeza que ele tem em relação a aquela informação, mas esse

conceito pode ter interpretações diferentes quando se ouve um “outro lado” da ciência, sob a voz de outro pesquisador da área, por exemplo (Monteiro, 2003, p. 168). Ouvir o outro lado é algo que irrita os cientistas já que trabalham com verificação de hipóteses - e para o jornalismo é importante dedicar mesmo tempo e espaço para diferentes opiniões (o que nem sempre acontece em ciência, pela própria autoridade do discurso científico).

Jornalistas e cientistas tem objetivos similares mas perspectivas e expectativas diferentes sobre as notícias, com linguagem e estilos diferentes. A qualidade científica mensurada pelo índice, não leva em conta características básicas do jornalismo descritas por Otto Groth (1968)¹⁴: atualidade, difusão, periodicidade e universalidade. A preocupação jornalística com o novo e aparecimento regular dos fatos determinando inclusive o ritmo de vida da sociedade, a cobertura variada abrangente e heterogênea da realidade e sua divulgação através dos meios de comunicação que tornam acessível a população esses fatos também determinam um texto de qualidade para o jornalismo.

Em contrapartida, o pouco tempo, a necessidade de concisão e simplicidade num texto jornalístico impedem a documentação detalhada dos métodos, que os cientistas acreditam essencial (Nelkin, 1995). Para a comunidade científica, a pesquisa teria interesse jornalístico através do respaldo dos colegas de profissão sendo que as investigações preliminares não, até que sejam revistas pelos pares das revistas científicas, por exemplo.

¹⁴ Groth O, *apud* Rego, FGT. Jornalismo Empresarial: teoria e prática. São Paulo: Summus, s/a. Coleção Novas Buscas em Comunicação. 1987.

Para os jornalistas, o fato estabelecido é velho e de menor interesse que a pesquisa mais recente, mesmo que preliminar. O incomum, a última descoberta principalmente se for controversa, os escândalos e problemas, isto atrai e tem espaço nos meios de comunicação, ao contrário da rotina científica. As palavras utilizadas rotineiramente pelos cientistas tem diferentes significados para a audiência e tornar um texto acessível para o público leigo pode ser considerado pelo cientista como uma vulgarização. Os jornalistas por outro lado, precisam apresentar de maneira amena e atrativa algo complexo (Nelkin, 1997).

O fato de os cientistas quererem controlar o fluxo de informação que chega a sociedade da mesma forma que fazem em seu próprio ambiente, faz com que muitos vejam os meios de comunicação como um veículo para promover avanços científicos e médicos. Porém, os jornalistas não são anunciadores acríticos da ciência e precisam suspeitar sobre os interesses por detrás das descobertas (Nelkin, 1997).

Interpretar os fatos descritos é dever do jornalista e essa interpretação é parcial, a partir das eleições que ele faz através de critérios de pertinência e relevância. Apesar de ser objetivo ele é um mediador que elege, seleciona, põe em evidência o que considera o mais relevante e organiza os fatos sob o ponto de vista que ajude o leitor a compreender melhor a realidade (Bettetini e Fumagalli, 1999).

Em suma, cientistas e jornalistas tem responsabilidade na boa comunicação da saúde para o público. Os cientistas devem estar dispostos a explicar com clareza os termos técnicos de seu trabalho e admitir que podem estar errados, além de tentar conter sua própria expectativa quanto às notícias da imprensa

sobre sua pesquisa. Os jornalistas por sua vez, precisam se capacitar e tirar todas as dúvidas nas entrevistas com suas fontes, além de tentar conter o sensacionalismo. Existe a boa e má ciência, existe o bom e mau jornalismo. Para se fazer um bom jornalismo de ciência, em especial sobre a saúde é preciso que esses dois atores compartilhem informações para, juntos, melhorarem o entendimento da ciência pelo público (Nelkin, 1995).

As revistas tem um papel importante mas se não é alimentada com dados dos pesquisadores da saúde, elas pouco farão. É importante ainda que os governos tenham preocupação política com a divulgação das informações em saúde, fomentando programas e políticas de capacitação de jornalistas e pesquisadores na área da comunicação da saúde e incentivando os já existentes.

Esperamos com este trabalho contribuir para que a mídia e os profissionais da saúde transmitam informações precisas e sobretudo importantes. E também na formação de profissionais da saúde e da notícia mais comprometidos com as necessidades de informação em saúde para a população. Há muito que fazer em comunicação da saúde. Assim, embora não se possa generalizar os dados aqui encontrados para outros períodos de análise ou veículos, eles reforçam a preocupação em se avaliar a informação em saúde que os meios de comunicação levam até às pessoas. A sociedade merece informação de qualidade e espero retribuir os anos de estudo em instituições públicas de ensino através de uma prática jornalística e de pesquisa comprometida com as realidades mais carentes de recursos.

5. Conclusões

- ? As revistas semanais do segmento atualidades analisadas no período dedicaram pouco espaço do noticiário em saúde para a saúde da mulher. Houve predominância do tema saúde reprodutiva em detrimento de outros temas relevantes como a menopausa. Pela grande quantidade de notas, inferiu-se que o tema é tratado na maior parte das vezes com superficialidade.

- ? Os itens do questionário mensuraram a qualidade científica dos textos de forma adequada porém a baixa concordância inter e intra-observadores indicou a necessidade de novos estudos para se avaliar a versão brasileira do *Index Of Scientific Quality*.

- ? A qualidade científica dos textos analisados no período foi moderada.

6. Referências Bibliográficas

Amaral ICGA. Abordagem da menopausa em textos jornalísticos veiculados em revistas de atualidades. [Dissertação]. Campinas (SP): Universidade Estadual de Campinas; 2005.

Aquino EML, Menezes GMS, Acoedo MB. Gênero e saúde no Brasil: considerações a partir da PNAD. Rev Saúde Públ.[on-line] 1992 [acesso em 13 set 2007]; 26 (3). Disponível em:URL:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89101992000300011&lng=in&nrm=iso&tlng=in .

Barata RCB. Saúde e direito a informação. Cad Saúde Pública 1990; 6 (4) : 385-99.

Bacha AM. Avaliação da implantação do PAISM no estado de São Paulo no período 1987-1990. [Tese-Doutorado]Campinas (SP): Universidade Estadual de Campinas, 1997.

Barroso C. A saúde da mulher no Brasil. São Paulo: Nobel: Conselho Estadual da Condição Feminina; 1985.

Biondo E, Khoury M. Información de salud en la prensa diaria argentina: adaptación al español y validación del cuestionario Index of Scientific Quality para medir su calidad. *Biomédica* 2005; 25:366-76.

Brasil. IBGE. Brasil em síntese. [on-line]2000a. [acesso 13 set 2007].

Disponível em: URL:

http://www.ibge.gov.br/brasil_em_sintese/tabelas/populacao_tabela01.htm .

Brasil. IBGE. Brasil em síntese. [on-line]2000b. [acesso 10 set 2007].

Disponível em: URL:

http://www.ibge.gov.br/brasil_em_sintese/tabelas/trabalho.htm .

Brasil. Ministério da saúde. Indicadores de Dados Básicos. Esperança de vida ao nascer. [on-line]2006a [acesso em 13 set 2007]. Disponível em: URL:

<http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/idb2006/a11f.htm> .

Brasil. Ministério da Saúde. Indicadores de morbidade e fatores de risco.[on-line]2006b [acesso em 19 out 2007]. Disponível em: URL:

<http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?idb2006/d13.def> .

Brasil. Ministério da Saúde. IDB Brasil 2006. Mortalidade proporcional por grupos de causas. [on-line]. 2006c [acesso em 19 ago 2007] Disponível em:

URL: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?idb2006/c04.def> .

BRASIL. Ministerio da Saúde. Temático Saúde da Mulher/Brasil. Ministério da Saúde. Painel de Indicadores do SUS 2. Brasília: OPAS; 2007b.

Brasil. Ministério da Ciência e Tecnologia. Percepção Pública da Ciência e Tecnologia no Brasil [on-line] 2007 [acesso em 17 nov 2007]. Disponível em:

URL: <http://www.mct.gov.br/index.php/content/view/50877.html> .

Brito MFD. Saúde da Mulher na Imprensa Feminina. [Dissertação]. São Paulo (SP): Universidade de São Paulo; 2001.

Bueno WC. Empurroterapia na imprensa: essa doença tem remédio? In: Anais da VI Conferencia Brasileira de comunicação e saúde: mídia, mediação e medicalização. Brasília:Anvisa; 2005. p.89-104.

Bueno WC. Jornalismo científico, lobby e poder. In: Duarte J, Barros AT, ed. Comunicação para a ciência, ciência para a comunicação. Brasília:Embrapa Informação Tecnológica; 2003. p. 115-59.

Burket W. Jornalismo científico. Como escrever sobre ciência, medicina e alta tecnologia para os meios de comunicação. Rio de Janeiro: Forense Universitária; 1990.

Caldas G. Jornalistas e cientistas: uma relação de parceria. In: Duarte J, Barros AT, ed. Comunicação para a ciência, ciência para a comunicação. Brasília:Embrapa Informação Tecnológica; 2003. p. 217-30.

Calvo Hernando M. Ciencia y periodismo. Barcelona: CEFI; 1990.

Calvo Hernando M. Manual de Periodismo Científico. Bosch, Barcelona; 1997.

Camargo, Vera Regina Toledo. O telejornalismo e o esporte espetáculo. [Tese-Doutorado]. São Bernardo do Campo (SP): UMESP; 1998.

Castro PC. A enunciação midiática da sexualidade a partir da Aids: os discursos de Veja e IstoÉ nas décadas de 1980 e 1990. In: Anais do XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação; 2005 Set 05-09; Rio de Janeiro, Brasil. CD ROOM.

Chaud DMA, Marchioni DML. Nutrição e mídia: uma combinação às vezes indigesta. *Hig Aliment* 2004;18(116/117):18-22.

Chrisler JC, Levy KB. The media construct a menstrual monster: a content analysis in the popular press. *Women & health* 1990; 16 (2): 89 – 104.

Citeli MT. A reprodução humana na pauta dos jornais brasileiros (1996-2000). In: Oliveira F, Galvão J, Greenhalgh L, Rios LF, Pazello M, Citeli MT, Corrêa S. *Olhar sobre a mídia*. BH: Mazza edições; 2002. p. 184-213.

Coe GA. Comunicación y promoción de la salud. *Revista Chasqui* [on-line] 1998 [acesso em 06 mar 2007]; 63. Disponível em: URL: <http://chasqui.comunica.org/coe.htm>.

Condit CM. Media bias for reproductive technologies. In: Parrot RL, Condit CM, ed. *Evaluating Women's Health Messages: A Resource Book*. Thousand Oaks, Calif: Sage Publications, Inc; 1996. p. 341 –355.

Crespo MA. Bases heurísticas en la comunicación científica. In: Vásquez AL, Ramirez FE. *El periodismo de fuente*. Salamanca: Servicio de Publicaciones de La Universidad Pontificia de Salamanca; 2003. p. 277- 89.

De Semir V. Notícia médica: ¿impacto científico o impacto mediático? *Revista Quark* [on-line] 2001 [acesso em 13 jun 2007]. Disponível em: URL: <http://www.prbb.org/quark/20/020044.htm> .

Editora Abril. Estudos Marplan / EGM – AS 10 + - 9 mercados – 2006. *VEJA Mídia Kit*. [on-line] 2007 [acesso em 03 dez 2007]. Disponível em: URL: http://veja.abril.com.br/idade/publiabril/midiakit/veja/perfil_leitor.shtml .

Editora Globo. Estudos Marplan consolidado 2006 e IVC média 2006. Midia Kit Época. [on-line] 2007 [acesso em 03 dez 2007] Disponível em. URL: <http://editoraglobo.globo.com/publiedglobo.htm> .

Epstein I. Comunicación y salud pública. Revista Chasqui 1998; 63: 40-3.

Faundes A. Del Cairo y Beijing al Cusco. In: Hardy E, org. Memórias de la Asociación Latinoamericana de Investigadores en reproducción humana (Alirh). Campinas, SP: Hortografica; 2000.

Fayers PM; Machin D. Quality of Life: assessment, analysis and interpretation. Chichester: John Wiley e Sons; 2000.

Fleiss JL.. The measurement of inter-rater agreement. In: Fleiss JL, Levin B, Cho Paik M. Statistical methods for rates and proportions. 3 ed. Nova York : John Wiley & Sons, Inc.; 2000.

Fog L. De las fuentes al público. Interciencia 2002; 27 (2): 84-7.

França E, Abreu D, Siqueira M. Epidemias de dengue e divulgação de informações pela imprensa. Cad Saúde Pública 2004; 20(5):1334-41.

Gannon L, Stevens J, Stecker T. A content analysis of obstetrics and gynecology scholarship: implications for women`s health. Women & health 1997: 26 (2):41-55.

Godinho RE, Mameri CP. De que morrem as mulheres brasileiras. In: XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais. 2002 4-8 nov; Ouro Preto MG, Brasil. [acesso em 08 nov 2007]. Disponível em: URL: http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/GT_SAU_ST35_Godinho_texto.pdf .

Gomes IMAM. Cientistas e jornalistas: um diálogo possível. In: Duarte J, Barros AT, ed. Comunicação para a ciência, ciência para a comunicação. Brasília:Embrapa Informação Tecnológica; 2003. p. 187-215.

Gonçalves EH, Varandas R. O papel da mídia na prevenção do HIV Aids e a representação da mulher no contexto da epidemia. Cien Saúde Coletiva 2005; 10 (1): 229-35.

Greenhalgh L. Precusores ou retardatários. In: Oliveira F, Galvão J, Greenhalgh L, Rios LF, Pazello M, Citeli MT, Corrêa S. Olhar sobre a mídia. BH: Mazza edições; 2002. p. 27- 50.

Grupo de Mídia São Paulo. Mídia Dados 2007. São Paulo: Editora Abril; 2007.

Hansen JH. Como entender a saúde na comunicação? São Paulo: Summus; 2004.

Hulley SB; Cummings SR; Browner WS, Grady D, Hearst N, Newman TB. Delineando a pesquisa clínica: uma abordagem epidemiológica. Tradução de Duncan MS, Peres AR. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.

Junior WCF. Análise de conteúdo. In: Duarte J, Barros A, org. Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo:Atlas; 2005. p. 280-304.

Jurberg C, Macchiute B. Um olhar sobre as revistas: o caso da divulgação em câncer. Intercom-Revista Brasileira de Ciências da Comunicação 2006; 29 (2): 119-32.

Kahl ML, Lawrence-Bauer J. An analysis of discourse promoting mammography. Pain, promise and prevention. In: Parrot RL, Condit CM, ed. Evaluating Women's Health Messages: A Resource Book. Thousand Oaks, Calif: Sage Publications, Inc; 1996. p.307-21.

Kalbfleish PJ, Bonnell KH, Harris TM. Media Portrayals of womens menstrual healt issues. In: Parrot RL, Condit CM, ed. Evaluating Women's Health Messages: A Resource Book. Thousand Oaks, Calif: Sage Publications, Inc; 1996. p. 341-55.

Kramarae C, Spender D. Enciclopédia Internacional de las mujeres. Edición especial para el ámbito hispanohablante. Madrid: Síntesis; 2640 p. v.5.

Kuscinsky B. Jornalismo, saúde e cidadania. Interface - Comunic Saúde Educ 2000; fev: 181-6.

Lage N. A estrutura da notícia, São Paulo: Ática; 1985.

Landis JR, Koch G. The measurement of observer agreement for categorical data. Biometrics 1977; 33: 159-74.

Lefèvre F. Jornal, saúde, doença, consumo Viagra e Saia Justa. Interface - Comunic Saúde Educ 1999; 3 (4) 63-72.

Lustosa E. O texto da notícia. Brasília: Editora UNB; 1996.

Manhães E. Análise do discurso. In: Duarte J, Barros A, orgs. Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo:Atlas; 2005 p. 305-15.

Massarani L, Boys B. La ciencia en la prensa de América Latina: Un estudio en 9 países. X Reunión de la Red de Popularización de la Ciencia y la Tecnología en América Latina y el Caribe y IV Taller "Ciencia, Comunicación y Sociedad"; 2007 mai 9-11; San José, Costa Rica; [on-line] 2007 [acesso em 30 nov 2007] Disponível em: URL: <http://www.cientec.or.cr/pop/2007/BR-LuisaMassarani.pdf> .

Medina C. Notícia, um produto a venda. 2 ed. São Paulo: Summus; 1988.

Melo J. Aborto na imprensa brasileira. In: OLIVEIRA MCA; ROCHA MIB, org. Saúde reprodutiva na esfera pública e política na América Latina. Campinas : Unicamp; 2001. p. 263-77.

Melo JM . A opinião no jornalismo brasileiro. Petrópolis: Vozes; 1985.

Melo JM. Comunicação em saúde: requisitos para o desenvolvimento sustentável. PCLA [on-line] 2001 nov-dez [acesso em 25 set 2007]; 3 (1).

Disponível em: URL:

<http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista9/artigos%209-2.htm> .

Mendonza BAP, Santos LCS. Ciência e tecnologia no jornal Folha de São Paulo. In: Melo JM, Epstein I, Sanches C, Barbosa S, org. Mídia e saúde. Adamantina: Co-edição Umesp, Unesp e Fai; 2001. p. 733- 45.

Millers DH .A matter of consequence: abortion rhetoric and media messages. In: Parrot RL, Condit CM, ed. Evaluating Women's Health Messages: A Resource Book. Thousand Oaks, Calif: Sage Publications, Inc.; 1996. p.33-48.

Montane E, Duran M, Capellà D, Figueras A. Scientific drug information in newspapers: sensationalism and low quality. The example of therapeutic use of cannabinoids. Eur J Clin Pharmacol 2005; 61: 475-7.

Monteiro MGF. Duelo ou dueto? A controversa relação entre cientista e jornalista. In: Duarte J, Barros AT, ed. Comunicação para a ciência, ciência para a comunicação. Brasília:Embrapa Informação Tecnológica; 2003. p.161-185.

Moyer CA, Vishnu LO, Sonnad SS. Providing health information to women. The role of magazines. International Journal of Technology Assessment in Health Care 2001; 17: 137-45.

Nações Unidas. Declaração do Milênio. [on-line] 2001 [acesso em 10 set 2007].

Disponível em: URL:

<http://www.portaldovoluntario.org.br/press/uploadArquivos/117250707519.pdf> .

Nelkin D. Una relación difícil: las tensiones entre la medicina y los medios de comunicación. In: Pini P, De Semir V, Turney J, Turow J, Wilkie T, Altman LK, et al. Medicina y medios de comunicación. Traducción al español de una serie publicada en la revista The Lancet. Barcelona: Fundación Dr. Antonio Esteve; 1997. p. 1600-3.

Nelkin D. Selling Science: How the Press Covers Science and Technology. Nova Iorque: W. H. Freeman and Company; 1995. 217p.

Noto AR, Baptista MC, Faria ST, Nappo AS, Galduróz JCF, Carlini, EA . Drogas e saúde na imprensa brasileira: uma análise de artigos publicados em jornais e revistas. Cad Saúde Pública 2003; 19 (1): 69-79.

Novaes J, Vilhena J. De cinderela a moura torta: sobre a relação mulher, beleza e feiúra. Interações 2003; 8 (15): 9-36

Oliveira C. Perfil Novo IstoÉ – IVC setembro07.ppt. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por mariellajornalista@gmail.com em 13/dez /2007.

Oliveira F, Galvão J, Greenhalgh L, Rios LF, Pazello M, Citeli MT, Corrêa S. Olhar sobre a mídia. BH: Mazza edições; 2002. 214p.

Osis MJMD. Paism: um marco na abordagem da saúde reprodutiva no Brasil. Cad Saúde Pública 1998; 14 (supl 1): 25-32,

Oxman AD, Guyatt GH, Cook DJ, Jaeschke R, Heddle N, Keller J. An index of scientific quality for health reports in the lay press. *J Clin Epidemiol.* 1993; 46:987-1001.

Pagano M. Princípios de bioestatística. Tradução de Luiz Sérgio de Castro Paiva. São Paulo: Pioneira Thonson Learning; 2004.

Phillips D, Kanter EJ, Bednarczyk B, Tastad PL. Importance of the lay press in the transmission of medical knowledge to the scientific community. *NEJM [online]* 1991[acesso em 27 mar 2006]; 325 (16). Disponível em: URL: <http://content.nejm.org/cgi/content/abstract/325/16/1180> .

Penteado RZ, Gianninni SPP, Costa BCG . A campanha de voz em dois jornais brasileiros de grande circulação. *Saúde e sociedade* 2002; 11(2): 49-64.

Perosanz JJI. Métodos cuantitativos de investigación en comunicación. Barcelona: Editorial Bosch; 2006.

Radfort T. Influencia y poder de los medios de comunicación. In: Pini P, De Semir V, Turney J, Turow J, Wilkie T, Altman LK, et al. *Medicina y medios de comunicación. Traducción al español de una serie publicada en la revista The Lancet.* Barcelona: Fundación Dr. Antonio Esteve; 1997. p. 97-101.

Mesa RY. Géneros periodísticos y géneros anexos. Madrid: Fragua, 2004.

Rego FGT. *Jornalismo Empresarial: teoria e prática.* São Paulo: Summus, s/a. Coleção Novas Buscas em Comunicação; 1987.

Revuelta G, Alonso I, Tomas S, Guerrero M, Rohlfs I. Género y salud en la prensa diaria. *Revista Quark* 2003; 27 (jan-mar) : 14 – 23.

Rius Diaz F, Lopèz FJB. Bioestatística. São Paulo: Thomson Learning; 2007.

Sampieri RH, Collado CF, Lucio PB. Metodologia de la investigación. 2ed. México: Cia Ed. Ultra; 1991.

Sefcovic EMI. Hysterectomy. What the popular press said (1986-1992). In: Parrot RL, Condit CM, ed. Evaluating Women's Health Messages: A Resource Book. Thousand Oaks, Calif: Sage Publications, Inc; 1996. p. 370-81.

Serra GMA, Santos EM. Saúde e mídia na construção da obesidade e do corpo perfeito. Ciênc saúde coletiva. [on-line] 2003 [acesso em 02 de abr de 2006]; 8 (3) . Disponível em: URL: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232003000300004&lng=pt&nrm=iso .

Shuchman M, Wilkes MS. Medical scientists and health news reporting: A case of miscommunication. Annals of Internal Medicine. [on-line] 1997 [acesso em 13 mar 2006]; 126 (12). Disponível em: URL: <http://www.annals.org/cgi/content/full/126/12/976> .

Simões, LM. A saúde na imprensa brasileira. [Dissertação]. São Paulo (SP): Universidade de São Paulo; 2000.

Spik MJP, Medrado B, Menegon VM, Lyra J, Lima H. A construção da AIDS-notícia. Cad. Saúde Pública 2001;17 (4): 851-62.

Travassos C, Viancava F, Pinheiro R, Brito A. Utilização dos serviços de saúde no Brasil; gênero, características familiares e condição social. Rev Panam Salud Publica. [on-line] 2002 [acesso em 13 set 2007]; 11 (5-6). Disponível em: URL: http://www.scielosp.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1020-49892002000500011 .

Torrens, RMM. Impacto de las actividades de promoción de la salud en la mujer. Corrigiendo desigualdades. In: La salud de las mujeres hacia la igualdad de género en salud I Congreso Nacional; 2002 mai 9-10; Murcia. Madrid: Instituto de la mujer .

Vogt CA, Melo JM, Camargo VRT et al. C & T na mídia impressa brasileira: tendências evidenciadas na cobertura nacional do jornais diários sobre ciência & tecnologia (biênio 2000-2001). In: Guimarães E, org. Produção e Circulação do Conhecimento (Política, Ciência, Divulgação). Campinas: Pontes Editores; 2001(2). p. 135-79.

Vogt CA, Polino C, org. Percepção pública da ciência: Resultados da pesquisa na Argentina, Brasil, Espanha e Uruguai. Campinas: Editora da Unicamp; 2003.

Wallack L. Improving Health promotion. In: Atkin C, Wallack L. Mass communication and public health. Londres: A Sage Focus Edition; 1990: 147 – 63.

Wallack, L. Mass media and health promotion: promise, problem, and challenge. In: Atckin C, Wallack L. Mass communication and public health: Complexities and conflicts. Londres: A Sage Focus Edition; 1990: 41-51.

Weiss CH. Whats America´s leaders read. Public Opinion Quarterly 1974; 38 : 1-21.

Weston LC, Ruggiero JA. The popular approach to women`s health issues: a content analysis of women`s magazines in the 1970`s. Women & health 1986;10 (4): 47-62.

Wingert P, Kantrowitz B. Is it Hot in Here? Or is it me? The Complete Guide to Menopause. New York:Workman; 2006.

Woloshin S, Schwartz LM. Media reporting on research presented at scientific meetings: more caution needed. MJA 2006 [on-line] [acesso em 10 set 2007]; 184 (11). Disponível em: URL: http://www.mja.com.au/public/issues/184_11_050606/wol10024_fm.html .

Woloshin S, Schwartz LM. Press releases: translating research into news. Jama [on-line] 2002 [acesso em 16 jan 2007]; 287(21). Disponível em: URL: <http://jama.ama-assn.org/cgi/reprint/287/21/2856> .

7. Anexos

7.1. Anexo 1 Ficha manual para coleta de dados

Revista	mês / nº				Disponível em		
	gênero				Textos saúde da mulher		
Textos saúde	nota	notícia	reportagem	entrevista			nota
Total					total		

7.3. Anexo 3. Relação dos textos e temas sobre saúde da mulher

Revista	Edição	Texto saúde da mulher	Tema do texto
Época	376	Fábrica de óvulos	Saúde reprodutiva
Época	376	Legalização em debate	Política, legislação e direito a saúde
Época	377	Ovários: cirurgia causa polêmica	Saúde reprodutiva
Época	377	Diários proibidos	Situações de violência e denúncia
Época	377	Recomendada	Política, legislação e direito a saúde
Época	378	Uma saga de mulheres	Política, legislação e direito a saúde
Época	379	Palpites da vovó	Prevenção, riscos e cuidados
Época	380	A polêmica da dor no feto	Saúde reprodutiva
Época	381	Bonita aos 50	Menopausa e envelhecimento
Época	381	Hormônios a flor da pele	Menopausa e envelhecimento
Época	381	Amor materno	Menopausa e envelhecimento
Época	381	Mais e melhor	Sexualidade
Época	381	A diversidade da beleza	Beleza e estética
Época	381	Sem vergonha	Sexualidade
Época	382	Genes idênticos, saúde nem tanto	Prevenção, riscos e cuidados
Época	382	Pílula sem drama	Saúde reprodutiva
Época	382	Entre a cruz e a crise	Política, legislação e direito a saúde
Época	382	Na escola a todo custo	Situações de violência e denúncia
Época	383	O teste da soja	Prevenção, riscos e cuidados
Época	383	Cesárea em alta	Saúde reprodutiva
Época	384	A guru das grávidas	Saúde reprodutiva
Época	384	Passarelas e carreiras	Prevenção, riscos e cuidados
Época	385	Curta denúncia	Política, legislação e direito a saúde
Época	386	Vacina contra o hpv	Saúde reprodutiva
Época	386	Protituição e fantasia	Sexualidade
Época	387	Vende-se leite materno	Saúde reprodutiva
Época	388	Vítimas da chapinha	Prevenção, riscos e cuidados
Época	388	Para quem tinha dúvidas	Sexualidade
Época	389	O sexo fraco (para bebida)	Saúde mental
Época	389	Melhor amiga	Prevenção, riscos e cuidados
Época	389	Lipoaspirando tudo	Beleza e estética
Época	390	Os segredos da ovulação	Saúde reprodutiva
Época	391	Boas de volante	Saúde mental
Época	399	Pílula reduz o desejo	Sexualidade
Época	399	Sexo em troca de um visto	Situações de violência e denúncia
Época	404	A polêmica da dieta	Prevenção, riscos e cuidados
Época	406	O enigma da menstruação precoce	Saúde reprodutiva
Época	406	Traídas pela mamografia	Prevenção, riscos e cuidados
Época	413	Bendito laser entre as mulheres	Beleza e estética
Época	413	Maquiagem contra a idade	Menopausa e envelhecimento
Época	414	Creme antipoluição	Beleza e estética
Época	417	Quando a beleza atrapalha	Beleza e estética
Época	418	Para mães ainda jovens	Saúde reprodutiva
Época	419	Um chip para as mulheres	Prevenção, riscos e cuidados
Época	419	Xô tristeza	Saúde mental
Época	420	A culpa é do leite	Prevenção, riscos e cuidados
Época	421	Uma vacina contra o hpv	Saúde reprodutiva
Época	421	Elas aproveitam mais	Prevenção, riscos e cuidados
Época	423	Burca faz mal para os ossos	Prevenção, riscos e cuidados

Época	423	Uma injeção contra o cancer	Saúde reprodutiva
Época	423	Laser contra rugas	Beleza e estética
Época	424	O cancer é hereditário?	Prevenção, riscos e cuidados
Época	389	Falidos antes da hora	Saúde geral
Época	392	Morrer pela boca	Saúde geral
Época	410	Olho gordo	Prevenção, riscos e cuidados
Isto É	1870	Sessenta e cinco % dos casos...	Prevenção, riscos e cuidados
Isto É	1873	Mulher inventa camisinha anti estupro	Situações de violência e denúncia
Isto É	1875	Procura-se mulher	Política, legislação e direito a saúde
Isto É	1875	Começa cedo	Saúde reprodutiva
Isto É	1876	França estimula mães a terem terceiro filho	Política, legislação e direito a saúde
Isto É	1876	Moral perversa	Política, legislação e direito a saúde
Isto É	1876	Cuidado com elas	Prevenção, riscos e cuidados
Isto É	1876	Pornografia para mulheres	Sexualidade
Isto É	1878	Vacina poderosa	Saúde reprodutiva
Isto É	1878	Elas também gostam	Sexualidade
Isto É	1879	Alívio nos pés	Prevenção, riscos e cuidados
Isto É	1880	Prevenção na mira	Prevenção, riscos e cuidados
Isto É	1881	Grávida e de malas prontas	Saúde reprodutiva
Isto É	1881	A dor delas	Saúde geral
Isto É	1881	Prazer high tech	Sexualidade
Isto É	1882	A vida seca de Sekura	Saúde mental
Isto É	1883	Barreiras transpostas	Prevenção, riscos e cuidados
Isto É	1884	Gel para o prazer delas	Sexualidade
Isto É	1886	Minha senhora, é melhor no braço	Prevenção, riscos e cuidados
Isto É	1886	Agora sem agulhas	Beleza e estética
Isto É	1892	Sexo nas axilas	Sexualidade
Isto É	1894	Relax papai	Saúde reprodutiva
Isto É	1894	Síndrome do abandono	Saúde mental
Isto É	1894	Crise da meia idade	Menopausa e envelhecimento
Isto É	1896	Comendo com os olhos	Prevenção, riscos e cuidados
Isto É	1896	Elas se acham	Beleza e estética
Isto É	1896	Sutia poderoso	Beleza e estética
Isto É	1897	A biópsia é mais eficaz	Prevenção, riscos e cuidados
Isto É	1897	Proteção contra o alcool	Saúde reprodutiva
Isto É	1898	A verdade do espelho	Beleza e estética
Isto É	1900	Nova fonte de células-tronco	Saúde reprodutiva
Isto É	1901	Ajuda virtual	Saúde mental
Isto É	1901	Garotas precoces	Saúde reprodutiva
Isto É	1903	Vacina anti-hpv	Saúde reprodutiva
Isto É	1903	Vitória da pilula do dia seguinte	Saúde reprodutiva
Isto É	1904	Vida de mula	Situações de violência e denúncia
Isto É	1907	Levadas à força	Situações de violência e denúncia
Isto É	1911	Atração fatal	Situações de violência e denúncia
Isto É	1911	O que o alcool faz a um bebê	Saúde reprodutiva
Isto É	1912	Os últimos avanços contra o cancer de mama	Prevenção, riscos e cuidados
Isto É	1913	Nova cartilha	Política, legislação e direito a saúde
Isto É	1913	Quer gêmeos? tome leite	Prevenção, riscos e cuidados
Isto É	1915	Mis perto da gravidez	Saúde reprodutiva
Isto É	1917	Biquini inteligente	Prevenção, riscos e cuidados
Isto É	1917	Minha mãe é alcoólatra	Saúde mental
Isto É	1871	Doce maturidade	Saúde geral
Isto É	1874	Pressão nos pulmões	Saúde geral
Isto É	1887	Pode ser a tireóide	Saúde geral

Veja	1917	Lgrimas de infelicidade	Saúde mental
Veja	1917	Fofinhas só por decreto	Política, legislação e direito a saúde
Veja	1918	Injeta, amassa, estufa... Para não prejudicar o bebê que nasceu antes da hora	Beleza e estética
Veja	1919	As biofábricas	Saúde reprodutiva
Veja	1920	Desafio precoce	Saúde reprodutiva
Veja	1921	Alívio na hora do parto	Saúde reprodutiva
Veja	1925	Divulgados	Saúde reprodutiva
Veja	1926	Permitido para menores	Beleza e estética
Veja	1929	O país dos solteirões	Política, legislação e direito a saúde
Veja	1930	Só para magras	Beleza e estética
Veja	1932	Dias contados para o vírus hpv	Saúde reprodutiva
Veja	1933	O brilho da maternidade	Saúde reprodutiva
Veja	1933	Sou bi e daí?	Sexualidade
Veja	1936	Ora pílulas	Sexualidade
Veja	1939	Um é bom, dois é demais	Saúde reprodutiva
Veja	1941	Após nove meses de espera, 20 horas na fila	Saúde reprodutiva
Veja	1942	As estrelas resistem	Menopausa e envelhecimento
Veja	1943	O fim do silêncio	Situações de violência e denúncia
Veja	1947	Exterminador de miomas	Saúde reprodutiva
Veja	1955	Luzes, camera e parentes	Saúde reprodutiva
Veja	1956	Dói, mas estica	Beleza e estética
Veja	1958	O que tarda, pode falhar	Saúde reprodutiva
Veja	Especial Mulher	Comprar, comprar e comprar	Prevenção, riscos e cuidados
Veja	Especial Mulher	Os desafios do prazer	Sexualidade
Veja	Especial Mulher	A última do consultório	Prevenção, riscos e cuidados
Veja	Especial Mulher	A estética da fome	Beleza e estética
Veja	Especial Mulher	Os odiosos dois kilos a mais	Prevenção, riscos e cuidados
Veja	Especial Mulher	Esta mulher tem 50 anos	Menopausa e envelhecimento
Veja	1959	Sem tempo para ninharias	Prevenção, riscos e cuidados
Veja	1959	Elas vão de creme e botox	Beleza e estética
Veja	1959	O melhor amigo da mulher	Beleza e estética
Veja	1960	Uma questão de opção	Saúde reprodutiva
Veja	1964	Amor e problemas demais	Saúde reprodutiva
Veja	1965	Uma doença que merece mais atenção	Saúde reprodutiva
Veja	1925	No limite da obsessão	Saúde geral
Veja	1931	Aposentar-se? só na hora certa	Saúde geral
Veja	1933	Sorriso de estrela	Saúde geral
Veja	1933	Cada vez mais cedo	Saúde geral
Veja	1936	O sal do mal	Saúde geral
Veja	1946	Um show de descontrole	Saúde geral
Veja	1962	Quando o cérebro é o medico...e o monstro	Saúde geral
Veja	1956	Autonomia na terceira idade	Saúde geral

7.4. Anexo 4. Tabelas descritivas da amostra, por revista

Tabela 1. Características dos textos sobre saúde da mulher, por revista

Características	Isto É		Veja		Época		Total		Valor p [§]
	n	%	n	%	n	%	n	%	
Gênero									<0,0001 [§]
Nota	31	64,6	6	14	29	52,7	66	45,2	
Reportagem	11	22,9	22	51,2	10	18,2	43	29,5	
Notícia	6	12,5	14	32,6	13	23,6	33	22,6	
Entrevistas	0	0	1	2,3	3	5,5	4	2,7	
Foto/ilustração									0,0079 [§]
Ausente	11	22,9	1	2,3	6	10,9	18	12,3	
Presente	37	77,1	42	97,7	49	89,1	128	87,7	
Origem dos dados									0,0264 [#]
Internacional	24	50	10	23,3	26	47,3	60	41,1	
Nacional	15	31,3	19	44,2	22	40	56	38,4	
Não identificado	3	6,3	1	2,3	0	0	4	2,7	
Mista	6	12,5	13	30,2	7	12,7	26	17,8	
Internacional									0,4990 [§]
América do norte	10	41,7	7	70	16	61,5	33	55	
Europa	7	29,2	1	10	5	19,2	13	21,7	
Ásia, África e Oceania	5	20,8	2	20	2	7,7	9	15	
Não identificado	1	4,2	0	0	3	11,5	4	6,7	
Mista	1	4,2	0	0	0	0	1	1,7	
Nacional									0,0002 [§]
Não identificado	12	80	3	15,8	9	40,9	24	42,9	
Sudeste	2	13,3	14	73,7	7	31,8	23	41,1	
Mista	1	6,7	2	10,5	0	0	3	5,4	
Norte e nordeste	0	0	0	0	2	9,1	2	3,6	
Centro oeste	0	0	0	0	2	9,1	2	3,6	
Sul	0	0	0	0	2	9,1	2	3,6	
Fonte									0,0114 [§]
Científica	21	44	15	35	24	44	60	41,1	
Mista	13	27	25	58	15	27	53	36,3	
Outras	3	6,3	1	2,3	8	15	12	8,2	
Empresa Privada	5	10	2	4,7	2	3,6	9	6,2	
Governo	3	6,3	0	0	5	9,1	8	5,5	
Não identificada	3	6,3	0	0	1	1,8	4	2,7	

[§]Teste Exato de Fisher.

[#] Teste Qui-quadrado.

Tabela 2. Conteúdos sobre saúde da mulher, por revista

Características	Isto É		Veja		Época		Total		Valor p [§]
	n	%	n	%	n	%	n	%	
Categoria									0,3705
Política, legislação e direito à saúde	4	8,3	2	4,7	5	9,1	11	7,5	
Prevenção, riscos e cuidados	11	22,9	4	9,3	14	25,5	29	19,9	
Saúde geral	4	8,3	8	18,6	2	3,6	14	9,6	
Saúde reprodutiva	11	22,9	15	34,9	13	23,6	39	26,7	
Saúde mental	4	8,3	1	2,3	3	5,5	8	5,5	
Situações de violência, exploração e denúncia	4	8,3	1	2,3	3	5,5	8	5,5	
Beleza e estética	4	8,3	7	16,3	6	10,9	17	11,6	
Sexualidade	5	10,4	3	7	5	9,1	13	8,9	
Menopausa e envelhecimento	1	2,1	2	4,7	4	7,3	7	4,8	

[§]Teste Exato de Fisher.

7.5. Anexo 5. Index of Scientific Quality

1 – Applicability

Is it clear to whom the information in the report applies (i.e. to which population the evidence is applicable)

No*		Partially		Yes	
Potentially misleading		Minor lack of clarity		Minimal ambiguity	
1	2	3	4	5	

* i.e a reader might be led to wrongly assume that information applies, when it does not

2- Opinions versus facts

Are facts clearly distinguished from opinions?

No *		Partially		Yes	
Potentially misleading		Statements are attributed to sources, but the underlying evidence is ambiguous		The evidence underlying the main points is clearly cited	
1	2	3	4	5	

* i.e. there are bold statements suggesting there is evidence when no evidence is cited, and it is uncertain there is any

3 – Validity

Is the assessment of the credibility (validity) of the evidence clear and well-founded (not misleading)? (in making this assessment take into account only the explicit message, not the implicit assessment)

no *		partially		Yes	
Not done or potentially misleading		Study designs or type of evidence reported but not properly assessed		Strength of the research methods adequately assessed	
1	2	3	4	5	

* i.e. no indication is given as to how good the underlying evidence is, or the quality of the evidence is misrepresented; where “quality” refers to the strength of the research methods, not statistical significance or consistency among studies

4- Magnitude

Is the strength or magnitude of the findings (effects, risks, or costs) that are the main focus of the article clearly reported?

No *		partially		Yes	
Not done or potentially misleading		The magnitude of effects or risks is reported incompletely or ambiguously		Magnitude of main effects or risks clearly reported (including, if relevant, the baseline risk and dose response relationship)	
1	2	3	4	5	

*i.e. the magnitude (practical importance) of the effects, risks or costs that are the main focus of the article is not reported or is reported in a way that is likely to be misleading

5- Precision

Is there a clear and well-founded (not misleading) assessment of the precision of any estimates that are reported or of the probability that any of the reported findings might be due to chance?

No*	Partially				Yes			
Not done or potentially misleading	Indirectly or not completely; e.g. sample size reported but not properly assessed				Statistical significance or precision adequately assessed			
1	2	3	4	5				

*i.e. a reader might be led to a false assumption regarding the precision of any estimates that are provided, the statistical significance of the findings, or the probability of a type II error if “negative” findings are reported.

6- Consistency

Is the consistency of the evidence (between studies) considered and is the assessment well-founded (not misleading)? (In making this assessment take into account only the explicit message, not the implicit assessment.)

No *	Parcially				Yes			
Not done or potentially misleading	More than one study discussed some ambiguity re how many studies there are or their consistency				Number of studies and consistency (with respect to the direction of their findings) clearly reported			
1	2	3	4	5				

* i.e. no evidence cited or only one study referred to without reference to other relevant research (or the lack of other relevant studies) or cited studies are likely a biased sample of the available relevant research

7- Consequences

Are all of the important consequences (benefits, risks and costs) of concern relative to the central topic of the report identified?

no *	Parcially				Yes			
Potentially misleading	Potentially important benefits, risks and costs are not considered				Most important benefits, risks and costs are clearly identified			
1	2	3	4	5				

* i.e. seemingly important consequences (benefits, risks or costs) are not considered relative to the associations (effects or risks) about which the article is written

8- Global

Based on your answers to the above questions, how would you rate the overall scientific quality of the report?

Low	moderate				High			
Critical or extensive shortcomings	Potentially important but not critical shortcomings				Minimal shortcomings			
1	2	3	4	5				

7.6. Anexo 6. Versão brasileira do Index of Scientific Quality

Índice de qualidade científica

1 – Aplicabilidade

Está claro a quem a informação contida no texto se aplica? (ou seja, a que população a evidência se aplica)?

Não*		Em parte		Sim	
Potencialmente enganoso		Pequena falta de clareza		Ambigüidade mínima	
1	2	3	4	5	

* ou seja, um leitor pode ser levado a pensar que a informação se aplica a determinado público, quando não é o caso

2- Opiniões versus fatos

Os fatos são claramente diferenciados das opiniões?

Não*		Em parte		Sim	
Potencialmente enganoso		Declarações são atribuídas a fontes, mas a evidência que a sustentam é ambígua		A evidência que sustenta os pontos centrais são claramente citadas	
1	2	3	4	5	

* ou seja, há declarações ousadas sugerindo que há evidências quando nenhum a evidência é citada, e é incerto que haja alguma

3 – Validade

A avaliação da credibilidade (validade) das evidências é clara e bem fundamentada (não enganosa)? (ao fazer essa avaliação leve em conta somente a mensagem explícita, não a avaliação implícita)

não *		Em parte		Sim	
Não se avalia a credibilidade ou a avaliação é potencialmente enganosa		Desenho de estudo ou tipo de evidência são relatados mas não avaliados corretamente		Força dos métodos de pesquisa adequadamente avaliada	
1	2	3	4	5	

* ou seja, não há indicação de quão boas são as evidências de base, ou a qualidade das evidências é distorcida; onde “qualidade” se refere à força dos métodos de pesquisa, não a significância estatística ou coerência entre estudos

4- Alcance

A força ou o alcance das conclusões (efeitos, riscos ou custos) que são o ponto central do artigo são claramente relatados?

Não*		Em parte		Sim	
Não é relatado ou o relato é potencialmente enganoso		O alcance dos efeitos ou riscos é relatado de forma incompleta ou ambígua		O alcance dos efeitos ou riscos principais é claramente relatado (incluindo, se relevante, a relação entre o risco basal e a dose de resposta)	
1	2	3	4	5	

*ou seja, o alcance (importância prática) dos efeitos, riscos ou custos que são o foco principal do artigo não é relatado ou é relatado de forma provavelmente enganosa

5- Precisão

Há uma avaliação clara e bem fundamentada (não enganosa) da precisão de quaisquer estimativas que sejam relatadas ou a probabilidade de que quaisquer dos resultados relatados possam ser devidos ao acaso?

Não*		Em parte		Sim	
Não é avaliada ou a avaliação é potencialmente enganosa		Indiretamente ou não completamente: tamanho da amostra relatado mas não corretamente avaliado		Significância estatística ou precisão adequadamente avaliada	
1	2	3	4	5	

*ou seja, um leitor poderia ser levado a uma falsa suposição a respeito da precisão de quaisquer estimativas fornecidas, da significância estatística dos resultados, ou da probabilidade de um erro tipo II se conclusões “negativas” forem relatadas.

6- Coerência

A coerência das evidências (entre estudos) é considerada e a avaliação é bem fundamentada (não enganosa)? (Ao fazer essa avaliação leve em conta somente a mensagem explícita, não a avaliação implícita).

Não *		Em parte		Sim	
Não é considerada ou as considerações são potencialmente enganosas		Mais de um estudo foi discutido e há alguma ambigüidade sobre quantos estudos existem ou sua coerência		Número de estudos e coerência (com respeito à direção de seus resultados) claramente relatados	
1	2	3	4	5	

* ou seja, não há evidências citada ou só um estudo mencionado sem referência a outra pesquisa relevante (ou a falta de outros estudos relevantes) ou estudos citados são provavelmente uma amostra inadequada da pesquisa relevante disponível

7- Conseqüências

Todas as conseqüências importantes (benefícios, riscos e custos) de interesse relativas ao tópico central da reportagem são identificadas?

Não *		Em parte		Sim	
Potencialmente enganoso		Benefícios potencialmente importantes, mas riscos e custos não são considerados		A maior parte dos benefícios, riscos e custos importantes é claramente identificada	
1	2	3	4	5	

* ou seja, conseqüências aparentemente importantes (benefícios, riscos ou custos) não são consideradas com relação às associações (efeitos ou riscos) sobre as quais o artigo é escrito

8- Geral

Com base em suas respostas às perguntas acima, como você avaliaria a qualidade científica geral da reportagem?

Baixa		Moderada		Alta	
Crítica ou deficiências extensas		Deficiências potencialmente importantes mas não críticas		Deficiências mínimas	
1	2	3	4	5	

7.7. Anexo 7. Resposta do autor do questionário original à pesquisadora

Reply Forward

Mariella OliveiraDear Mr. Andrew d Oxman, I read your article about an Index of Scientific qua...

5/16/06

Andy Oxman to me
show details 5/20/06 Reply

Dear Mariella

I have attached some things that might be of interest to you in the work you are doing. Good luck with your project. Please send me a report when you finish, if you write it up in English.

I am not undertaking any research at the time related to journalists. I help to organise a workshop on evidence-based health care for journalists each summer in Colorado (<http://www.uchsc.edu/ebhc/index.htm>) and I am working with a weekly health television program here in Norway with the aim of increasing public understanding and use of health research.

Yours,
andy

3 attachments — Scanning for viruses...

Medical messages.pdf

116K View as HTML

Journalist tipsheet.pdf

415K View as HTML

RM EBHC Workbook 2005 journalists - 07 Resources.doc

135K View as HTML Open as a Google document

Reply Forward

7.8. Anexo 8. Exemplos de gêneros jornalísticos retirados da amostra

Nota

IstoÉ 1931 21/06/2006

Quer gêmeos? Tome leite!

É isso mesmo. Pelo menos segundo uma pesquisa publicada no *Journal of Reproductive Medicine*. Os cientistas acreditam que uma proteína encontrada no leite da vaca estimula os ovários a produzir mais óvulos e também aumenta as chances de sobrevivência dos embriões.

Notícia

Veja 1933 27/11/2005

Dias contados para o vírus HPV

Duas vacinas mostram ser eficazes contra o principal causador do câncer de colo de útero

PaulaNeiva

Durante o 51º Congresso Brasileiro de Ginecologia e Obstetrícia, realizado na semana passada, no Rio de Janeiro, foram apresentados dados bastante animadores sobre duas vacinas contra a infecção pelo vírus papiloma humano, o HPV. Primeiro lugar no ranking das doenças sexualmente transmissíveis, o HPV está associado à quase totalidade dos casos de câncer de colo de útero. Esse tipo de tumor é o terceiro mais comum entre as brasileiras e o quarto que mais mata. A frequência das contaminações pelo HPV e os riscos que ele oferece justificam a grande expectativa em torno das vacinas Gardasil e Cervarix. Em estudos preliminares, ambas se mostraram eficazes na prevenção aos casos de câncer uterino provocados pelos dois tipos mais perigosos de HPV. A Gardasil deve chegar ao mercado no primeiro semestre do ano que vem. Já o lançamento da Cervarix está previsto para 2007.

Há uma centena de tipos de HPV, mas a maioria das infecções é causada por apenas quatro deles. As versões 16 e 18 do vírus são responsáveis por 70% dos casos de câncer de colo de útero. Já os HPV 6 e 11 respondem por 90% das verrugas genitais. Essas lesões podem até deflagrar um tumor, mas esse não é o principal risco oferecido por elas. As verrugas predispõem a disfunções sexuais e deixam suas portadoras extremamente vulneráveis à contaminação por outras doenças sexuais. Uma pessoa contaminada pelo HPV tem dezoito vezes mais riscos de ser infectada pelo HIV, o vírus da aids.

Fabricada pelo laboratório Merck Sharp & Dhome, a Gardasil tem como alvo esses quatro subtipos de HPV. Dessa forma, a vacina é capaz de evitar 70% dos casos de câncer de colo de útero e 90% dos de verrugas genitais. As pesquisas mais recentes envolveram a participação de aproximadamente 12.200 mulheres, entre 16 e 26 anos, em treze países, incluindo o Brasil. As voluntárias foram divididas em dois grupos. Um recebeu placebo e o outro foi imunizado. Desenvolvida pelo Glaxo SmithKline, a Cervarix age contra os subtipos 16 e 18. O último trabalho testou a eficácia da vacina em aproximadamente 1.500 mulheres, um terço delas brasileiras. Os dados mostraram que a imunização com Cervarix previne 70% dos casos de tumores malignos. As jovens antes do início da vida sexual deverão ser o público-alvo das vacinas. A imunização prevê três aplicações – a princípio, de quatro em quatro anos, período de segurança estabelecido pelos estudos feitos até o momento. Não é impossível que novas pesquisas levem à conclusão de que as doses iniciais garantem a imunização por toda a vida. Os médicos acreditam que as vacinas mudarão o curso das contaminações pelo HPV, transformando o câncer de colo de útero numa doença relativamente rara.

Reportagem

Veja - Edição 1947 . 15 de março de 2006
O fim do silêncio

.....
Lucila Soares *Com reportagem de* Fernanda Guirra (Goiânia), José Edward (Belo Horizonte) e Leonardo Coutinho (Belém)



"Quando me casei, larguei meu trabalho para ser secretária do meu marido. Em 2004, depois de dez anos de casada, descobri que ele tinha um caso com uma garota de 16 anos. Pedi a separação. Ele não aceitou e começamos a ter brigas cada vez mais sérias, até o dia em que ele me derrubou com um tapa. Como foi a primeira vez, fiquei calada. Mas aí começou uma fase de violência física constante, e depois de muito apanhar resolvi registrar queixa na Delegacia da Mulher. O mais triste foi quando minha filha (*de outro casamento*) revelou que meu marido a molestava. Consegui na Justiça a separação de corpos e em seguida ele levou todos os móveis da casa. Depois de tudo, eu fui a única que ficou presa. Tenho medo de sair de casa e de que aconteça algo comigo e com minha filha. O mais chocante é que ele é um arquiteto e urbanista, com pós-graduação, que não fumava, não bebia, não se drogava. Era um marido exemplar." **Tammy Santiago**, 38 anos, fluminense, comerciante

Ingrid Saldanha levou oito pontos no nariz e ficou com o olho roxo porque seu marido se irritou no trânsito e bateu nela. Salma Vilaverde levou um murro no queixo porque comprou um armário sem avisar. Sandra Farias foi espancada porque o companheiro a viu no portão com um primo. Tammy Santiago pediu a separação quando descobriu que o marido estava de caso com uma menina de 16 anos. Ele negou e passou a espancá-la. Tammy apresentou queixa na delegacia e acabou dando a senha para que sua filha adolescente tomasse coragem de revelar que o padrasto abusava dela. Ingrid, Salma, Sandra e Tammy vivem a milhares de quilômetros umas das outras. A primeira no Rio de Janeiro, a segunda a 70 quilômetros de Porto Alegre, a terceira em Olinda, a última em Goiânia. Têm profissões diferentes – atriz, produtora cultural, funcionária pública, comerciante – e histórias de vida que poderiam jamais se cruzar. O que as reúne nesta reportagem é a decisão de romper o silêncio, o poderoso e cúmplice silêncio que permite a maridos espancadores continuar aterrorizando a vida de milhões de mulheres em todo o mundo.

Pesquisa da Organização Mundial da Saúde divulgada no ano passado mostra que no Brasil 29% das mulheres relatam ter sofrido violência física ou sexual pelo menos uma vez na vida, sendo que 16% classificaram a agressão como violência severa – ser chutada, arrastada pelo chão, ameaçada ou ferida com qualquer tipo de arma. Apesar disso, 25% não contaram a ninguém sobre o ocorrido e 60% não saíram de casa sequer por uma noite em razão da violência. Menos de 10% recorreram a serviços especializados de saúde ou segurança. A experiência internacional nessa área indica que, em média, a mulher leva dez anos para pedir socorro. O filósofo britânico John Stuart Mill (1806-1873) escreveu em seu célebre ensaio A Sujeição das Mulheres que o recurso à força física por parte dos homens era, no fim do século XIX, o único resquício do tempo das cavernas que ainda resistia ao avanço da civilização. É trágico constatar que no começo do século XXI a brutalidade atávica do forte contra o fraco continue a ser tão prevalente na relação dos casais.

A história de Ingrid estourou nos jornais na terça-feira de Carnaval, depois que seu marido, o ator Kadu Moliterno, lhe deu um soco no carro por causa de uma discussão sobre trânsito. Antes disso, em mais de quinze anos de casamento, nem seu pai, o psiquiatra Ivo Saldanha, sabia do que se passava com ela. As protagonistas das histórias publicadas aqui têm em comum também o fato de pertencer a um grupo social que normalmente considera-se imune a esse tipo de problema. A mulher que apanha, diz o senso comum, é sempre pobre e ignorante, assim como seu marido ou companheiro. Não é o que mostra um cruzamento estatístico produzido especialmente para VEJA pelo Instituto de Segurança Pública (ISP) do Rio de Janeiro. Com base nos boletins de ocorrência registrados nas delegacias fluminenses no ano passado, o ISP revela que 30% das vítimas e dos agressores concluíram pelo menos o ensino médio. A socióloga Tânia Rocha Andrade Cunha debruçou-se exatamente sobre esse universo em sua tese de doutorado na PUC de São Paulo. Intitulado "O preço do silêncio: violência conjugal nas classes média e alta", o trabalho mostra que esse percentual pode ser ainda mais subestimado que os números gerais. A mulher de classe média até identifica a violência mais cedo, porque tem um nível de instrução que lhe dá acesso a conceitos como agressão psicológica, assédio moral, chantagem. Mas, como possui recursos para recorrer à rede privada de serviços e mais preocupação com a repercussão de sua história no círculo profissional ou de amizades, é mais raro que decida denunciar a agressão à polícia. "Elas são dominadas pela vergonha e pelo medo de se expor ao meio social em que vivem", define a pesquisadora.



Sandra Gomide, assassinada pelo ex-namorado Pimenta Neves, em 2000: ele está solto e será julgado em maio

O silêncio em torno desse tipo de violência é resultado de um poderoso coquetel cultural, que coloca a mulher em situação inferior à do homem e, no caso da relação conjugal, mais do que isso. Na cultura patriarcal, o marido acha que tem plenos poderes sobre a mulher. Essa situação banaliza a violência como algo que "faz parte" da vida de qualquer casal. Nessa categoria do "faz parte", tenta-se colocar no mesmo nível os embates verbais mais acalorados que ocorrem em qualquer casamento e agressões físicas que vão de safanões e puxões de cabelo a assassinatos. A banalização da violência doméstica é o pano de fundo que explica a maneira pela qual a sociedade lida com (ou ignora) o problema. É o clássico "em briga de marido e mulher não se mete a colher".

Já seria complicado se fosse só isso. Não é. A trama do relacionamento conjugal é complexa e comporta sentimentos ambíguos. Os homens agressores não são todos estereótipos de monstros. Ao contrário. O que torna o problema difícil de lidar é exatamente o fato de se tratar de seres humanos, com todos os defeitos, qualidades e contradições que isso significa. Muitos cresceram num ambiente violento e aprenderam que esse é o caminho para resolver conflitos.

"A tolerância à violência aumenta à medida que somos expostos a ela", diz Carlos Zuma, diretor do NOOS, instituto carioca que faz atendimento a homens agressores. Nesse caldeirão de contradições, Ingrid Saldanha é a primeira a admitir que Kadu Moliterno é um pai excelente – o que não o impediu de agredi-la várias vezes. E Salma Vilaverde passou anos acreditando que ela era a única pessoa capaz de ajudar o marido a superar os problemas que o levavam a bater nela. "A gente não desiste até secar a última gota de amor", resume. A psicanalista francesa Marie-France Hirigoyen faz uma análise extremamente feliz desse enredo. "De maneira geral, é difícil pensar a violência, o que explica por que temos dificuldade em percebê-la. Não queremos vê-la em nós, mesmo que a aceitação de nossa ambivalência nos permitisse lutar melhor contra ela", diz Marie-France no livro *A Violência no Casal*, recém-lançado no Brasil pela Bertrand Brasil.

O silêncio em torno da violência doméstica tem uma consequência prática negativa sobre os esforços para enfrentá-la: impede o correto dimensionamento do problema. Medir esse fenômeno é um desafio em todo o mundo, mas no Brasil a precariedade estatística é um obstáculo muito, muito longe da superação. Apenas quatro estados – Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul – estão razoavelmente aparelhados, mas as tentativas de uniformização de critérios de coleta e tratamento das informações continuam no terreno das boas intenções. Como a estatística não é apenas um pacote de números, e sim um instrumento de planejamento, isso significa que o Brasil ainda engatinha também nas políticas públicas voltadas para o atendimento à mulher.

Engatinha, mas registra avanços. Até 1985, quando foi criada em São Paulo a primeira delegacia especializada em atendimento à mulher, o machismo e o despreparo tornavam ainda mais penosa a decisão de recorrer à polícia em caso de agressão. Hoje há 340 delegacias desse tipo em todo o país, o que é pouco quando se leva em conta que são 5.500 os municípios brasileiros, mas significa que muito mais gente tem acesso ao serviço atualmente. A criação dessa rede fez explodir o número de queixas. Só em São Paulo, onde está quase um terço (175) das delegacias especializadas, foram registradas quase 300.000 ocorrências entre janeiro e outubro do ano passado. Investiu-se também em treinamento e na criação de uma rede de apoio que torne a queixa policial apenas uma parte do enfrentamento do problema, e não um fim em si. Em muitos casos, a mulher agredida precisa de acompanhamento psicológico e jurídico, ou de apoio para se qualificar profissionalmente e ter condições financeiras de se separar do marido. Em outros, necessita concretamente de proteção. Já existem, embora ainda em número claramente insuficiente, centros de referência (48) e abrigos (81) para atender a esse tipo de situação. A demanda é enorme. No Rio de Janeiro, o Centro Integrado de Atendimento à Mulher (Ciam) faz mensalmente 800 atendimentos entre acompanhamento e casos novos (que somam cerca de 180 por mês). "A demanda da mulher em situação de violência vai além da esfera criminal. Muitas vezes ela não quer dar queixa. Não quer boletim de ocorrência. É um direito dela. E para isso é muito importante ter uma rede jurídica, policial, psicológica", diz Lenira Silveira, diretora da Casa Eliane de Grammont, centro de referência que funciona na capital paulista.

Onde ainda falta avançar, e muito, é no entendimento de uma obviedade: violência contra a mulher é crime. A lei diz isso. Mas, socialmente, só quando a agressão resulta em lesão muito grave ou em morte da vítima ela adquire o status de crime. Ainda assim, sujeito a questionamentos sobre algum motivo que possa justificar a atitude do agressor, como traição ou desespero pelo fim da relação. Essa teria sido, por exemplo, a motivação do jornalista Antônio Pimenta Neves, que aguarda em liberdade o julgamento por haver matado a tiros, em 2000, sua ex-namorada Sandra Gomide. A professora universitária Núbia Conte Haick registrou dezenas de boletins de ocorrência dando conta de agressões pelo marido e acabou assassinada por ele porque decidiu se separar. A legislação brasileira melhorou consideravelmente nessa área, embora com bastante atraso. Só em 1988 a igualdade entre homem e mulher no âmbito doméstico foi consagrada na Constituição. E até 2005 vigorava um

pré-histórico inciso no Código Penal que extinguiu a punibilidade de um esturador se ele se casasse com a vítima ou se ela se casasse com qualquer outra pessoa.

Ainda persistem excrescências. A principal é a inclusão dos crimes domésticos no âmbito da Lei no 9099, que se refere aos crimes chamados "de menor potencial ofensivo". Essa lei foi criada com o objetivo de agilizar a solução de conflitos por juizados especiais, incentivando o acordo entre as partes. É um mecanismo bem-vindo para desafogar o congestionadíssimo Judiciário brasileiro. Funciona muito bem para brigas que comportam compensações financeiras. Mas não para os casos que envolvem a complexa teia de violência que se instala na relação conjugal. Nessas situações, em que a mulher teve de reunir todas as forças para fazer a denúncia e freqüentemente está sendo ameaçada pelo agressor, propor acordo é praticamente coagi-la a recuar. E prever o pagamento de cestas básicas como pena para o agressor aproxima-se do escárnio. "A sensação que existe em relação a esses crimes é de total impunidade", diz Jacira Melo, diretora do Instituto Patrícia Galvão, de São Paulo, ONG que desenvolve projetos sobre direitos da mulher.

Que o diga a professora carioca Vânia Crespo, 47 anos, autora do livro *Assédio Moral*, em que reúne três histórias de violência doméstica construídas com base em sua experiência e nos casos que levantou com outras mulheres. Vânia mergulhou no inferno há quatro anos, quando foi viver com seu companheiro. No começo, eram apenas cenas de ciúme. Em seguida, a situação começou a se agravar, mas, como as brigas se alternavam com pedidos de perdão, flores e promessas de que a história não se repetiria, ela cedeu. A agressão física não tardou e, com ela, vieram a vergonha e o medo de que vizinhos e, principalmente, as filhas escutassem qualquer coisa. "Tornei-me tão submissa que, quando abri os olhos, não sabia mais quem era", resume. Ela acabou tomando coragem, deu queixa na delegacia da mulher, mas, apesar de estar sendo ameaçada, não conseguiu que fosse tomada nenhuma decisão destinada a protegê-la porque não existe o mecanismo legal de prevenção.

Estava prevista para a semana passada a votação de um projeto de lei destinado a corrigir essa distorção. Acabou atropelado por medidas provisórias e espremido entre as sessões destinadas a discutir a cassação de parlamentares, mas deve voltar à pauta nas próximas semanas. O projeto foi redigido com base em discussões feitas em todo o Brasil com entidades femininas e traz como principal mudança a criação de juizados especiais de violência contra a mulher, a exemplo dos que existem para crianças, adolescentes e idosos. Entre outras medidas, o projeto elimina o pagamento de cestas básicas e admite como pena alternativa apenas a freqüência a serviços de reabilitação pelo agressor e estabelece mecanismos de proteção à vítima. A lei tem também um sentido educativo, como define a advogada Leila Linhares Barsted, diretora da Cepia, ONG que se dedica à formulação de políticas públicas voltadas para as mulheres. O fato de a violência contra a mulher ocorrer dentro de um quadro cultural bem delimitado, que a torna "natural" aos olhos da sociedade, não a torna justificável. Já foi "natural" considerar os negros uma raça inferior. Hoje o racismo é crime inafiançável. Suas manifestações cotidianas existem e volta e meia criam polêmica – como a que envolveu o jogador Grafite, do São Paulo, e o argentino Leandro Desábato, do Quilmes, no ano passado. Muita gente achou ridícula a detenção de Desábato "só porque" chamou Grafite de "negro de mierda". Não importa. Agora, no Brasil, todo mundo sabe que racismo é crime e pode dar cadeia. E isso faz toda a diferença. Para os homens espancadores de mulheres, punições severas também fariam a diferença.

Um trama subterrâneo

Estudos sobre violência doméstica mostram a ponta de um iceberg. Pesquisa da Organização Mundial de Saúde divulgada no ano passado revela que, no Brasil, 22% das mulheres que foram agredidas pelo marido, companheiro ou namorado (ou seus ex) não contaram a ninguém. Ainda assim, o quadro é impressionante

- De acordo com a OMS, **29%** das brasileiras relataram ter sofrido violência física ou sexual pelo menos uma vez
- **16%** classificaram a agressão como violência severa (ser chutada, arrastada pelo chão, ameaçada ou ferida com qualquer tipo de arma)
- **60%** não abandonaram o lar sequer por uma noite por causa da violência. E **20%** saíram de casa uma vez – depois voltaram
- No Rio de Janeiro, pesquisa do Instituto de Segurança Pública mostra **47 770** casos de lesão corporal dolosa contra mulheres registrados no ano passado. Em 87,3% das vezes, a vítima conhecia o agressor, e **53,5%** dos agressores eram casados ou mantinham algum envolvimento amoroso com a vítima
- A mesma pesquisa mostra que **30%** de vítimas e agressores concluíram pelo menos o ensino médio
- Segundo a Anistia Internacional, na União Européia morrem **600** mulheres por ano vítimas de violência doméstica
- Na França, de acordo com o mesmo relatório, **67%** dos homens que agredem suas mulheres têm o curso superior completo

"Eu tinha só 14 anos quando a gente se conheceu e ele sempre teve muito ciúme. É até engraçado, porque o famoso e bonitão era ele. Mas o fato é que desde o início do meu casamento volta e meia os desentendimentos terminavam em violência física. A gente se separava e depois voltava. Passei muito tempo evitando enxergar, acreditando no amor, tentando preservar a família. O Kadu é um ótimo pai, do tipo que acorda cedo para fazer vitamina para as crianças, ajuda a fazer o dever de casa. Eu não queria privar os meninos dessa convivência, mas hoje consigo enxergar que isso foi um erro. Numa situação de violência a auto-estima fica lá embaixo, você não consegue produzir nada, só uma fantasia de que aquilo tenha algum futuro. Acaba se prejudicando e também prejudica a família. No Carnaval, quando ele me bateu, acabei explodindo e expondo todo mundo exatamente da maneira que sempre lutei para evitar." **Ingrid Saldanha**, 32 anos, carioca, atriz

"O sofrimento da minha cunhada começou um dia depois do casamento. Ela apanhou do marido ainda na lua-de-mel. Mas, por medo e vergonha, ela dizia que havia caído ou se batido. A família demorou a saber o que se passava, mas ela fez várias denúncias à polícia. Dezenas de boletins de ocorrência e laudos do Instituto Médico Legal que comprovaram as agressões que ela sofria não foram suficientes para colocar o Ismael (*Haick, ex-marido de Núbia*) na cadeia. Fui uma testemunha do terror que esse homem impôs a toda família. Um dia, já depois da meia-noite, recebi um telefonema da babá dos meus sobrinhos dizendo que Núbia não havia chegado em casa. Na hora eu pensei: meu Deus, perdemos a Núbia. Na manhã seguinte fomos à delegacia e soubemos que um corpo de mulher havia sido encontrado num matagal. Quando reconheci o corpo no IML, fui tomado pela revolta. Todas as denúncias que a Núbia apresentou à polícia não serviram de nada para evitar que ela fosse morta."

Nelson Furtado, cunhado da professora Núbia Conte Haick, de 42 anos, assassinada no ano passado pelo ex-marido



Entrevista

Época Edição 389 31/10/05

SAÚDE

O sexo fraco (para bebida)

Psiquiatra americana adverte que o alcoolismo é mais grave em mulheres, tanto pela biologia feminina quanto pelo estigma social

VALÉRIA BLANC

A professora de Psiquiatria Clínica da Universidade do Estado de Nova York Sheila Blume foi pioneira no tratamento por gênero em alcoólatras. Segundo ela, a mulher precisa ser cuidada de forma diferente que os homens. Entre os dias 2 e 5 de novembro, a psiquiatra estará no Rio de Janeiro, onde participará do Simpósio Internacional sobre Álcool e Drogas. Em entrevista a ÉPOCA, Sheila diz que a alcoólatra é mais discriminada socialmente.

SHEILA BLUME

■ Posição atual

Professora da Universidade do Estado de Nova York

■ Atividades

Diretora do comitê americano que regula jogos na internet e ganhadora do prêmio da Associação das Mulheres Médicas Americanas

Foto: Divulgação



ÉPOCA - O que há na química do organismo da mulher que a faça merecer tratamento diferenciado?

Sheila Blume - O alcoolismo sempre foi considerado uma doença de homem e os métodos de tratamento foram projetados para eles. Só recentemente as pesquisas revelaram que as mulheres são diferentes nos aspectos biológicos, psicológicos e sociais. O estômago das mulheres tem menor quantidade de uma enzima, chamada álcool desidrogenase, que quebra o efeito da bebida. Portanto, absorve uma parcela maior do álcool ingerido. Isso, combinado ao peso e ao mais baixo índice de água no corpo, em comparação aos homens, significa que nelas os níveis de álcool no sangue, ao tomarem a mesma dose da bebida, atingem patamares mais elevados. As mulheres ficam mais rapidamente embriagadas. Como costumamos dizer, o alcoolismo em mulheres é como 'locomotiva em alta velocidade numa ponte que acaba no meio'.

O estômago das mulheres tem menos quantidade de uma enzima que quebra o efeito da bebida

ÉPOCA - Como assim?

Sheila - Bem, além de desenvolverem alcoolismo mais rápido que os homens, as mulheres têm uma taxa mais elevada de mortalidade que eles. E, se ficarem grávidas, podem prejudicar seus filhos de forma permanente.

Aproximadamente 5% das mulheres nos Estados Unidos sofrem de dependência de álcool

durante um ano. Estima-se que 8% das americanas vão passar por um período de dependência de álcool em algum período da vida. Pelas informações que tenho, a taxa no Brasil é similar. O problema é que a maioria das mulheres alcoólatras não busca o socorro de que precisa.

ÉPOCA - Há alguma predisposição genética?

Sheila - Sim, como nos homens. Mas não é uma doença genética. Sejam quais forem seus genes, se você nunca tomar uma bebida, nunca contrairá a doença. Há também os fatores ambientais e psicológicos que devem ser levados em conta. Os fatores de risco incluem histórico familiar, em especial, de abuso sexual na infância. Também transtornos de depressão e ansiedade, stress pós-traumático, exposição à cultura da bebida pesada, além de mudanças na vida, tais como sair de casa, iniciar um trabalho não-tradicional, casamento, principalmente com um homem que bebe muito, divórcio ou mágoas de amor.

ÉPOCA - É difícil aceitar na sociedade alcoolismo em uma mãe, irmã ou na esposa?

Sheila - O estigma social é poderoso. Mesmo as famílias costumam negar a existência do alcoolismo pela mesma razão. Pensam defender a parente, dizendo que talvez ela esteja deprimida. Só que, infelizmente, os dois problemas costumam caminhar juntos. O complicador é que mulheres alcoólatras freqüentemente negam seus problemas. A melhor maneira de identificar o alcoolismo é estar atento aos sintomas dos pacientes em todas as práticas médicas. Aqueles em que se verifica uma tendência devem ser inquiridos sobre sua forma de beber e sobre sintomas relacionados. Por exemplo, algumas mulheres alcoólatras (mas não todas) terão apagões (perdas de memória). Não conseguem lembrar como foram parar na cama depois de beber, ou coisas que disseram ou fizeram.

ÉPOCA - É verdade que o álcool faz despertar mais facilmente o apetite sexual nas mulheres?

Sheila - Na verdade, é o contrário. E ainda interfere no alcance do orgasmo, dificultando-o. Pensam que o álcool pode ajudá-las a ter um sexo melhor. Continuam a beber. Daí, acham que seus problemas sexuais são coisa da cabeça delas ou do corpo. Em geral, não são alertadas de que o álcool em excesso atuará como fator depressivo sexualmente. Há ainda o problema de que a mulher que bebe muito é menos conscienciosa. Ela pode se sentir mais atraente, mas pode também ser imprudente nos riscos com o sexo, por exemplo não praticá-lo seguramente, com o uso de camisinha, e acabar contraindo uma doença sexualmente transmissível como Aids.

"Elas pensam que o álcool pode ajudá-las a ter sexo melhor. Continuam a beber. Mas não são avisadas de que o álcool em excesso atua como fator depressivo"

ÉPOCA - Como é o tratamento para mulheres?

Sheila - Nos Estados Unidos e na Europa, mulheres são tratadas por equipes médicas. Há os clínicos, freqüentemente os psiquiatras, assistentes sociais, psicólogos e conselheiros treinados. Tratamentos individuais, em grupo e familiares são adotados. Elas são também encorajadas a freqüentar os grupos de ajuda mútua, como o AA. Para ter uma idéia, cerca de um terço de seus membros nos Estados Unidos é de mulheres. Como disse, as mulheres aceitam rapidamente ajudar outras na mesma situação. E essa procura por ajudar é parte de sua própria recuperação. Tudo leva um tempo. Até porque ser alcoólatra não é como estar numa festa e não voltar para casa. É uma doença dolorosa.